

Camila Silva Marques Serrati

**DesmedicalizArte: a Psicologia Escolar construindo práticas
desmedicalizantes com professoras e educadoras**

**Uberlândia, MG
2020**

Camila Silva Marques Serrati

**DesmedicalizArte: a Psicologia Escolar construindo práticas
desmedicalizantes com professoras e educadoras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Anabela Almeida Costa e Santos Peretta.

**UBERLÂNDIA, MG
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S487d Serrati, Camila Silva Marques, 1994
2020 DesmedicalizArte [recurso eletrônico] :a psicologia escolar
construindo práticas desmedicalizantes com professoras e educadoras /
Camila Silva Marques Serrati. - 2020.

Orientadora: Anabela Almeida Costa e Santos Peretta.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5012>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Psicologia. I. Peretta, Anabela Almeida Costa e Santos, 1975,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU:159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 358, PGPSI				
Data:	Quinze de outubro de dois mil e vinte	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	11812PSI009				
Nome do Discente:	Camila Silva Marques Serrati				
Título do Trabalho:	"DesmedicalizArte: a Psicologia Escolar construindo práticas desmedicalizantes com professoras e educadoras"				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Medicalização da Educação.				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Camila Turati Pessoa - UFU; Nilza Sanches Tessaro Leonardo - UEM; Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, orientadora da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por webconferência, sendo que a Prof.^a Dr.^a Camila Turati Pessoa, participou desde a cidade de Uberlândia-MG, a Prof.^a Dr.^a Nilza Sanches Tessaro Leonardo participou da cidade e Maringá - PR, e a orientadora e a discente participaram desde a cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu

dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, Professor(a) do Magistério Superior**, em 15/10/2020, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Turati Pessoa, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Usuário Externo**, em 22/10/2020, às 13:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2309383** e o código CRC **702DC675**.

Camila Silva Marques Serrati

DesmedicalizArte: a Psicologia Escolar construindo práticas desmedicalizantes com professoras e educadoras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação
Orientador(a): Prof^a Dr^a Anabela Almeida Costa e Santos Peretta.

Banca Examinadora

Uberlândia-MG,

Prof. Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Camila Turati Pessoa (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Nilza Sanches Tessaro Leonardo (Examinadora)
Universidade Estadual de Maringá – Maringá, Paraná

Prof. Dra. Luciana Guimarães Pedro (Examinadora Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

**Uberlândia, MG
2020**

Aos meus pais, por todo amor, zelo e dedicação para que eu pudesse chegar até aqui. Por me ensinarem que a Educação é o caminho para mudança de vida. Por me incentivarem a não só ter contato com a Arte, mas vivê-la, desde criança.

A todas as pessoas que acreditam que a Arte e a Educação pública de qualidade são grandes potências transformadoras.

Agradecimentos

“Aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas e é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá e é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar.”
- Gonzaguinha.

Agradecer não é tão simples quanto parece. Enquanto pensava sobre como demonstrar minha gratidão, pesquisei no dicionário o significado da palavra “agradecer” em busca de inspiração para esta seção tão importante. Dentre alguns significados, encontrei a palavra “reconhecer”, e gostaria de começar com ela.

Quero iniciar essa escrita reconhecendo que foi e é um trabalho feito por muitas mãos, muitas vozes, olhares de diferentes ângulos e pés que caminharam jornadas distintas. Essa Dissertação não existiria, se não fosse o coletivo. Reconheço que é um trabalho feito por *nós*, e tentarei ser o mais justa possível ao trazer nomes e momentos que me marcaram e construíram a pesquisadora que tenho me tornado. Porém, seria impossível contar todos os nomes de todas as pessoas que caminharam comigo, portanto: agradeço imensamente a todas e todos que cruzaram meu caminho desde a graduação, vocês são parte da minha transformação!

Inicialmente agradeço à minha mãe, Silene, e a meu pai, Deiby, que sempre me incentivaram, apoiaram e me ensinaram valores que carrego não só no trabalho como pesquisadora, mas, para a vida, como humildade, simplicidade, empatia, amor e sensibilidade. Obrigada por depositarem em mim a confiança de que eu chegaria até aqui, obrigada por toda a dedicação e esforço. Espero um dia poder retribuir ao menos um pouco do tanto que recebi de vocês, com amor, sempre.

Ao meu irmão, Douglas, por sempre ajudar com as partes técnicas que, por vezes, eu não conseguia resolver. Obrigada também por sempre ser companhia nos dias em que o

cansaço chegava com força, por ser diálogo e troca. Você é essencial aos meus dias!

À Stéfane, minha amiga de infância, minha irmã, obrigada por cada cafezinho em que você fez tudo ficar mais leve. Os 20 anos de amizade me trazem muita certeza de nossa cumplicidade, independente dos rumos da vida, além de me encherem de alegria. Obrigada por ser presente, sempre.

Ao meu amado Bruno, parceiro nessa caminhada, na qual vivemos grandes transformações. Obrigada pelo acolhimento, pelos sorrisos compartilhados e por não me deixar esquecer de que posso sempre mais. Agradeço a você, seus pais e sua irmã.

À Carol, artista genial, minha cunhada e grande amiga, obrigada por sempre me abrir os olhos! Nossas trocas ricas e o ensaio fotográfico, que vivenciei em seu trabalho, me transformaram: é sobre isso que falo nessa pesquisa, sobre o poder transformador da Arte. Obrigada por ter me proporcionado essa vivência!

À Anabela, minha orientadora, uma “mãezona”. Você é uma mulher forte, e inspiradora. Você me ensinou que sempre existem caminhos possíveis, por mais que eles não sejam tão fáceis de enxergar. Mostrou-me que eu precisava viver mais a Arte, me apresentou de perto o Fórum sobre Medicalização, me convidou a lutar e a ser uma pessoa mais engajada nas lutas que acredito. Os encontros com você e a pequena Isis sempre foram fonte de leveza e ânimo. Anabela para mim é sinônimo de força e coragem, sou extremamente grata por conviver com você e ter caminhado de tão perto assim! Definitivamente, uma professora, pesquisadora, mãe, mulher, orientadora que me marcou, ajudou e me fortaleceu enquanto pessoa e profissional.

A todas as professoras de Psicologia Educacional e Escolar da Universidade Federal de Uberlândia, pela disposição e por, cada uma a seu modo, me incentivarem a trabalhar na área.

Aos amigos do programa de pós-graduação, obrigada pelas trocas, reflexões e tantos

aprendizados possibilitados junto de vocês!

Aos familiares e amigos que se fizeram presentes, mesmo que à distância, acompanhando minha trajetória, apoiando nos momentos bons e nos difíceis também.

À turma 80ª do curso de Psicologia da UFU, na qual vivenciei o estágio em docência, não sei se a palavra “obrigada” dá conta de transmitir o quanto fui privilegiada por cada aula ministrada. Sou grata pelos olhos que me miraram, pelos ouvidos dispostos a manhã toda, pelas palavras que saltaram de vocês em diversos momentos. Dizer obrigada não é suficiente, mas é tudo o que tenho neste momento, para reconhecer as mãos de cada um nessa Dissertação. O estágio em docência na turma 80 está entre os melhores momentos que vivi na pós-graduação.

A cada educadora e professora participante dessa pesquisa, por aceitarem participar e por compartilharem tanto sobre suas vidas e seu trabalho. Sem a presença e a voz de vocês, sem nossa parceria, este trabalho não seria possível.

Quero agradecer também à Instituição participante, pelo espaço e tanta disponibilidade que nos foi dada.

À banca de qualificação, pelas contribuições ricas e que me abriram novos olhares e possibilidades, fazendo com que o trabalho crescesse em potência. À Profª Drª Paula Cristina Medeiros Rezende, que me incentivou a tirar palavras tão importantes do rodapé e colocá-las no texto, me convidando a pensar nos rumos da minha escrita. À Profª Drª Nilza Sanches Tessaro Leonardo, pelas indicações de enriquecimento e transformações para o trabalho, que me levou a pensar em todo o trajeto da pesquisa, para reformulações que acresceram ao trabalho. Agradeço ainda pela disposição e disponibilidade em acompanhar a escrita e compor a mesa da defesa.

A todos os servidores do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, em especial Adriana, por sempre auxiliar em todas as questões técnicas e práticas, sempre disposta, disponível e com um sorriso acolhedor!

A todos que fizeram parte da minha caminhada e que ajudaram a construir este trabalho, seja com palavras, com presenças, me enviando e me apresentando novas músicas, escritos, artistas, me acompanhando em peças teatrais... Foram tantas pessoas e tantos momentos! Não cabe em linhas a importância de cada pessoa em minha vida e em meu trabalho. Escrevo esses agradecimentos como forma de reconhecer que vocês foram essenciais para a existência desse trabalho. Obrigada a todas e todos!

Resumo

Neste estudo, buscamos investigar quais as contribuições da Arte na atuação do psicólogo escolar junto a profissionais da educação, buscando a compreensão e transformação do olhar-professor e de outros fatores (institucionais, relacionais, sociais, políticos) envolvidos na medicalização da educação, para que possamos construir práticas desmedicalizantes. A Medicalização da Educação é compreendida como o vasto procedimento de transformação de aspectos humanos e intrínsecos ao processo de escolarização e aprendizagem sob a ótica de compreensão e intervenção do olhar médico. O trabalho da Psicologia requer a todo o momento (re)pensar, partilhar e modificar as práticas, abrangendo os profissionais com os quais atua. Propusemos quatro Encontros Reflexivos, em grupo, com duas horas de duração cada, em uma Instituição pública de Educação Infantil da cidade de Uberlândia – MG, contando com a participação voluntária de 19 professoras e educadoras dessa escola. Reunimo-nos quinzenalmente durante dois meses e, em cada encontro, buscamos articular teoria e prática, construindo momentos de troca e estudos junto às participantes, sobre aspectos que envolvem seus olhares e seus fazeres, que são formas de expressão de tais olhares. Nos Encontros Reflexivos, intentamos provocar transformações nos aspectos cognitivos, afetivos, sociais, para com isso, criar práticas desmedicalizantes. Para isso, escolhemos a Arte como nosso guia, pois, de acordo com a Psicologia Histórico Cultural, que fundamenta esse estudo, ela fomenta o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, aumenta o repertório cultural, a criatividade, e possibilita novas e diferentes formas de expressão, indispensáveis para a atividade docente. Para que o profissional lance um olhar acolhedor, atento ao modo de ser e fazer dos estudantes, um olhar que propõe atividades que fujam da padronização, que gerem processos de aprendizagem, e valorize as singularidades dos sujeitos é preciso que o próprio vivencie e apreenda o que irá construir, para então colocar em prática com outrem. Os encontros abordaram temáticas que discutiram o fenômeno da Medicalização da Educação e que poderiam contribuir para a construção de práticas desmedicalizantes, como: O olhar-professores; A Medicalização dentro dos muros da escola; O trabalho do psicólogo aliado ao professor; Construindo práticas desmedicalizantes. Foram analisados os registros realizados pelas participantes em cada encontro, na Caixa do Grupo; no Diário de Bordo da pesquisadora e a transcrição das gravações do áudio dos encontros. A partir da leitura do material elencamos os seguintes eixos de análise: a) Os olhares e as práticas da psicóloga escolar; b) O que faz a psicóloga na escola?; c) Reflexões sobre Educação e Arte; d) Construindo práticas desmedicalizantes. Assim, compusemos algumas interlocuções buscando estabelecer diálogos entre Desmedicalização da Educação, Arte e Psicologia visando transformações das práticas diárias em Educação. As ferramentas oferecidas para que repensassem sua prática, aliadas à Arte, se mostraram muito potentes não só na construção de práticas desmedicalizantes, como também contribuíram para o desenvolvimento profissional e pessoal das participantes, levando-as a ressignificar vivências da infância e modificar práticas em sala de aula. Além disso, possibilitaram o fortalecimento profissional e pessoal de cada uma, quanto potencializaram a coletivização de situações que antes viviam de maneira individualizada. Salientamos a importância do psicólogo educacional e escolar inserido nestes contextos, e principalmente ressaltamos a Arte como elemento diferenciado de trabalho, construindo fazeres que visem contribuir tanto com o campo da Psicologia como da Educação.

Palavras-chave: Psicologia Educacional e Escolar; Psicologia Histórico-Cultural; Arte; Medicalização da Educação.

Abstract

In this study, we seek to investigate the contributions of Art in the performance of the school psychologist with education professionals, seeking to understand and transform the look of the teacher and other factors (institutional, relational, social, political) involved in the medicalization of education, so that we can create demedicalizing practices. The Medicalization of Education is understood as the vast procedure of transforming human aspects and intrinsic to the process of schooling and learning as a target for medical understanding and intervention. The work of Psychology requires at all times to (re) think, share and modify practices, including the professionals with whom it works. We proposed four Reflective Encounters, in groups, lasting two hours each, in a public institution of Early Childhood Education in the city of Uberlândia - MG, with the voluntary participation of 19 teachers and educators from that school. We meet every two weeks for two months and, in each meeting, we seek to articulate theory and practice, collectively creating moments of sharing and studies with and for the participants, about aspects that involve their way to look at situations and their actions, which are ways of expressing such looks. In Reflective Encounters, we try to bring about changes in cognitive, affective, social aspects, in order to create demedicalizing practices. For this, we chose Art as our guide, because, according to Cultural Historical Psychology, which underlies this study, it fosters the development of higher psychic functions, increases the cultural repertoire, creativity, and enables new and different forms of expression, indispensable for teaching activity. In order for the professional to take a welcoming look, attentive to the students' way of being and doing, a look that proposes activities that deviate from the standard, that generate learning processes, and that value the subjects' singularities, it is necessary that the individual himself experiences and apprehends what will be built, and then put into practice with others. The meetings addressed topics that discussed the phenomenon of Medicalization of Education and that could contribute to the construction of demedicalizing practices, such as: The view of teachers; Medicalization within the school walls; The work of the psychologist allied to the teacher; Creating demedicalizing practices. The records made by the participants at each encounter at the Group's Caixa were analyzed; in the researcher's journal and the transcription of the audio recordings of the meetings. From the reading of the material, we list the following axes of analysis: a) The views and practices of the school psychologist; b) What does the psychologist do at school?; c) Reflections on Education and Art; d) Creating demedicalizing practices. Thus, we composed some interlocutions seeking to establish dialogues between Demedicalization of Education, Art and Psychology aiming at transformations of daily practices in Education. The tools offered to rethink their practice, allied to Art, proved to be very powerful not only in the creation of demedicalizing practices, but also contributed to the professional and personal development of the participants, leading them to reframe childhood experiences and modify practices in the classroom of class. In addition, they made possible the professional and personal strengthening of each one, as they potentiated the collectivization of situations that were previously lived in an individualized way. We emphasize the importance of the educational and school psychologist inserted in these contexts, and mainly we emphasize Art as a differentiated element of work, creating practices that aim to contribute to both the field of Psychology and Education.

Keywords: Educational and School Psychology; Historical-Cultural Psychology; Art; Medicalization of Education.

Sumário

1. Apresentação	13
2. Psicologia Histórico-Cultural: Alguns pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa	21
3. Breve Histórico da Medicalização da Educação no Brasil e a atuação da Psicologia Frente essa realidade	27
4. Psicologia e Arte: Quem não se movimenta não percebe as amarras que o prendem, e então, a Arte pede passagem!	44
5. Percurso Metodológico	55
5.1 A Construção da Proposta	56
5.2 Os Encontros Reflexivos	60
5.3 Os caminhos trilhados nos Encontros Reflexivos	62
5.3.1 Primeiro Encontro Reflexivo	62
5.3.2 Segundo Encontro Reflexivo	66
5.3.3 Terceiro Encontro Reflexivo	69
5.3.4 Quarto Encontro Reflexivo	71
5.3.5 Registro das Informações e Análise	74
6. Recontando e Elaborando histórias	78
6.1 Contextualizando	78
6.2 Os olhares e as práticas do psicólogo escolar e do professor – “Quando a gente ouve, o olhar aumenta!”	80
6.3 O que faz a psicóloga na escola? – A voz das participantes	83
6.4 Reflexões sobre Educação e Arte – “A gente quer Arte pra nós!”	90
6.5 Construindo práticas desmedicalizantes	94
7. Considerações Finais	103
8. Referências	111
9. Apêndices	119
9.1 Apêndice A – Convite	119
9.2 Apêndice B – Transcrição dos Encontros	120



A potência de um olhar: Registro fotográfico realizado durante o primeiro Encontro Reflexivo, 2018.

1. Apresentação

As vozes que me construíram: da aluna à pesquisadora

“... Nosso país
Nosso lugar de fala
O meu país
É meu lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala
Nosso país
Nosso lugar de fala...”.
Elza Soares (2018)

Falar de nós mesmos é sempre um processo demorado e muito bonito e a escrita de um estudo como este não consegue conter a quantidade de vivências e transformações pelas quais passamos até chegar aqui. A minha trajetória acadêmica foi desafiadora: sempre me interessei pelas disciplinas e temáticas que traziam os processos de constituição do ser humano. Foi quase como se não houvesse escolha... Uma sensação de pertença! Outras temáticas atraíram minha atenção, mas foi passageiro.

Depois de explorar alguns terrenos, aproximei-me especialmente da Psicologia Histórico-Cultural, cujo expoente principal é o pensador soviético Lev S. Vigotski. Esse autor destaca as interações sociais e a cultura como imprescindíveis na constituição do sujeito e no desenvolvimento do psiquismo humano. Meus laços com a área de Psicologia Educacional e Escolar foram se aprofundando cada vez mais a partir das disciplinas que surgiram ao final do curso, pois me foi proporcionada a oportunidade de realizar estágios em instituições escolares nas quais essa ligação foi apenas se fortalecendo, mesmo diante das dificuldades relacionadas à prática do psicólogo escolar.

Ao final da graduação, me encontrei extremamente curiosa acerca do papel do psicólogo diante do atual cenário da Educação, e de como suas ações poderiam contribuir nas relações, nas práticas diárias, na formação e transformação do ser humano, lindamente

trabalhando em conjunto com todos os sujeitos que compõe o espaço educacional. Toda essa curiosidade culminou no meu trabalho de conclusão do curso: “A queixa escolar: os olhares e as vozes das famílias”, no qual fui orientada pela Prof^a Dr^a Viviane Prado Buiatti, com quem pude desenhar novos caminhos, pesquisar, aprender e viver experiências que me levaram a edificar laços fortes. A atenção e cuidado que me foram doados ao longo do processo de pesquisa no trabalho citado, compõem a minha formação até o presente momento, pois foram os olhares e as palavras lançadas sobre mim no tempo de aluna de graduação, que me trouxeram até o lugar de pesquisadora, onde tenho o privilégio de poder buscar contribuir com a construção de uma Educação que faça sentido para aqueles que compõem cada comunidade escolar (entendendo que são compostas por demandas e especificidades diversas, de acordo com o contexto em que estão inseridas). Em meu trabalho de conclusão de curso tratei das queixas escolares a partir da perspectiva da família, e o que encontramos foi um abismo entre o discurso da família e o das escolas e profissionais da saúde. Esse estudo se transformou em um capítulo de livro¹... Sem perceber eu ia me aproximando à temática da Medicalização da Educação: investigando, junto às famílias, a forma como tantas queixas eram produzidas e como tantas crianças cheias de potência chegavam à clínica com laudos e diagnósticos incoerentes!

Além de tudo isso, outro agente formador em todo esse meu processo de crescimento foi a Arte. Posso contar que ela faz parte da minha formação e do meu ser desde a infância, mais especificamente, desde os quatro anos de idade – quando ingressei em escolas de música, dança, teatro e pintura. Todas as minhas vivências “artísticas”, por mais variadas que fossem, sempre permearam meu caminho, estruturando, solidificando e, inúmeras vezes, guiando minha forma de ver, ouvir, falar, enfim de ser e viver. Acredito que devido a esse

¹ Buiatti, V. P.; Serrati, C. S. M. A queixa escolar: os olhares e as vozes das famílias. In: Claudio Gonçalves Prado; Fernanda Duarte Araújo Silva; Vilma Aparecida de Souza. (Org.). HISTÓRIA, POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS olhares sobre a docência e a gestão. 1ed.Ituiutaba: Barlavento, 2017, v. 1, p. 347-375.

envolvimento desde cedo, a Arte sempre me alcançou ao longo da vida e me acompanha até hoje.

Escrevendo esta breve retrospectiva, consigo visualizar minha trajetória escolar e acadêmica com a Arte constantemente se apoderando e tomando um lugar de destaque em minhas atividades. No curso de Psicologia, logo no primeiro semestre, na disciplina *Psicologia: Ciência e Profissão*, ministrada pela professora Silvia, pude estabelecer diálogos que carregavam Arte, visto que havia a exposição de recursos estéticos seguida de conversas e reflexões acerca do que era apresentado. Além disso, tive a oportunidade de vivenciar um papel em uma peça de teatro que foi apresentada ao final da disciplina, como parte do portfólio que contava um pouco do que foi feito ao longo do semestre. Depois, ao longo da graduação a Arte já não aparecia tanto, mas sempre busquei usá-la como refúgio e também sustentação para pensar as práticas em Psicologia Educacional e Escolar.

Sendo assim, tive a oportunidade de viver experiências que possibilitaram o estabelecimento de relações entre as duas temáticas, Psicologia e Arte. Conforme fui pintando meu caminho, a área acadêmica apareceu como uma possibilidade para continuar os estudos na área da Psicologia Educacional e Escolar². Para onde seria possível carregar a Arte e participar do processo de fazer da academia um espaço em que a Arte seja vista como agente importante de formação e transformação constante do ser.

Chegando aos dias mais recentes, devo enfatizar o feliz reencontro na pós-graduação *stricto sensu* com a Prof^a Dr^a Anabela Almeida Costa e Santos Peretta (IPUFU), professora com a qual sempre quis trabalhar na graduação; nossos caminhos foram se desenhando e nos trouxeram a este momento de nossas vidas. Como disse, um feliz encontro! Foi então que tive os olhos descortinados e percebi que as possibilidades de estudo e trabalho no campo da interface da Psicologia Educacional e Escolar com a Arte são inúmeras! Ao olhar para as suas

² Barbosa e Souza (2012) mostram que o termo educacional se refere a estudos que abordam aspectos educacionais sob o olhar da Psicologia. O termo escolar foi estabelecido depois e estaria ligado à atuação da Psicologia no campo da Educação, utilizando-se dos conhecimentos produzidos na área.

contribuições no cenário da Educação, vejo o quanto caminhamos e o quanto ainda podemos caminhar.

Dentre os inúmeros aprendizados, gostaria de enfatizar um dos que considero ser o mais importante: compreendi que antes de falar sobre algo que tanto nos afeta, como é o caso da Arte, preciso viver aquilo que quero contar. Afinal de contas, fazer arte é ir a lugares distantes, esquecidos, agradáveis ou desconcertantes. Fazer, viver, falar de arte é sempre algo invasivo, no sentido de que nos toca de diferentes modos, sempre nos invadindo de alguma maneira. O encontro com minha orientadora me trouxe não apenas conhecimentos teóricos, mas também, vivências com a arte de forma tão intensa que posso afirmar que ao finalizar a escrita deste trabalho, sou outra pessoa. Assisti muito mais peças teatrais, visitei museus mineiros e baianos – durante o “*V Seminário Internacional A Educação Medicalizada: Existirmos a que será que se destina?*” que aconteceu em Salvador – BA. Ouvi novas e antigas canções com outros ouvidos, li incontáveis poemas e os empreguei em meu dia a dia; e cheguei a ter contato com alguns artistas da própria cidade de Uberlândia – MG.

A respeito do evento em Salvador, preciso dizer que, junto aos inúmeros aprendizados e novos olhares acerca da temática da medicalização, trouxe também muitas mudanças que me constituem para além da pesquisa. No “*V Seminário Internacional A Educação Medicalizada*” vi o quanto nossa luta é grande; em contrapartida percebi o quanto somos muitos, temos muita força e potência de transformação! Embarquei como uma mestranda um tanto desconfiada sobre como seria o evento, sem saber o que esperar. Retornei fortalecida pelos relatos dos muitos profissionais que admiro e estudo.

A relação com o orientador, penso eu, deve ir a outros espaços, pois é nesse encontro que vão se dar inúmeras e valiosíssimas trocas e partilhas de conhecimento que ficarão para toda a vida, e não apenas no texto de uma dissertação. Fico muito satisfeita por percorrer o percurso do Mestrado nesta bela parceria, que contou com encontros agradáveis cafés, boas

risadas, e muita parceria.

Ao longo dessa jornada com minha orientadora, tive a chance de me aventurar nos mares da docência durante a disciplina de Psicologia Escolar I, na turma 80, no segundo semestre de 2018. A respeito dessa experiência, nada do que eu escrever conseguirá contar tudo o que vivi, aprendi e o quanto cresci com essa turma. Os estudantes e a Anabela me possibilitaram desbravar várias “Camilas”: a Camila professora (em construção), a Camila segura, decidida e forte. A Camila corajosa, curiosa, criativa e que, quando se deu conta, se viu apaixonada pela docência. Eu me (re)descobri e floresci com cada um ao ver que, em um momento político delicado para o povo brasileiro, eles estavam presentes, dispostos e desejosos pela luta e pelas mudanças. Juntos fortalecemos uns aos outros! Não tenho palavras para descrever essa experiência! E, mais uma vez, não posso deixar de mencionar que cada conversa com minha orientadora foi como um abrir de olhos diferente. Fui marcada e transformada.

Escrever dessa forma minha trajetória acadêmica é um esforço e ao mesmo tempo uma delícia. É um grande esforço tentar selecionar sobre quais (des)encontros discorrer, sobre quais (des)construções contar... Mas, é uma delícia me recordar de cada experiência e ver o quão longe tenho chegado! Para falar de cada encanto e desencanto, ninguém melhor que Caetano, que lindamente canta...

Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez as tais fotografias
Em que apareces inteira, porém lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
Terra! (Terra, Caetano Veloso, 1978).

Meu primeiro contato com a área da Psicologia Educacional e Escolar me roubou o olhar, os planos, o meu pensar e tudo o que vinha com ele. Tive a feliz sorte de esse momento ter acontecido justamente com minha atual orientadora, Anabela. A escolha do trecho da música *Terra*, de Caetano Veloso, vem apenas para tentar mostrar um pouco do que senti ao

descobrir a Psicologia aliada à Educação: Terra! Foi como avistar terra firme após muito navegar, e não avistei qualquer terra, mas a minha terra! O meu lugar... Do qual hoje parto, sobre o qual escrevo, pesquiso e estudo; onde trabalho; pelo qual luto, saio às ruas, seguro cartazes, viajo, choro e dou boas risadas. O meu lugar, do qual hoje vivo, sonho, faço planos. Houve momentos nos quais deixei minha terra, porque era doído demais ver tantos tiranos a atacando, roubando direitos, retrocedendo incontáveis passos, tentando calar tantas vozes e jogando no lixo anos de luta e estudos. Mas aqui estou, fazendo “balbúrdia”³, lutando pela pós-graduação, por uma Educação Pública de qualidade, pela psicologia escolar, pela minha terra.

Não poderia deixar de dizer da força necessária, nos tempos atuais, para continuar as pesquisas, os estudos e as práticas na área da Psicologia Educacional e Escolar... Acredito que quem lê precisa saber e entender o que se passou enquanto cada pesquisa foi feita – não só a minha. Para continuar, mesmo no cenário caótico atual do Brasil, encontrei forças nas palavras de incentivo da minha orientadora, no esforço coletivo de muitos amigos e colegas e especialmente na arte. Elza Soares me constrangeu, quando em uma manhã qualquer eu passava um café e ela cantava “...*Nosso país, nosso lugar de fala!*”. Sigo na luta por aqueles que virão depois de mim... Faço isso em nome da minha terra, e em nome de todos os que fizeram o mesmo antes de mim. Sigamos!

Todo esse trajeto que aqui descrevi de forma breve, serviu como uma ponte para que eu chegasse até o momento de escrita deste trabalho. No presente estudo continuo trabalhando com a Psicologia Educacional e Escolar, agora focada na questão da Medicalização da Educação, contando com os acréscimos da Arte neste processo de estudo, pesquisa e escrita. O objetivo desse trabalho é investigar como professores e educadores compreendem a

³ Termo utilizado pelo ex-ministro da educação Abraham Weintraub do governo de Jair Bolsonaro, para tentar justificar os cortes de verbas na educação: O ministro disse em entrevista ao Jornal O Estado de S. Paulo "Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas" (Jornal Estadão, Maio de 2019).

medicalização da educação, e (re)pensar a prática da Psicologia no sentido de enfrentar esse processo. Para isto, propôs-se a interlocução com professoras e educadoras⁴, destacando a subjetividade e individualidade dos sujeitos, sem perder de vista sua ligação com as dimensões do contexto social, político, e os movimentos históricos em que estão inseridos.

Na pesquisa realizada buscamos investigar quais as contribuições da Arte na atuação do psicólogo escolar junto a profissionais da educação, buscando a compreensão e transformação do olhar-professor e de outros fatores (institucionais, relacionais, sociais, políticos) envolvidos na medicalização da educação, para que possamos construir práticas desmedicalizantes. Com esse objetivo, organizamos um trajeto de escrita no qual, primeiramente apresentaremos, no primeiro capítulo, a “Psicologia Histórico-Cultural: Alguns pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa”, onde expomos as bases conceituais que consideramos muito importantes para construir e compreender a pesquisa realizada, apresentando conceitos que nos serviram de alicerce. Em seguida, temos o segundo capítulo, “Breve Histórico da Medicalização da Educação no Brasil e a atuação da Psicologia frente à essa realidade”, onde realizamos um breve apanhado da história da Medicalização no Brasil e o papel da Psicologia nesse processo medicalizante, até o momento presente.

Caminhando na escrita, temos o terceiro capítulo, “Psicologia e Arte: Quem não se movimenta não percebe as amarras que o prendem, e então, a arte pede passagem!”, onde apresentamos conceitos sobre a Psicologia e Arte e discorremos acerca do papel potente que ambas – a Psicologia e a Arte – têm no favorecimento dos processos de transformação, segundo a abordagem teórica já relatada.

No quarto capítulo, intitulado “Percurso metodológico”, apresentamos a pesquisa qualitativa e a pesquisa-ação como guias desse trabalho, apontamos as ferramentas utilizadas e o modo como pensamos a análise dos materiais obtidos. Ainda nesse capítulo, temos o

⁴ A diferença entre ambas as funções dentro da instituição será explanada na metodologia.

tópico, “Construção da proposta” onde relatamos como os caminhos foram trilhados e dispomos dados sobre as professoras e educadoras que participaram da pesquisa, para que o leitor as conheça. Também compõe esse capítulo, o tópico “Os Encontros Reflexivos”, no qual contamos sobre o funcionamento desses momentos. Intentando expor esses momentos com detalhes, para que o leitor compreenda como transcorreram os encontros. O seguinte tópico que também faz parte dessa seção, com o título “Os caminhos dos Encontros”, no qual descrevemos detalhadamente como cada momento foi realizado.

Continuando no capítulo “Percurso Metodológico, temos o tópico “Registro das informações e análise”, falamos de forma detalhada sobre como as informações foram obtidas e os registros realizados. “Recontando e Elaborando histórias”, o sétimo capítulo, é recheado de análises dos encontros reflexivos, sobre os processos vivenciados pelo grupo e registros das professoras e educadoras. Nesse capítulo temos alguns tópicos, fruto das reflexões feitas a partir dos registros dos Encontros, são eles: 1) Concepções sobre o trabalho da psicologia junto às professoras; 2) O professor e o espaço escolar no cenário medicalizante; 3) Reflexões sobre Educação e Arte; 4) Construindo práticas desmedicalizantes. Por fim, temos o último capítulo “Considerações finais”, onde buscamos sintetizar as reflexões desta pesquisa, tendo em mente que assim como é com a Arte, a cada nova vez que nos debruçarmos sobre esse estudo, novas composições e desdobramentos são possíveis.

2. Psicologia Histórico-Cultural: Alguns pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa

Para pensarmos a fundamentação teórica deste trabalho, precisamos retomar o objetivo do mesmo: conhecer e identificar as contribuições da Arte no trabalho de construção de práticas desmedicalizantes juntamente com professoras e educadoras. Logo, estamos falando de processos de desenvolvimento e constituição que acontecem por meio das mediações e das relações estabelecidas entre a psicóloga e as participantes dessa pesquisa. Damos destaque à Arte por considerá-la um mediador precioso nesse processo. Por isso, alguns conceitos são extremamente importantes para esta pesquisa, como o processo de constituição e formação do ser humano. Falar de tais conceitos não é trabalho simples, pois somos seres ricamente complexos e cheios de possibilidades. Conforme o conhecimento acerca da natureza do homem avança e ganha corpo, “mais os horizontes expandem-se e mais é o que falta por conhecer” (Pino 2005, p. 59). Além disso, aqui se faz necessária tal discussão, para tornar evidente de onde partimos e qual o nosso alicerce conceitual nesta pesquisa.

Partimos do princípio de que é indispensável a compreensão acerca de como os seres humanos se humanizam, e ao seguir um referencial teórico buscamos ter coerência ao longo dos caminhos da pesquisa. Assim, nesse estudo, utilizaremos alguns autores que têm como principal referência a Psicologia Histórico-Cultural, que sustenta este trabalho.

Seu principal autor é o russo Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), que acompanhado de Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Nikolaevich Leontiev (1903-1979), almejou entender a formação e constituição do ser humano sempre de modo contextualizado, ou seja, considerando os aspectos culturais, históricos e sociais presentes. De acordo com essa teoria, a humanização do sujeito se dá de acordo com o que ele vive, incluindo e partindo das relações com os outros, com os instrumentos e com o contexto em que está inserido, num movimento dialético e constante (Barbosa, 2011; Leal, 2010; Pessoa,

2014). Em outras palavras, o homem é um ser social que responde e atua sobre as relações em que se encontra inserido (Meira, 2007; Prestes, 2010).

A principal referência de Vigotski foi Karl Marx (1818-1883), e por isso, o autor utilizou o método materialista histórico-dialético, o qual acreditava ser a base para a elaboração de uma Psicologia unificada. O princípio dessa metodologia é o de que o homem criou a sociedade e foi criado por ela, sendo cada ser produtor e produto da própria realidade. Nessa teoria, o ser humano deve ser apreendido pelos fenômenos psicológicos em sua integralidade, incluindo suas muitas e constantes transformações, nas quais estão implicados os fatores sociais e culturais. Com isso, Vigotski trabalhou em busca da compreensão dos fundamentos do desenvolvimento psicológico (Facci, 2004; Oliveira e Teixeira, 2002; Zanella *et al.*, 2007).

A Psicologia Histórico-Cultural foi elaborada tendo a sociedade, a cultura e o indivíduo como sistemas complexos e dinâmicos, no sentido de permanente movimento dinâmico, que se dão dentro do processo de desenvolvimento e transformação que é constante ao longo da vida. Para Vigotski, só é possível compreender o desenvolvimento do psiquismo a partir do processo de humanização dos indivíduos, e isso acontece através do apoderamento cultural e da relação com os pares (Leontiev, 1978; Pino, 2005).

Os significados culturais são por meio da relação com os outros, os pares, ocorrendo tal fenômeno em um plano subjetivo, não sendo uma mera reprodução das características, mas compreendendo o processo de construção dos mesmos. (Facci, 2004; Pino, 2000; Zanella *et al.*, 2007). O comportamento de um sujeito tem como fonte as suas experiências e sua história educativa. Tais elementos têm relação direta com o grupo social e o momento histórico do qual faz parte. Logo, as particularidades de cada um, não são resultado de elementos separados, mas da abundância e complexidade de influências que incidem sobre o indivíduo durante o processo de seu desenvolvimento (Rego, 2002). A cultura, a sociedade e o sujeito

são concebidos como instâncias complexas e dinâmicas que se encontram em um processo ininterrupto de desenvolvimento e transformação. Bock (2004) diz:

O homem não nasce, portanto, dotado das aptidões e habilidades históricas da humanidade, pois elas foram conquistadas e criadas. O homem nasce candidato a essa humanidade, humanidade esta que está no mundo material, cristalizada nos objetos, nas palavras e nos fenômenos da vida humana. Aqui se invertem, por completo, as visões tradicionais da psicologia, que supõem uma humanidade natural do homem. As características humanas e o mundo psicológico que estavam tomados na psicologia como um *a priori* do homem, como algo de sua natureza humana, surgem agora como aquisições da humanidade e precisam ser resgatadas do mundo material para que o mundo psicológico se desenvolva, se humanize (Bock, 2004, p. 31).

Dentro dessa perspectiva, o desenvolvimento do psiquismo ocorre por meio do processo de humanização do sujeito, da apropriação cultural e das relações e interações entre os pares. Tal processo só pode acontecer no contato de um indivíduo com outro(s), nas e pelas relações estabelecidas desde o nascimento. Todos os processos humanos possuem sua gênese nas relações sociais, com as experiências e a própria história do sujeito com todos os fatores citados. (Goés, 2002; Meira, 2007; Pino, 2005).

Fica explícito então, que na teoria vigotskiana as interações são destacadas durante o processo de constituição do ser humano, e sua subjetividade é formada como membro de um grupo social e cultural específico. Oliveira e Teixeira (2002) reafirmam isso, apontando que o desenvolvimento do ser humano acontece no interior de uma situação histórico-cultural, com comunicação e relação com a cultura, se concretizando a apropriação de significados e aspectos culturais que os engendram. E é a partir da aprendizagem que o indivíduo se relaciona com seu contexto e elabora a realidade, constituindo-se. Por isso, a aprendizagem também recebe grande destaque, sendo considerada por Vigotski como indispensável para o desenvolvimento e apropriação cultural (Pino, 2005; Tanamachi & Meira, 2003).

A aprendizagem é indispensável, pois é requisito primordial para o desenvolvimento das características humanas, pois não são inatas, mas construídas historicamente. Neste sentido, Vigotski (2001) elabora a definição de nível de desenvolvimento atual e a zona

potencial. Conceitos que tornam possível a compreensão daquilo que a criança consegue alcançar e executar sem auxílio (zona de desenvolvimento atual), e o que pode fazer com a ajuda de adultos, mediadores, ou colegas mais experientes (zona de desenvolvimento potencial). Esse conceito mostra que, sem auxílio, determinadas atividades propostas não serão possíveis para aquele momento do desenvolvimento da criança. Indicando a necessidade, então, de que a situação de ensino e aprendizagem envolva mediadores diferenciados como atividades em grupo, brincadeiras, jogos, dentre outras práticas. Tendo conhecimento sobre o que as autoras trazem acerca do desenvolvimento fica claro o papel ativo do educador diante dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, pois como afirma Asbahr e Nascimento (2013),

O primeiro aspecto a ser realçado da concepção de desenvolvimento da teoria histórico-cultural é a compreensão de que a criança não é um adulto em miniatura. [...] O desenvolvimento infantil não é linear [...] Há metamorfoses, revoluções radicais no processo de desenvolvimento pelas quais passa a criança que irão garantir sua passagem de ser biológico para ser cultural. Essas metamorfoses não são produzidas biologicamente, pelo curso natural do desenvolvimento, mas pela inserção da criança no mundo histórico-cultural (Asbahr & Nascimento, 2013, p. 420).

Assim, desejar ou até mesmo exigir que uma criança – independentemente de sua idade – tenha as mesmas respostas que um adulto, é completamente incoerente com a afirmação de Vigotski (1989) acerca das linhas biológicas e históricas que fazem parte do processo de desenvolvimento humano. Por isso, cada faixa etária da vida demanda formas diferentes de intervenções no ensino e aprendizagem – cabendo o uso de jogos e brincadeiras para que a apropriação histórica e cultural se concretize. Com relação à função da escola no desenvolvimento da imaginação, Rocha (2000, p.46-47) afirma:

A capacidade imaginária e a atividade lúdica decorrem das condições concretas de vida do sujeito. Não sendo processo psicológico e atividades naturais da criança, torna-se imprescindível que sejam criadas as condições necessárias para que ela se aproprie delas. Na visão dos teóricos da vertente histórico-cultural, prescindir destes investimentos significa deixar os sujeitos encerrados nos limites do empírico, de sua experiência concreta e reduzida. No sentido inverso, a criança penetrar no domínio do imaginário e capacitá-la dentro dele, significa tornar-lhe acessível uma multiplicidade

de experiências que contribuem, de maneira fundamental, para transformações em seu psiquismo, em sentido geral.

Ainda pensando na Zona de Desenvolvimento Proximal, voltaremos nosso olhar para os adultos, o que ainda é escasso nas pesquisas e estudos que têm a Teoria Histórico-Cultural como base, porém aqui, é extremamente importante buscarmos entender como ela acontece entre jovens e adultos (faixa etária na qual se encontram as participantes da pesquisa). Como explicitado anteriormente, esse conceito facilita a compreensão acerca das apropriações do outro, bem como aquilo que estão em vias de aprender. Vale destacar que, para Leontiev (1978), a apropriação é um processo que resulta da reprodução das práticas e de comportamentos, historicamente formados, para depois internalizar de uma maneira singular tais fenômenos. Com isso, enfatizamos que a aprendizagem precisa ser concebida como a produção, as alterações e transformações históricas de cada pessoa, pois esses são elementos que estão mutuamente ligados.

Sendo assim, os adultos também se encontram em constante desenvolvimento, através da interação entre pares, aprendem, se apropriam de novos saberes e experiências, se transformam. Embasamos-nos nesta premissa para o desenvolvimento do presente estudo, visto que houve uma intencionalidade que guiou a preparação dos encontros, priorizando a troca de saberes entre todas as pessoas envolvidas no desenrolar da pesquisa, visando à transformação e apropriação de novos conhecimentos e vivências⁵.

Quando se fala em desenvolvimento, Tanamachi e Meira (2003) salientam que, “o desenvolvimento é determinado pelas relações sociais, mas cada um dá um sentido particular a essas vivências” (p. 50), assim, existem múltiplos aspectos que contribuem para cada um ser o que é. Meira (2007) traz a questão de que, o desenvolvimento, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, deve ser entendido como fenômeno que se relaciona e é definido pelo contexto social e cultural (sendo cultura o conjunto das produções humanas ao

⁵ Falaremos mais sobre isso na seção dos resultados.

longo da história) no qual os indivíduos estão inseridos, não podendo jamais ser tratado como um fenômeno universal (Pino 2005).

Além disso, Vigotski também trabalhou de modo a compreender as funções psicológicas superiores, que são consideradas manifestações exclusivamente humanas, sendo elas a memória, cognição, pensamento, linguagem, percepção, atenção e emoção. Tais funções também são formadas por meio das interações entre os sujeitos, no seio das relações sociais, e só depois são reelaboradas no plano individual, enquanto constituintes do sujeito. Essa relação entre o ser humano e o mundo, é mediada por instrumentos, aquilo que as pessoas podem usar para entrar em contato e modificar a natureza, e signos como a linguagem, por exemplo. Também entram aqui, os diversos símbolos que servem para representar a realidade, como mapas, gráficos, desenhos, dentre outros. (Pessoa, 2014; Pino, 2005).

Podemos, então, afirmar que todas as funções psicológicas também nascem nas relações entre os seres humanos, sendo só posteriormente internalizadas por cada um e tal acontecimento recebe o nome de “conversão”, por Pino (2005), que acrescenta que algumas funções se mantêm e outras são transformadas, o que compõe as particularidades de cada um.

Assim, esta perspectiva é o alicerce do estudo realizado nesta pesquisa. Nela adotamos a perspectiva de que as pessoas que fizeram parte da pesquisa estão em processo de constituição e buscamos considerar as realidades em que estão inseridas. Isso porque, como já discorremos anteriormente, na teoria vigotskiana o ser humano está em constante transformação e desenvolvimento. Ou seja, o desenvolvimento humano acontece em espiral, passa pelo mesma posição várias vezes enquanto progride para um nível superior (Vigotski 1989). Buscamos abarcar esse aspecto com cada participante, entendendo que, independente da idade ou contexto, estão todos se desenvolvendo. E, partindo dessas concepções, propomos construir possibilidades coletivas de práticas.

3. Breve Histórico da Medicalização da Educação no Brasil e a atuação da Psicologia frente a essa realidade

A Psicologia Educacional e Escolar tem apresentado diversos estudos e pesquisas acerca da Medicalização da Educação, se posicionando criticamente a respeito da temática e promovendo ampla discussão sobre a patologização das queixas escolares, sobre o atendimento a essa demanda. (Asbahr & Lopes, 2006; Buiatti, 2005; Machado, 2003; Patto, 2008; Souza, 2007a).

Para compreender o processo da Medicalização da Educação, se faz necessário relembrar um pouco do trajeto de tal fenômeno em nosso país, pois foi construído historicamente, assim como a Medicalização da vida e da sociedade. Para a escrita deste breve histórico da lógica medicalizante na Educação no Brasil, foi feita uma seleção temática que parte das questões mais relacionadas à Psicologia Educacional e Escolar, por ser o objeto de estudo desta presente pesquisa.

No período de colonização, com a chegada dos portugueses, as primeiras escolas do Brasil foram aqui instaladas pela Companhia de Jesus em 1549. Nessas instituições o intuito era o ensino de português, da leitura, e das operações matemáticas elementares. Além disso, havia o ensinamento bíblico, pois havia o desejo de catequização dos povos indígenas, para que se encaixassem nas normas e padrões jesuítas. De acordo com Massimi (1984, 1990 e 1997), desde o Brasil colonial já havia indícios de conceitos e princípios psicológicos na esfera da educação. Acerca disso, Antunes (2003) afirma que a razão para a utilização de tais princípios psicológicos dizia respeito à necessidade de dominar e conformar os comportamentos e atitudes das crianças e, para isso, eram utilizados diversos castigos, assim como diversas premiações e/ou recompensas. Fica claro, portanto, a marca da domesticação, da imposição de teorias externas. As ideias e conceitos psicológicos entraram nessa trama com o intuito inicial de favorecer e fomentar a cooptação aos interesses da metrópole.

No Brasil Colônia, os saberes da Psicologia serviam, então, a um tipo de sociedade, de modo que a intenção era dominar, controlar e padronizar, e isso era feito dentro das escolas jesuítas junto aos indígenas – havendo forte cunho religioso permeando todos os ensinamentos.

Conforme os anos se passavam, os saberes da Psicologia continuaram caminhando junto da educação. Sabemos que no Brasil a profissão de psicólogo se originou com a Lei nº. 4.119, que foi aprovada em 27 de agosto de 1962, sendo nessa data comemorado o Dia do Psicólogo. Já o Conselho Federal de Psicologia (CFP), foi originado pelo Decreto nº. 79.822, de 17 de julho de 1977, e em decorrência disso, foram criados os Conselhos Regionais (Lei nº. 5.766, 1971). Porém, fica claro que essas datas são marco apenas do processo de institucionalização e profissionalização da Psicologia, porque a mesma já se encontrava presente na área da educação muito antes desse período.

No período de 1906-1930, tais saberes alcançaram diversas áreas do conhecimento, destacadamente a Educação. Sendo assim, temas e estudos da Psicologia constavam em currículos das Escolas Normais visando favorecer o entendimento dos processos educativos. A área de conhecimento da Psicologia que tinha relação com a educação enfrentou inúmeras transformações desde então, pois nesse período era vinculada a um conceito de norma, à ideia de classificar indivíduos, algo expresso pela grande quantidade de testes existentes nos laboratórios das Escolas Normais, que visavam à satisfação e beneficiação dos desejos capitalistas e do Brasil industrial (Barbosa, 2012; Antunes 2003, 2008, 2011).

Também remonta ao início do século XX, o questionamento do modelo tradicional de educação, centrado no professor e na transmissão de conhecimentos, ou seja, do conteúdo sendo disponibilizado de maneira a ser repetido pelos alunos. Com o movimento escolanovista, houve uma crescente valorização do aluno e seus processos de desenvolvimento. Nos anos 30, foi realizado o Manifesto da Educação Nova (1932), que foi

um dos motores para muitas mudanças nesse cenário. Patto (1981) elenca algumas modificações relevantes desse período, como a exigência de reformas educacionais para alcançar mais amplamente a população; originou-se o Ministério da Educação; o ensino ganhou a forma que a maioria das instituições ainda mantém: primário, secundário e superior, através da Reforma Francisco Campos. A reforma que também estabeleceu o Estatuto das Universidades, abrindo possibilidade para a criação de universidades, sendo criada a Universidade de São Paulo e outras na sequência. Houve também a elaboração da Constituição de 1937, regulamentando escolas técnicas (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o SENAI, e, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC) e o ensino vocacional. Estabeleceu-se a Reforma Capanema, de 1942, que reorganizou o ensino secundário dividindo-o em dois ciclos: o ginasial e o clássico ou científico. No meio desse cenário dos anos 30, nasce então, devido às lutas dos Escolanovistas, a Educação Pública, a Educação em séries.

A Psicologia como área de conhecimento específico surge no período entre 1890 e 1930, acompanhada do movimento da Escola Nova no Brasil. De acordo com Checchia (2015), isso se deu, vinculado à ideia de que a Educação teria que ocupar-se da formação de um homem que estaria qualificado e adequado às premissas desse novo universo, do novo padrão de produtividade industrial que crescia também na década de 30. É neste cenário que surgem os primeiros profissionais da Educação, sendo que a maioria vinha da Medicina e Direito, e a Psicologia se estabeleceu como um eixo científico importante para as reformas pedagógicas, que eram fundamentadas nas conjecturas escolanovistas.

Ainda de acordo com Checchia (2015), na falta de uma teoria que ajudasse a compreender melhor o vínculo entre a Psicologia e a Educação, os usos dos conhecimentos psicológicos eram superficiais no campo da Pedagogia e das práticas dos profissionais da educação. Para além disso, a prática do psicólogo era extremamente clínica, com foco nos

alunos, que eram tidos como “portadores de problemas de aprendizagem” (Patto, 2008). Ou seja, tal prática dos profissionais da Psicologia respaldava olhares em busca de diagnósticos e patologias, produzindo laudos, diagnósticos, doenças, de modo a reduzir o olhar ao aluno pelo seu diagnóstico, e assim, culpabilizar o sujeito, tomando como orgânicamente determinado o que é socialmente estabelecido (Checchia, p. 22, 2015).

Como exemplo disso, na década de 1930, a Psicologia Educacional também toma forma de campo de saber, com o olhar sempre voltado para a criança que não aprende. As linhas de estudo buscavam por testes e classificações para compreender os processos de desenvolvimento, as habilidades e as “faltas” nas crianças. Portanto, o olhar psicológico deste período conseguia enxergar apenas aquilo que faltava nos alunos, apenas suas dificuldades, suas fraquezas, e que muitas vezes não eram deles, mas sim, exigências e padrões socialmente estabelecidos, como temos afirmado ao longo do trabalho. Era um olhar extremamente discriminatório e classificatório, a partir do qual a Psicologia se estabeleceu, ocupando o lugar de ciência. Sendo assim, havia a separação daqueles que eram considerados normais, dos anormais; os deficientes, dos não deficientes; Os alunos bons dos ruins ou difíceis, daqueles que não aprendem. Tinha-se então, crianças-problema, alunos-problema que precisavam de “conserto”, abrindo brechas para os encaminhamentos aos profissionais da saúde.

Porém, a Psicologia não foi a primeira área de conhecimento a cooperar com a lógica homogeneizante de olhar às questões escolares. A sobreposição do saber médico sobre todas as demais áreas de conhecimento no cenário educacional brasileiro vem de longa data. O que antes era papel da igreja – a identificação, a segregação, o silenciamento – justificado e baseado em critérios religiosos, passou a ser exercido pela Medicina moderna. Segundo a ideia medicalizante – na qual a medicina legisla e normatiza o que é saúde/doença, saudável/não saudável – apenas alguns poderiam ter acesso ao ensino, em uma clara intenção de governar os corpos. Dessa forma, seria possível identificar e separar os indivíduos

“normais” dos “anormais”. Sendo o sujeito “normal” nesse caso, aquele que se encaixa na norma, no padrão desejado e imposto pela sociedade na qual o mesmo está inserido (Moysés & Collares, 2014).

Para que isso se concretizasse, despontaram os primeiros especialistas da área da educação, assim como os primeiros profissionais que almejavam a higienização física e mental da infância. Assim, a Medicina entrou na vida e no cotidiano das pessoas, com o objetivo de ditar regras e governar a maneira de viver de cada indivíduo, por meio do “disciplinamento dos corpos”, e do “controle populacional biopolítico” (Cruz, Ferrazza, & Cardoso Júnior, 2014 p.3; Foucault, 2008).

O processo da busca incessante pela padronização e controle dos indivíduos, teve foco maior na vigilância da infância, o que foi um resultado da crença de que a Medicina poderia não só curar, mas prevenir toda e qualquer “doença” desde os primeiros anos, levando a uma vida adulta “normal”, aqui considerada como aquela que segue os padrões de vida que a sociedade espera que sejam cumpridos de maneira igual por todas as pessoas. Lógica a partir da qual, se uma criança age da forma que não é esperada, a mesma é considerada incapaz, doente, problemática. Diversas táticas de disciplinamento foram postas em prática nas instituições escolares, como por exemplo: cadernos de classe, exames em formatos de provas, avaliações, correções ou punições, recompensas, organização da sala de aula em fileiras, e até mesmo a arquitetura das instituições escolares. Tudo pensado para a submissão da infância ao saber e ao poder do docente (Cruz, Ferrazza, & Cardoso Júnior, 2014).

Vemos que o tempo passou, mas mesmo assim continuamos tendo um cenário muito parecido com aquele que existia no Brasil Colônia, isso porque o objetivo permanecia o mesmo: colocar os sujeitos em fôrmas, para que agissem do mesmo modo, pensassem, falassem e se comportassem do mesmo jeito.

Diante disso, e sobre o nascimento da Psicologia na Educação no Brasil, Maria Helena Souza Patto, em depoimento à Barbosa (2011), diz:

A história da presença da Psicologia na educação começa (...) medindo aptidões tidas como naturais, e tentando fazer um encaixe perfeito entre as capacidades medidas de Q.I., habilidades específicas etc., e o ensino. Era o raciocínio muito parecido com o da taylorização do processo de produção industrial. (...) Houve um namoro sério da Escola Nova com o taylorismo, tanto lá fora como aqui Brasil. E essa ideia do ajustamento, digamos assim, entre o processo de ensino e as características do aprendiz. (Barbosa, 2011, p. 644).

Essa era (podemos afirmar no passado?) a Psicologia Educacional e Escolar, com sua origem fundada em interesses políticos, sociais e econômicos que vinham do sistema capitalista. O discurso psicológico aparentemente se alinhava com a defesa da escola como um lugar de igualdade e oportunidades. Algo que na realidade colocava um véu sobre as monstruosas desigualdades e injustiças desse sistema.

Esse modo de atuação faz parte do processo de medicalização que atinge indivíduos de modo geral, em diversos contextos, com especial foco na esfera da educação. Para compreender melhor esse fato, é necessário o entendimento de que a medicalização é um processo extremamente amplo, e que não diz respeito apenas ao uso de remédios. Tal fenômeno está intrincado à ideia de superioridade absoluta dos saberes médicos sobre particularidades da existência humana. A partir da lógica medicalizante, aspectos humanos, por vezes, comuns e corriqueiros, são tomados como doenças, anomalias, deficiências, e em muitos casos a medicação é adotada como forma de conter, padronizar, controlar e subjugar o ser humano (Cruz, Ferrazza, & Cardoso Júnior, 2014).

Assim sendo, pode-se afirmar que a medicalização da Educação é justamente o vasto procedimento de transformação de aspectos humanos e intrínsecos ao processo de escolarização e aprendizagem em alvo de compreensão e intervenção do olhar médico. Trata-se ainda de uma “racionalidade que naturaliza a vida humana, e, no mesmo giro reducionista e

determinista, formata quais são os tipos ‘naturalmente’ valorizados ou desvalorizados, desejáveis ou indesejáveis” (Fórum sobre Medicalização, 2019, p.12).

Mesmo com o passar dos anos, essa lógica se mantém ainda hoje nas tentativas de domínio e vigilância. Hoje se diagnostica pessoas que não produzem (no que diz respeito a trabalho e estudos), não prestam atenção, não fazem várias coisas ao mesmo tempo ou fazem coisas que não geram renda. Vidas continuam sendo marcadas, ceifadas, manchadas pelo mesmo ódio, porém agora não mais apenas em nome de Deus. Toda essa domesticação na educação deixa uma marca muito forte, e que se perpetua até os dias de hoje, porém com “práticas mascaradas”, que foram renomeadas e hoje recebem o selo de aprovação de muitos profissionais especialistas.

Acerca deste cenário, Moysés e Collares (2014) afirmam que o professor ou educador em grande parte das situações atuou como um cooperador do olhar médico, porque ele não só educa, mas categoriza com sua ilusória capacidade para detectar crianças “anormais”. Fenômeno que ocorreu desde o surgimento das escolas no Brasil, com sua função normatizadora, e, em muitos casos, ainda acontece nos dias atuais. Uma das justificativas para esse tipo de prática é a necessidade da disciplinarização dos alunos, o que mais uma vez remete à submissão, aos chamados corpos “dóceis” (Foucault, 2008). Neste ponto, o encaminhamento crescente de alunos aos profissionais de saúde pode ser melhor compreendido, se nos remetermos à história da formação de professores no Brasil. Na instauração das Escolas Normais como já foi dito, havia a conexão entre métodos pedagógicos e saberes psicológicos, ou seja, já existia a busca por um embasamento psicológico das metodologias de ensino, dos processos de aprendizagem, e a compreensão acerca da criança e seu desenvolvimento. Com a chegada do final do século XIX, tais espaços de formação docente adentraram cada vez mais no terreno dos assuntos que logo mais tarde iriam compor a Psicologia da Educação (Checchia, 2015; Foucault, 2008; Luengo, 2010).

É importante destacar que essa maneira de compreender a atuação docente permanece bastante atual. Mencionamos, a título de exemplo, o Projeto de Lei 7081/2010, proposto pelo Senado Federal - Gerson Camata (PMDB-ES), que tramita no Senado Federal e determina que os sistemas de ensino têm de garantir aos professores da educação básica cursos sobre o diagnóstico e o tratamento de Dislexia e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (Brasil, 2010). Essa aparente preocupação e cuidado com as crianças/estudantes que vemos ao longo da história do Brasil é, na verdade, uma máscara para que a rotulação, o enrijecimento de comportamentos, a venda excessiva de medicamentos, dentre tantos outros pontos preocupantes que são permeados por essa questão, possam continuar. Vale a pena citar também, outro Projeto de Lei, proposto pelo então Deputado Izalci (PSDB-DF), o PL 867/2015, que prescreve “neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado”, batizado de “Escola sem Partido”. Mais uma tentativa de apagamento, dessa vez, na história do povo brasileiro.

Entendemos que são tentativas de apagamento justamente por, ainda hoje, buscarem causas naturalizantes e biologizantes para acontecimentos e comportamentos que fogem ao que se espera (abrangendo os profissionais da educação também, não só os alunos); por favorecerem e facilitarem o uso de medicamentos almejando melhorar a produtividade nos estudos e trabalho. O que nos leva a questionar: a que serve melhorar a produtividade de um trabalho esvaziado de sentido, sem que as condições concretas em que é desenvolvido sejam colocadas em questão? Ainda pensando nos diversos apagamentos que tais Projetos de Lei viabilizam, podemos lançar nosso olhar sobre o trabalho dos profissionais da Educação e pensar no papel que exercem e na posição em que são colocados nesse cenário. Temos visto uma crescente desvalorização, e ao mesmo tempo, uma pressão sobre os professores que muitas vezes se tornam os “culpados” pela falta de soluções nos processos de ensino e aprendizagem. A respeito dessa dualidade entre a desvalorização e a pressão que tais

profissionais sofrem, podemos pensar na questão da alienação na sociedade capitalista e como isso também chega à escola, como pontua Costa (2009), afetando o trabalho do professor, que se perde e não se identifica mais no processo de ensino. A mercantilização da Educação transforma escolas em empresas, onde um professor de história, por exemplo, precisa modificar fatos sobre a história de um país para que não gere conflito com alguns valores morais impostos por algumas famílias. Ambos os Projetos de Lei citados, deixam explícitas as intenções, a ideologia e a quem servem: à manutenção dos interesses das classes dominantes e da dominação política. E com isso, a escola segue funcionando como um espaço para ensinar, mas também vigiar, hierarquizar e recompensar (Foucault, 2008).

Ainda no sentido de tentar compreender a atuação docente que favorece os processos de Medicalização, se faz importante ressaltar que, em meio a tantos acontecimentos e mudanças, as concepções de criança e infância também foram e continuam sendo marcadas por uma lógica medicalizante, com o estabelecimento de expectativas e parâmetros rígidos e descontextualizados de normalidade para o desenvolvimento. A compreensão de ambos os conceitos – criança e infância – é necessária para entender como, e a partir de que ponto de vista, os olhares que são lançados sobre as crianças estão sendo produzidos na atualidade, especialmente os olhares dos professores, educadores, psicólogos, enfim, de todos que trabalham diretamente com a construção da Educação das crianças. O ideal é que se fale em infância(s) e crianças(s), pois estes vocábulos têm diversos significados e sentidos ao longo do tempo, em diferentes contextos socioeconômicos (Ariés, 1978).

Mesmo com tantas concepções diferentes, a faixa etária considerada como o período da infância não escapou das diversas formas de controle da sociedade – seja na Medicina, seja no meio jurídico, por meio da criação de Leis, ou educacional por normas institucionais, dentre outras. Assim sendo, por meio da história podemos ver que a cada momento, diferentes

doenças e diagnósticos científicos surgiram para explicar fenômenos que eram considerados problemas.

No momento histórico em que vivemos, a concepção de infância(s) e criança(s) é pautada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº8. 069, de 1990. Da implementação do ECA em diante, a criança passa a ser um sujeito de direitos, um sujeito com voz, que tem desejos, vontades, e não só pode, como precisa ser ouvida. Porém, cabe a reflexão do quanto essa lei se torna realidade no dia a dia das crianças. A opinião delas é levada em consideração em tomadas de decisões? As vontades e necessidades das crianças são de fato ouvidas? As experiências das mesmas são tidas como relevantes? Em muitas situações a criança é tratada como se não soubesse nada, como se não quisesse nada.

O que é esperado, quase sempre, é que as crianças dentro da escola se comportem da mesma maneira, que prestem atenção apenas naquilo que o adulto acredita que deve ser o objeto de atenção (e por quanto tempo o adulto achar necessário), que realizem as atividades no mesmo tempo, que não conversem durante uma aula inteira, não questionem ordens, entre outras atitudes e comportamentos que remetem bastante ao controle e à mecanicidade de modos de ser. Diante disso, podemos pensar a respeito de que tipo de ser humano está sendo formado. E essas crianças estão sendo educadas para viver e atuar em que tipo de sociedade? Todo esse controle e submissão interessam a quem? As avaliações (sejam elas de nível pedagógico, psicológico, ou ainda de qualquer outra área da saúde) são feitas com quais propósitos e para quem? Quem decide o que é avaliado? E ainda, quais os parâmetros de comparação aos quais tais resultados são submetidos? Essas questões compõem os nossos olhares, como profissionais da área da Educação, e isso precisa ser repensado.

Oura reflexão importante para este trabalho⁶, ainda nesse sentido, diz respeito ao próprio termo “infância”. Esse termo vem do latim *infantia*, e se refere ao indivíduo que não é capaz de falar. Até que ponto esse termo diz respeito à fase em que a fala está em desenvolvimento? Seria uma concepção internalizada de que nesse período do desenvolvimento humano o sujeito de fato, não tem direito à fala? Muitos são os questionamentos, e sutis são as atitudes e discursos que expõem a ideia de *infantia*. Como exemplos, basta pensar em como, muitas vezes, tomamos as crianças como propriedade, e as tiramos da condição de sujeito que também possui um saber e que tem desejos.

Pensar sobre isso se faz importante, pois é possível perceber que existem crianças que, por sua raça e classe, não são vistas como crianças por certa parcela de pessoas⁷. Ao mesmo tempo em que existem crianças que vivem sob um ideal de pureza, protegidas dos males e “monstros” do mundo, existem aquelas que estão trabalhando em semáforos, ajudando a cuidar dos irmãos menores, dentre diversas outras situações que poderiam ser citadas aqui. Percebemos que é impossível trabalhar em busca da Desmedicalização da Educação sem entendermos como os olhares lançados às diferentes infâncias constitui nossa prática. Todos nós, por fazermos parte dessa sociedade, estamos sujeitos a reproduzir preconceitos e estereótipos que crescemos ouvindo, ou mesmo vivenciando. Compreender como a sociedade enxerga essa situação, como a sociedade atua sobre os corpos pela política dos corpos e não compreender como isso nos afetou/afeta e, portanto, afeta também nossas práticas, por mais diversas que sejam, não há como mudar.

Com base em minha experiência como psicóloga escolar e em pesquisas da área (Peretta et. al, 2014), posso afirmar que a forte presença médica dentro das escolas não se alterou com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o que nos leva

⁶ Falar sobre a infância é uma discussão importante para este trabalho, visto que a pesquisa se desenvolveu em uma instituição de educação infantil. Isso será detalhado ao longo das seções posteriores.

⁷ Ao discutir a temática da Medicalização com as Professoras e Educadoras, o tópico “infância” foi amplamente discutido, sobretudo quando apresentamos a pintura “Crianças dando moeda para um pedinte” de William Beechey. Isso pode ser visto na seção sobre os Encontros Reflexivos.

a refletir se de fato as crianças têm sido consideradas como sujeitos de si, especialmente neste momento histórico político que estamos vivendo, no qual diversos setores sociais têm se articulado, com apoio do atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro⁸, a favor da derrubada do ECA.

Ainda neste sentido, refletindo acerca do fato de as crianças não serem consideradas como sujeitos e levando esse pensamento para o cenário específico da Educação, Patto (2008) conta com muita propriedade que a existência do olhar médico dentro das instituições escolares, acompanhado dos testes de aptidões e inteligência, favoreceu o surgimento da pedagogia da exclusão, de escolas separadas para ricos e para pobres. Psicólogos, pedagogos e professores têm, muitas vezes, fortalecido processos de exclusão, e até mesmo validado a crescente medicalização dentro desse contexto. Torna-se mais conveniente e mais fácil fazer de um diagnóstico uma muleta, para que não seja necessário modificar metodologias, processos de interação, dinâmicas de sala, espaços da escola, entre outros fatores.

A consequência do uso dessa muleta gera um grande problema, que é o fato de a responsabilidade pelo não aprender ser lançada somente sobre a criança. Deixando de fora do processo de compreensão e intervenção todo o contexto em que ela se insere (Asbahr & Lopes, 2006; Souza, 2007b).

Ao depositar a responsabilidade pelo não aprender sobre a criança, os profissionais da área de Educação, conseqüentemente, compõem inúmeras queixas escolares, como por exemplo, comportamentos inapropriados, desobediência, dificuldades de aprendizagem, dentre inúmeras outras. Boarini e Borges (1998) trazem o termo “crise da infância” referindo-se ao grande crescimento da produção de queixas escolares, ao maciço número de

⁸ Jair Messias Bolsonaro expôs verbalmente tal posicionamento durante a campanha eleitoral em 2018, da seguinte forma: “[...] esse ECA tem que ser rasgado e jogado na latrina. Este ECA é o estímulo a vagabundagem, malandragem infantil no nosso país [...] você não pode triscar uma criança que o ECA proíbe. Ele presta um desserviço a sociedade.”. Soares, J. (2018, 23 de agosto). Bolsonaro diz que ECA deve ser ‘rasgado e jogado na latrina’. *Jornal O Globo*. Pode ser acessado em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-e-ca-deve-ser-rasgado-jogado-na-latrina-23006248>

encaminhamentos feitos para profissionais da área da saúde, enfim, ao aumento desse tipo de demanda. As autoras afirmam ainda que a rotulação das crianças denuncia o insucesso das instituições sociais. Concordando com essa ideia, Souza (2013c) afirma que o uso das drogas psicofarmacológicas, é um pretexto para camuflar os erros e ausências no sistema educacional brasileiro.

Muitos fatores atrelados à queixa escolar – como comportamentos inadequados, falta de atenção e interesse às aulas, desobediência, etc. –, são, na verdade, a consequência do desempenho do aluno na escola, e não o seu efeito. Sabe-se que uma aula pouco estimulante, por exemplo, pode levar à desatenção. A consequência de tal desatenção pode vir a ser a queda nas notas e/ou no desempenho em geral. Se inicia assim, um ciclo vicioso, onde o aluno com nota baixa tem cada vez menos interesse naquilo que lhe é apresentado, já que “não aprende mesmo”.

Diante disso, não se deve ignorar que os conflitos psíquicos que as crianças vivem causam impactos e têm influência sobre a vida escolar. Deve-se sim buscar compreender que essas crianças estão inseridas em uma rede de relações, e que cada ‘linha’ que faz parte dessa rede tem a sua contribuição, podendo superar ou aumentar esses conflitos, independentemente de quais sejam. Obviamente as relações escolares estão aí incluídas, e desconsiderar os contextos nos quais a criança se encontra, seria ignorar as complexidades e particularidades que a compõe e que têm influências em sua vida (Asbahr & Lopes, 2006; Patto, 1999; Rego 2002). Ainda nesse sentido, o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) já afirmava que a educação possui a função de promover a emancipação do ser humano, sendo que a leitura e escrita têm uma função importantíssima nesse processo. Sendo assim, compreende-se que o papel da escola vai muito além de apenas possibilitar a aquisição de conhecimentos específicos. A escola tem a atribuição de formar o ser humano em sua completude, abarcando aspectos ligados à moral, por exemplo. Nas palavras de Saviani (1994, p. 17), “o trabalho

educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Com isso, a instituição educacional possibilita a superação de dificuldades que podem estar sendo vividas fora dela, sempre diante da potência e possibilidade de emancipar o ser humano.

Os profissionais envolvidos com as crianças, muitas vezes não têm a oportunidade de conhecer a realidade familiar e escolar da criança. No Brasil, quando falamos da educação pública, estamos falando de salas de aula com número excessivo de alunos, atreladas à escassez de recursos. Fatores que acabam minando as chances de que o professor conheça a realidade de cada aluno, pois há um conteúdo programático que precisa ser seguido, obedecendo datas e prazos. O trabalho dos professores acaba sendo dificultado por esses e vários outros fatores – como os baixos salários, salas e prédios escolares em situações precárias – presentes no contexto educacional brasileiro.

Diante desse cenário, frequentemente (afinal, há momentos em que encontros fantásticos acontecem, a despeito de todas as precariedades), os profissionais envolvidos com os alunos, acabam não considerando (até por não lhes serem oferecidas as condições necessárias para que isso aconteça) os elementos intraescolares associados às queixas de comportamento e de dificuldades de aprendizagem, e esse é um dos pontos que pode desatar o nó da medicalização da educação. Isto porque, ao não compreender a rede de relações que faz parte da vida do estudante, os profissionais rotulam alunos, e os encaminham para psicólogos e/ou médicos. Muitas vezes, a própria escola diagnostica a criança e exige laudos médicos que justifiquem, a partir de um discurso tido como científico, as razões do não-aprender. Nesse emaranhado, a escola se destitui de sua responsabilidade sobre essa questão, levando à exclusão dessa população (Machado & Souza, 2003; Meira & Antunes, 2003; Patto, 1999).

Diagnósticos e laudos fornecidos indevidamente são uma forma de aprovação à atitude dos profissionais que encaminharam a criança. São documentos que atestam que os alunos são incapazes, problemáticos, que possuem distúrbios mentais, déficits de atenção, hiperatividade, deficiências, traumas, dentre outros. A maneira como a produção de laudos médicos e psicológicos tem sido realizada, apenas escancara as relações de poder e saber que fazem parte da sociedade. Nas palavras de Moysés (2001, p.190), a Educação Medicalizada age:

(...) transformando os problemas pedagógicos e políticos em questões biológicas, médicas. Cria as entidades nosológicas das doenças e do não-aprender-na-escola e para elas propõe solução. Antecipando-se, prevê que os problemas irão ocorrer e se coloca como portadora das soluções.

A partir desta lógica, punições receberam outros nomes e formatos, imposições foram camufladas através da palavra de ordem que paira sobre o Brasil atual: “Direitos humanos para humanos direitos.”⁹, o que deixa explícito que as marcas causadas décadas atrás permanecem hoje ainda como feridas reabertas (ou que nunca chegaram a sarar), e transmitem uma ideia distorcida daquilo que realmente é.

Assim, fica claro que os processos que compõem a medicalização da educação atuam de modo reducionista – atribuindo a um único indivíduo questões pertencentes ao coletivo. Um discurso sedutor, que descontextualiza as razões constituintes do não-aprender levando ao crescimento das demandas por um diagnóstico, deduzindo que, a partir deste, o professor irá encontrar um método correto de ensino, trazendo a “salvação” para o aluno (Patto, 1999).

Patto (2008, p. 67), denuncia que laudos e procedimentos psicológicos beiram o absurdo e que são “crimes de lesa-cidadania”. Ensejam marcas e legitimam a exclusão escolar dos examinados, que passam a ser nada mais que objetos portadores de defeitos de funcionamento em algum componente da máquina psíquica (Asbahr & Lopes 2006; Machado, 2003; Moysés & Collares 1992; Patto, 2008).

⁹ Afirmação do general Augusto Heleno, indicado à época como futuro ministro da Defesa no governo do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), durante entrevista à *Rádio Eldorado* em 31/10/2018.

Em pesquisa realizada por Buiatti (2005), junto a psicólogos da rede pública de Saúde Mental de Uberlândia-MG com os objetivos de verificar o aumento das queixas escolares e do atendimento a essa demanda; e compreender como os profissionais entendem a procura pelo acolhimento, os resultados mostram ser necessário que a instituição escolar volte ao seu papel pedagógico, deixando de patologizar o cenário da educação.

As queixas analisadas na pesquisa apontam problemas e dificuldades atribuídos exclusivamente às crianças. Os pais relatam ou apresentam os relatórios das escolas que descrevem os alunos: não conseguem ler e escrever, trocam letras, não obedecem as regras, são tímidos ou deprimidos, entre outros problemas. A escola encaminha maciçamente as crianças, revelando com isso suas próprias dificuldades em ensiná-las, de cumprir plenamente a função educativa que lhe cabe e de se envolver neste processo. Parece que as instituições de ensino não possuem conhecimento suficiente do processo de alfabetização, do ensino da leitura e da escrita e do desenvolvimento infantil. Trocas de letras, erros ortográficos e gramaticais, omissão de letras e sílabas, próprios do processo de aprendizagem da língua escrita, muitas vezes são considerados como erros e os alunos rotulados como possuidores de dificuldades de aprendizagem (Buiatti, 2005, p. 12).

Tudo o que se passa em uma instituição escolar é produzido dentro de uma rede de relações, e com o processo de Medicalização da Educação não é diferente. Cabe aos psicólogos, professores, educadores e pedagogos, se debruçarem sobre os olhares lançados sobre as crianças, sobre as relações existentes no contexto educativo e sobre as práticas diárias, pois elas são construídas no coletivo. Com laudos e diagnósticos pode-se gerar inúmeras doenças, deficiências e problemas. Do mesmo modo que, com a prática pedagógica, por meio do olhar-professor¹⁰, pode-se criar alunos atrasados, lentos, normais, agressivos, dentre outros (Machado, 1997).

¹⁰ Neste trabalho utilizamos o termo “olhar” em diversos momentos, com o objetivo de designar algo que vai além do processo que se dá a partir dos olhos unicamente, passando por uma série de processos psicológicos superiores que articulam percepção, pensamento, consciência. Ao falar do olhar-professor, portanto, nos referimos a um conjunto de processos que abrange o modo como percebem e compreendem os diversos contextos em que estão inseridas, como planejam suas práticas pedagógicas, como se reconhecem como classe, como mulheres, dentre diversas outras questões envolvidas na vida profissional e pessoal de cada uma, entendendo que tudo isso está articulado. Portanto, a partir disso, entendemos que falamos do “olhar” como algo acessível e completamente possível para pessoas com deficiência visual, por exemplo.

Nesse sentido, pensar na superação dessa forma de olhar que aprisiona também é algo que pode ser construído coletivamente por meio das práticas diárias. Tais práticas dizem respeito a um processo de (des)construção e (re)construção de modos de pensar e falar, modos de enxergar e acolher aquilo que difere do que é esperado e desejado pelas instituições escolares, sejam de qual nível de ensino for. Assim, pensando em caminhos para tais mudanças, temos a Arte como um instrumento extremamente rico e potente nesse processo. Utilizamos a palavra potência neste trabalho, como sinônimo de fonte de transformação e criação de novas práticas e significados (Espinosa, 1983).

A Arte nos proporciona vivenciar uma experiência estética muito rica e influente. O contato com a Arte nos leva a modificar a forma como nos relacionamos com o outro e com o mundo ao redor. Por meio dela somos levados a transformar nossas percepções e ações, o que pode ter impacto direto na Educação e na criação de práticas desmedicalizantes.

4. Psicologia e Arte: Quem não se movimenta não percebe as amarras que o prendem, e então, a Arte pede passagem¹¹!

Nesta seção abordaremos a importância da Arte a partir do aporte teórico que tomamos como norteador desta pesquisa e com o qual procuramos trabalhar com coerência ao longo de todos os momentos da pesquisa e da escrita deste trabalho. Este estudo, como já foi descrito na seção “Psicologia Histórico-Cultural: Alguns pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa”, se sustenta na Psicologia Histórico-Cultural e, por isso, aqui apresentaremos alguns conceitos mais especificamente relacionados à Arte que conduziram a realização da pesquisa e a análise das informações obtidas.

Vigotski (2001) afirma que a humanização e desenvolvimento do indivíduo acontecem juntamente com o outro; assim, a única forma de se compreender o funcionamento humano individual é no íntimo do contexto das relações sociais, pois não é possível atividade humana própria do indivíduo fora dessas relações. O outro tem papel essencial na constituição dos seres humanos, estando a constituição do sujeito atrelada ao aprendizado, que transcorre na interação com o outro que possui mais experiência, com mediadores, com seu grupo cultural, por meio do uso da linguagem.

Seguindo essa linha de raciocínio, Vigotski (1999) traz a Arte como importante aliada na constituição e transformações do ser, nos servindo como uma ferramenta essencial diante da vastidão de emoções que não são concretizadas na vida. O autor diz que tais emoções são expressas por meio da Arte, e então, as mesmas são transformadas – por exemplo, se sinto repulsa por algo, esse sentimento pode se transformar em energia para modificar uma situação.

¹¹Título em analogia à frase de Rosa Luxemburgo: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem.”

Mas, antes de nos aprofundarmos no que a Arte fomenta e possibilita, precisamos elucidar o que é Arte. Existem determinados pré-requisitos para que uma produção humana seja considerada Arte.

A classificação e análise de uma obra de Arte (se é ou não Arte, e de que tipo se trata) não é um trabalho simples, sempre passando e dependendo dos interesses dos artistas, dos críticos da época e até mesmo do mercado da Arte. Existem muitas pessoas envolvidas nesse processo e que irão consumir a produção artística. Existem especialistas e teóricos que definem o que é Arte, que se debruçam sobre o aspecto técnico que foi utilizado; alguns lançam o olhar sobre os traços estilísticos do artista, outros perscrutam os aspectos históricos da obra e alguns tomam uma obra como Arte como uma produção que revela interesses de determinados grupos de pessoas. Esse processo de compreensão precisa ser permeado por um olhar atento, visto que existem grupos de interesse que movimentam o mercado da Arte e isso pode ser um fator influenciador no pensamento do criador da obra, não podendo, portanto, ser negligenciado (Cauquelin, 2005; Coli, 1995; Teixeira, 2017).

Concordamos com Coli (1995), que afirma que independentemente de tantos modos classificatórios e identificatórios, é fundamental o entendimento do que o artista comunica quais as suas inquietações, quais as suas concepções e sua excentricidade em meio as diversas produções artísticas de sua época.

Para além disso, podemos refletir sobre o significado de Arte ao redor do mundo: o que é Arte para nós, seria assim considerado em todo o globo? Alguns autores (Coli, 1995; Teixeira, 2017; Ostrower, 1983) afirmam que, possivelmente, cada povo teria uma resposta diferente para a pergunta “O que é arte?” – e mais uma vez, os fatores sócio-históricos irão compor tal resposta. Nessa linha de raciocínio, podemos tomar como exemplo momentos em que certos utensílios eram utilizados com determinadas funções no dia a dia das pessoas, mas que hoje fazem parte de acervos em museus. Tais reflexões deixam claro que as tentativas de

classificar e analisar uma obra, sempre irão passar por diversos aspectos – do pessoal ao econômico – e por isso, escolher um modo de categorizar uma obra, ou definir o que é Arte, sempre será um processo excludente e dependente de seu tempo (temos muitos artistas que hoje são exaltados, mas em sua época não eram).

Conforme iniciamos esta seção, pretendemos ir além de tais questões teóricas e técnicas ligadas à Arte, visto que a mesma tem a capacidade de sensibilizar, nos levar a viver experiências únicas, além de possuir muita potência diante do desenvolvimento humano.

Dentro dos processos imaginativos, por exemplo, é possível criar e expandir. O contato com a Arte é uma experiência estética poderosa porque faz com que nos relacionemos com o mundo de outra forma, transformando nossas percepções e ações. A Arte nos liberta do mundo convencional! Nas palavras de Teixeira (2017, p. 52),

A arte resulta da história e da produção social como um todo. Ela possui a capacidade de influenciar o ser humano, porque pode participar da sua constituição, tanto no aspecto material quanto no da consciência. É uma forma de materialização daquilo que é vivido socioculturalmente e contém em si elementos individuais, sociais, econômicos, psicológicos e morais de determinado contexto histórico.

Vigotski (1999) aprofundou a relação da Arte com o desenvolvimento humano. Em seu livro “Psicologia da Arte”, podemos ler o que o autor queria propor a este respeito, ao afirmar que a Arte parece agregar, complementar a vida e amplificar seus potenciais e possibilidades. Essa afirmação é carregada de significados e reflexões que desvelam o potencial do ser humano de trilhar caminhos em seu desenvolvimento com possibilidades infinitas, de se aprimorar, além de realçar como a Arte contribui nesse processo – que dura a vida toda.

A Arte nos faz questionar nossa própria história e refletir sobre como a temos escrito. Não é por aleatoriedade ou simples acaso que regimes de opressão deram início aos seus diversos ataques contra a Arte e também contra os artistas. O que nos leva a pensar em como nossa sociedade tem encarado todas as formas de Arte, e por partirmos do princípio de que ela

é fonte de inúmeras potências, é essencial expormos tais reflexões. Durante o período de produção deste trabalho (2018-2020) vivemos muitas transformações políticas. A Arte e os grandes nomes responsáveis por tratar de tais assuntos não ficaram fora das mudanças. Porém, nesta reflexão tentaremos focar a forma como nossa sociedade tem encarado as formas de Arte.

Um acontecimento importante para nos auxiliar nessa reflexão e que precisamos ressaltar, é que a Cultura perdeu o caráter de Ministério para se tornar apenas Secretaria, sendo agora hospedada pelo Ministério da Educação (MEC), este último possuindo uma estrutura que tem outras prioridades, o que pode prejudicar negociações e demandas específicas¹². Tal fato foi visto por muitos, e é dessa forma que também entendemos, como um rebaixamento e um retrocesso. Para além do simbolismo que um ministro carrega, foram acrescentadas muitas burocracias e dificuldades no que se refere às questões da cultura. Ainda dentro do período em que este texto foi escrito, vimos o anseio pela instituição de um “filtro cultural” nas produções artísticas ser verbalizado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro: “A cultura vem pra Brasília e vai ter um filtro sim, já que é um órgão federal. Se não puder ter filtro, nós extinguiremos a Ancine¹³. Privatizaremos ou extinguiremos. Não pode dinheiro público ser usado para fins pornográficos.”¹⁴

É evidente que existem determinados grupos sociais que apoiam o uso de “filtros” (que soa um pouco mais suave aos ouvidos do que a palavra censura) nas produções artísticas

¹² Destacamos que o antigo Ministério da Cultura era composto pelas sete seguintes instituições, cada uma com suas especificidades e demandas: Instituto do Patrimônio Histórico de Artístico Nacional (Iphan), Agência Nacional do Cinema (Ancine), Fundação Nacional de Artes (Funarte), Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Fundação Cultural Palmares (FCP), Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

¹³ Para compreender o que é e como a Agência Nacional do Cinema funcione, acesse: <https://www.ancine.gov.br/pt-br/competencias-da-ancine>

¹⁴ Para ler a notícia completa, acesse: <https://www.agazeta.com.br/brasil/bolsonaro-diz-que-vai-extinguir-ancine-se-agencia-nao-puder-ter-filtro-0719>

do nosso país. Assistimos, ainda no período de escrita citado, a propaganda¹⁵ que levou Roberto Alvim a perder o cargo de secretário da Cultura, por utilizar referências nazistas em sua fala e também no cenário, em vídeo oficial para divulgação de um concurso nacional de artes. Um vídeo que conta ao povo brasileiro a ideia de retomar uma cultura religiosa excludente, um projeto extremamente conservador e elitista, deixando de fora manifestações artísticas críticas e populares (as artes visuais, por exemplo, não seriam contempladas, além de não haver a possibilidade de inscrever exposição coletiva). Por quê? Quem decide o que deve e/ou pode ser produzido e consumido, e o que não? Estamos falando de normas e padrões desde o início desta escrita... Estaríamos vivenciando a construção de uma nova norma? Ou seria uma norma já existente, mas até então, camuflada? Não podemos falar de Arte e dos seus impactos no desenvolvimento e nas transformações do ser humano, sem pensar em todas essas questões. A artista visual uberlandense Lorena Rosa, trabalha com bordado e escreveu o seguinte em uma postagem da rede social Instagram®, acerca da declaração de Roberto Alvim:

“Secretário de cultura fazendo um discurso nazista para anunciar um prêmio de arte e cultura que não contempla as artes visuais. Arte não é só pintura e escultura. A tentativa de “nivelar uma estética” é uma estratégia de apagamento. A arte não é arte se não cumpre seu papel em denunciar as opressões que a classe dominante causa aos trabalhadores. Eu ainda existo, aos retalhos, depois de tudo.”¹⁶

Além disso, vivemos também o cancelamento da estreia do filme ‘Marighella’¹⁷, devido a problemas burocráticos na Ancine. O filme estreou e foi sucesso em diversos festivais de cinema do mundo¹⁸, mas, em sua própria casa encontrou grandes barreiras e a poderosa história e mensagem contada foi perdendo força no país. A quem interessa abafar

¹⁵ Para assistir o pronunciamento completo de Roberto Alvim, agora, ex secretário da Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ>

¹⁶ A escrita se encontra na página online do trabalho de Lorena Rosa: <https://www.instagram.com/corralocorra/>

¹⁷ Para compreender melhor os acontecimentos sobre tal cancelamento: <https://oglobo.globo.com/cultura/filme-marighella-tem-lancamento-cancelado-no-brasil-2-23944313>

¹⁸ Estreia do filme ‘Marighella’ em outros países: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/02/15/wagner-moura-lanca-marighella-no-festival-de-berlim-e-posa-com-placa-de-marielle-franco.ghtml>

histórias como a de Marighella? Muitas pessoas iriam ouvir esse nome e essa história pela primeira vez nas telas do cinema. E, não é a primeira vez que artistas e histórias contadas por meio da Arte encontram muros no Brasil.¹⁹ Ainda nesse sentido, não podemos deixar de mencionar que os artistas ficaram entre as classes esquecidas²⁰ durante a pandemia de coronavírus (COVID-19) que acometeu o mundo em 2020, onde, além de vivenciarem uma demora para receberem apoio financeiro com a inclusão no auxílio emergencial²¹, nem mesmo palavras foram ditas diante da perda de alguns nomes brasileiros²².

E pensar que, o fato de uma artista, a atriz Regina Duarte, ter estado à frente da Secretaria Especial da Cultura não fez a menor diferença. Foi, inclusive, uma passagem desastrosa. Em abril de 2020, artistas realizaram um protesto virtual²³, um movimento chamado “Cadê Regina?”, reivindicando saber o que ela faria frente a todos os acontecimentos pandêmicos, e claro, onde ela estaria já que não fazia aparições ou mesmo falas online a respeito de sua classe artística. Quando enfim, a secretária apareceu²⁴, já em maio de 2020, se recusou ao diálogo e minimizou o passado e o presente da história do nosso país. Dias depois, a atriz deixou o cargo declarando que assumiria um cargo na Cinemateca, em São Paulo.

Tantos acontecimentos incoerentes nos levam a questionar ainda mais. A Arte está distante da população brasileira? Está perto? Está para todos? Quem a faz disponível? Quem decide aqueles que terão acesso? E se ela está presente, como poderíamos levá-la para outros

¹⁹ Outro caso, para mostrar que os muros ainda são muitos para a Arte e os artistas no Brasil, é o de Wagner Schwartz: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html

²⁰ O Projeto de Lei 2545/20 acrescenta a medida de auxílio para artistas dentro do PL 13.979, só posteriormente e pode ser visto em: <https://www.camara.leg.br/noticias/660799-projeto-estabelece-auxilio-emergencial-para-artistas-durante-pandemia/>

²¹ O auxílio emergencial faz parte de uma das medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública. Lei nº 13.979, de 6 de Fevereiro de 2020. Pode ser visto em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2020/lei-13979-6-fevereiro-2020-789744-publicacaooriginal-159954-pl.html>

²² Artistas que morreram durante a crise da pandemia no Brasil, cujos nomes não foram citados nem lembrados pelos nossos governantes: Aldir Blanc, Moraes Moreira, Rubem Fonseca, Daisy Lúcida, Flávio Migliaccio, Ciro Pessoa e Daniel Azulay. Existe um vídeo, para homenageá-los: https://www.instagram.com/tv/B_UeNkpRvR/?utm_source=ig_embed

²³ Para assistir ao Protesto Virtual: <https://www.youtube.com/watch?v=WwF-xjVhP4s>

²⁴ Regina Duarte em entrevista à emissora CNN: <https://www.youtube.com/watch?v=v9gLHrP7RNw>

contextos? E mais ainda, como ela poderia apoiar e incentivar projetos que têm por objetivo a emancipação do ser humano?

Nossa sociedade capitalista tem seguido rumo ao individualismo e egoísmo, e isso pode ser comprovado diariamente através das notícias²⁵ e mudanças que temos vivido como nação brasileira. As particularidades e individualidades, das pessoas em geral, têm sido alvo de inúmeras represálias, formas de expressão têm se transformado em absurdos estampados em manchetes que descontextualizam o ocorrido. Pensar, agir, falar, usar, pintar, crer... Ações que têm sido vistas como ameaças à norma – que existe há décadas, que permeiam nosso vocabulário e nossos preconceitos. A Arte vem como um caminho que pode nos inspirar a valorizarmos e vivenciarmos a coletividade e a união. Aprofundar as relações, experiências, sentidos e entendimentos, também é papel da Arte.

A Arte não precisa ser uma cópia da vida. O que Vigotski (1999) afirmou, e que também defendemos, é a importância de que seja estabelecida uma relação ativa com a Arte. A forma como nos relacionamos com a Arte tem a ver com o social em nós, e por isso, não há uma leitura única, afinal de contas, a síntese do social em cada um de nós é diferente!

Dizer que a Arte é o social em nós, implica em afirmar que – ainda de acordo com Vigotski – a sociedade que dá origem à obra de Arte também nela se manifesta, e é revelada. Além disso, a Arte contém em si características psicológicas complexas. E o que é contido nesse produto cultural, que é a Arte, pode ser apropriado pelos demais seres humanos. Assim, para Vigotski (1999), que parte da concepção de que a constituição do psiquismo humano é social e histórica e de que a Arte é fruto da representação humana proposital, as produções artísticas reproduzem a realidade concreta transformando o próprio indivíduo. Por isso, a Arte não deve ser vista como efeito de um artista isolado, como sendo o único ser humano

²⁵ Para compreender melhor as mudanças pelas quais cito que a nação brasileira tem vivido, sugiro a leitura do texto “Doente de Brasil”, de Eliane Brum. O mesmo pode ser localizado na coluna da autora, no site da revista El País Brasil: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html

responsável pela obra, mas como um produto cultural, engendrado sob modos construídos socialmente. Conforme Vigotski (1999, p.315):

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. ... O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. ... A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade.

Por isso, acreditamos que o contato do ser humano com a Arte leva à construção de novas formas de viver a própria vida e também de enxergar o outro e todo o mundo ao redor. Albano (2001, p.3) afirma que ao sermos tocados por uma obra de arte, não só a vemos, como nos observamos ao mesmo tempo, e então, “passamos a ouvir em nós o eco da mesma verdade que levou o artista a criá-la”.

A Arte, além de permeada pela cultura por meio de signos, faz parte também da modificação daquilo que já está posto, possibilitando a construção de novos significados, abrindo brechas para ampliação das possibilidades de constituição humana. E é exatamente nesse ponto em que entra a compreensão de que a Arte pode ter um papel importante no enfrentamento à Medicalização da Educação.

A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (Vigotski, 1999, p. 308).

Processos de Medicalização da Educação se dão devido a modos de ser, viver e enxergar a sociedade, construídos coletivamente ao longo da história do país, como abordamos anteriormente. Para que esse cenário seja modificado, são necessárias práticas, mediações com sentido, que produzam um efeito tanto no coletivo quanto no individual, o que é possível através da Arte. Com base na Teoria Histórico-Cultural, Silva (2005) afirma que a percepção e a linguagem são funcionalidades que têm uma conexão muito próxima, porque o ser humano delinea o mundo através do vocábulo, da expressão, compreendendo esse mundo

dentro de determinado contexto. Portanto, nossas realidades são dependentes de nossas narrativas, sendo que essas podem ser adoecidas, podem ser potentes (que convidam à transformação), enriquecedoras ou empobrecedoras. Podemos ter narrativas que reduzem e padronizam, e narrativas que libertam e abraçam a diversidade existente no coletivo. A Arte tem a potencialidade de abraçar essa coletividade e de modificar narrativas – ou seja, com ela é possível modificarmos nossa percepção e linguagem, o que levaria a uma transformação da nossa realidade, e mais especificamente, do cenário da medicalização da educação. Portanto, Psicologia, Arte e Educação podem andar juntas, nos levando a atuar na sociedade de forma reflexiva, crítica e menos passiva.

A Arte toca, gera emoções e inquietações. Essas são algumas das ferramentas que podem mudar o cenário medicalizante no qual estamos inseridos, pois *quem não se movimenta não percebe as amarras que o prendem* e então, a Arte pede passagem! A Arte mobiliza de muitas formas! Vigotski (1999, p. 307) assegura que a verdadeira natureza da Arte sempre implica algo que transforma.

Acerca da busca por essa transformação social, Silva (2005, p. 56) traz uma reflexão que acreditamos caber nessa situação e se faz extremamente importante,

[...] A psicologia que se faz em nosso país, voltada, muitas vezes, para pessoas abstratas, pertencentes a uma classe e situação idealizadas. Nós também estamos ajudando a construir a história da psicologia, embora sejamos anônimos. Como no poema “Perguntas de um trabalhador que lê”²⁶. de Brecht (1987), embora apenas os

²⁶ **Perguntas de um trabalhador que lê**

Quem construiu a Tebas de sete portas?
 Nos livros estão nomes de reis.
 Arrastaram eles os blocos de pedras?
 E a Babilônia várias vezes destruída
 Quem a construiu tantas vezes? Em que casas
 de Lima radiante dourada moravam os construtores?
 Para onde foram os pedreiros na noite em que
 a Muralha da China ficou pronta?
 A Grande Roma está cheia de arcos de triunfo.]
 Quem os ergueu? Sobre quem
 Triunfaram os céсарes? A decantada Bizâncio
 Tinha somente palácios para seus habitantes?
 Mesmo na lendária Atlântida
 Os que se afogavam gritavam por seus escravos
 Na noite em que o mar tragou.

grandes nomes sejam lembrados, são necessários o esforço e o trabalho de muitos desconhecidos para se produzir o conhecimento.

A possibilidade da união entre Psicologia Escolar e a Arte se dá neste trabalho, pois partimos do pressuposto de que o contato com aspectos inerentes à Arte favorece um novo olhar sobre si e sobre o mundo. Essa transformação de olhares e percepções é capaz de propagar novos processos mentais, pois fomenta múltiplos modos de pensar e enxergar o cotidiano. Sendo potência, então, na contribuição para que professores possam construir histórias transformadoras, para que possam fugir da mera reprodução de padrões muitas vezes vividos ao longo da história de cada um. Para que assim, todos os envolvidos nos processos existentes no contexto escolar, possam buscar práticas emancipatórias – seja dentro ou fora das salas de aula. Silva (2005,), inclusive, parafraseia Heráclito de Éfeso – que compôs a célebre sentença na qual diz que não é possível um homem se banhar duas vezes no mesmo rio –, dizendo que “não se mergulha duas vezes na mesma música, escultura, pintura, livro” (p. 31).

Este estudo traz contribuições para a área educacional porque há muito a compreender no que diz respeito às práticas que envolvem psicólogos e profissionais da educação, especialmente utilizando a Arte. Buscamos construir coletivamente caminhos para evitar o processo de medicalização e o encaminhamento desnecessário de crianças com questões relativas ao comportamento e/ou dificuldades de aprendizagem. Compreendendo que tais fatos, tão preocupantes no contexto escolar, podem fazer parte do processo de aprender, contribuindo para que a escola e todos os profissionais da educação se reassegurem de seu papel pedagógico, em vez de adotar um olhar que rotula.

Nessa perspectiva, muitas reflexões nos assolaram com este estudo e pesquisa. Com isso, apresentam-se como problematizações: Quais as contribuições da Arte na atuação da

O jovem Alexandre conquistou a Índia.

Sozinho?

Bertold Brecht (1898-1956), poeta e dramaturgo alemão.

psicologia escolar junto a profissionais da educação; para a transformação do olhar-professor e de outros fatores (institucionais, relacionais, sociais, políticos) envolvidos na medicalização da educação? Quais as concepções dos professores e educadores em relação à medicalização da educação (o que sabem, e o que relatam)?

Reiteramos que o objetivo deste trabalho é investigar quais as contribuições da Arte na atuação do psicólogo escolar junto a profissionais da educação, buscando a compreensão e transformação do olhar-professor e de outros fatores (institucionais, relacionais, sociais, políticos) envolvidos na medicalização da educação, para que possamos construir práticas desmedicalizantes. O foco foi fazer pensar, ou seja, o trabalho buscou oferecer caminhos para que pudessem (re)pensar não só suas práticas como docentes, mas também suas próprias vidas – visto que estamos falando de Arte e seus múltiplos impactos no ser humano. Para isto, propusemos a interlocução com professoras e educadoras, destacando a subjetividade e individualidade dos sujeitos, sem perder de vista sua ligação com as dimensões do contexto social, político, e os movimentos históricos em que estão inseridos. É valoroso enfatizar que buscamos possibilitar espaços de troca e de (des)construções que inspirassem ideias no campo de intervenção e atuação do psicólogo educacional e escolar, sem jamais ter a intenção de ditar um modo engessado de prática. Tomamos este estudo como um dos caminhos possíveis, não o único.

5. Percurso Metodológico

Buscando alcançar o objetivo já apresentado, adotamos as abordagens da pesquisa qualitativa e da pesquisa-ação, pois vêm ao encontro desta proposta de investigar práticas, considerando a potencialidade que a Arte tem de nos levar a modos transformadores de nos relacionarmos neste contexto educacional.

Segundo Bogdan e Biklen (1984), do ponto de vista da pesquisa qualitativa, é extremamente importante que os participantes da pesquisa sejam contextualizados. Para isto, é indispensável a análise minuciosa das informações, considerando de modo mais relevante o processo em que foram constituídas do que a maneira como se apresentam a nós.

A pesquisa qualitativa não demanda respostas simples frente a instrumentos pré-determinados, porque existem muitos processos enredados na elaboração de questões complexas. Isso nos leva a uma busca por conhecer os sujeitos a partir dos contextos em que estão inseridos e também das relações que estabelecem com a cultura e os com outros ao redor. Nas palavras de Bogdan e Biklen (1994, p. 70): “os investigadores qualitativos tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que constituem estes mesmos significados”.

Partindo destas premissas, ficamos atentos ao que foi constituído conjuntamente ao longo da realização da pesquisa. Além disso, é importante destacar que a pesquisa-ação vai além de ser apenas uma metodologia de investigação, sendo uma forma de ampliar o conhecimento teórico-prático em busca de transformações (Abdalla, 2005; González-Rey, 2002). Nas palavras de Tripp (2005):

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino (p. 445).

O estudo foi realizado tendo como importante pilar a relação estabelecida dialeticamente entre a psicóloga e as professoras, trabalhando com as educadoras, e refletindo sobre a atuação da psicologia.

5.1 A Construção da Proposta

O trabalho desta pesquisa consistiu em criar espaços de interlocução com professoras e educadoras²⁷, destacando a subjetividade dos sujeitos, sem perder de vista sua ligação com as dimensões do contexto social, político e os movimentos históricos em que estão inseridos.

A ideia da pesquisa se desenhou durante meu trabalho como psicóloga escolar em uma Instituição Pública de Educação Infantil, alocada no município de Uberlândia – MG. Na época em que o estudo aconteceu, eu me encontrava havia sete meses trabalhando no local, portanto conhecia um pouco da realidade da escola e das práticas diárias. Em todos os contatos – anteriores à pesquisa – com as professoras e educadoras, havia um desejo delas, verbalmente expresso, de aproximação com a Psicologia. O tempo era limitado em razão da quantidade de afazeres de cada uma, porém sempre havia um pedido em comum: que houvesse uma ocasião para que pudessem “conversar”, como diziam, havia o desejo entre elas de que tivessem um espaço para escuta. Com isso, a pesquisa foi tomando forma e acreditamos que esse contato prévio facilitou todos os processos propostos no presente estudo, com relação tanto à instituição quanto às participantes.

Meu trabalho como psicóloga na instituição onde esta pesquisa foi realizada teve o enfoque de convidar para compartilhar e escutar. Assim, as participantes da pesquisa já tinham certo conhecimento acerca do papel do psicólogo na escola, assim não houve a

²⁷ Ao longo de todo o trabalho “professoras” e “educadoras” se apresentará no feminino, visto que todas as dezenove (19) participantes da pesquisa eram do gênero feminino.

necessidade de explicar ou demonstrar que a atuação do psicólogo escolar vai na contramão da visão do clínico atendendo na escola.

Para dar início, foram explicados à diretora²⁸ da instituição os objetivos e métodos do estudo, logo depois o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, e com o aceite do mesmo, as professoras e educadoras da instituição foram abordadas (individualmente) e convidadas a participar. Além desse convite, foram colocados cartazes²⁹ dentro da escola, sobre a pesquisa, para que vissem e se lembrassem ao longo dos dias. Foi explicada a importância da mesma, os objetivos e os recursos metodológicos. Depois disso, foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando sobre os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa e, em seguida, as assinaturas de quem se prontificou a colaborar foram recolhidas, sendo que todas as participantes convidadas consentiram. De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o sujeito colaborador é livre para deixar de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo, sendo-lhe devolvida, desconsiderada ou destruída toda a fonte material que antes fornecera. Além disso, foi explicitado que não teriam nenhum tipo de gasto, ou mesmo ganho financeiro por participar da pesquisa.

O número de colaboradoras convidadas a participar da pesquisa foi de 19, o número total de professoras e educadoras da mesma instituição. A diferença entre professoras e educadoras, no caso da instituição citada, consiste no fato de que as professoras são graduadas em Pedagogia e são as responsáveis pela sala de aula, assim como pelo conteúdo. Já as educadoras possuíam outras formações, ou estavam cursando Pedagogia e sua função era de auxiliar a professora – fosse com a organização da turma (visto que eram salas numerosas, com crianças de até seis anos), ou na preparação de materiais. Nas seções adiante discorreremos mais sobre as participantes. Abaixo o quadro com os dados das mesmas.

²⁸ O cargo de direção também era ocupado por uma mulher. Os únicos homens trabalhando na instituição faziam parte da equipe de segurança e tecnologia, e alguns compunham a equipe de serviços gerais.

²⁹ O cartaz que foi espalhado pelos muros da escola pode ser visto no Apêndice A.

Quadro 1. Participantes da Pesquisa

Participante	Idade	Escolaridade	Experiência	Tempo na Instituição
Alyssa	37	Pedagogia	01 ano com educadora	01 ano
Ana	37	Ensino Médio completo	03 meses como educadora	9 meses
Beatriz	25	Cursando Pedagogia / Magistério	07 anos como educadora	01 ano
Claudia	38	Pedagogia	09 meses como professora	01 ano
Cleusa	35	Cursando Pedagogia	06 anos como educadora	2 anos
Divina	34	Cursando Pedagogia / Magistério	03 anos como educadora	03 anos
Danúbia	50	Magistério	06 anos como educadora	11 anos
Fabiana	48	Pedagogia	6 anos como professora	6 anos
Gio	29	Pedagogia	09 meses como educadora	09 meses
Isabela	35	Pedagogia	01 ano como educadora	01 ano
Iva	44	Curso de Pedagogia	13 anos como professora	09 anos

Jade	45	Magistério	3 anos como Educadora	3 anos
Laísa	24	Cursando Direito	5 anos como educadora	5 anos
Marcela	24	Magistério / Cursando Odonto	04 anos como educadora	04 anos
Moena	37	Cursando Pedagogia	13 anos como professora	09 anos
Paula	44	Pedagogia	09 anos como educadora	6 meses
Queila	44	Cursando Pedagogia	15 anos como professora	8 anos
Rosana	42	Cursando Pedagogia	9 anos como professora	5 anos
Stéfane	28	Pedagogia	3 anos como professora	4 anos

*Todos os nomes foram modificados para a preservar a identidade das participantes.

A faixa etária das participantes variou entre 24 e 50 anos. Tal diversidade em termos etários, nos possibilitou um espectro muito amplo com relação a formas de enxergar e lidar com determinados aspectos do trabalho na educação, justamente por trazerem vivências e experiências de diferentes épocas e contextos. Quanto à graduação, das 19 participantes, seis encontravam-se ainda cursando Pedagogia, oito eram graduadas em Pedagogia, cinco possuíam o Magistério (sendo duas destas alunas do curso de Pedagogia), duas estavam em graduações não relacionadas diretamente à área da educação (Odontologia e Direito, sendo que uma delas possui o Magistério), e por fim, uma educadora com o Ensino Médio completo

que preferiu não dizer o nome do curso superior cursado³⁰. Para esta investigação foram realizados Encontros Reflexivos (sobre os quais falaremos com maiores detalhes mais adiante) com tais profissionais da educação. O critério de inclusão das participantes consistiu no fato de estarem todas inseridas na mesma escola, portanto, compartilhando o mesmo ambiente e dia-a-dia de atuação profissional, o que foi importante para este estudo. Foi essencial que fizessem parte da mesma instituição para podermos enxergar de modo efetivo as práticas medicalizantes que possivelmente estariam sendo elaboradas e reproduzidas naquele contexto, visto que essa construção é um processo que se passa e é reforçado institucionalmente. O caminho proposto para a investigação foi composto de: a) Apresentação da proposta de pesquisa, esclarecimentos quanto a sua importância e convite para serem colaboradoras, no primeiro encontro; b) Leitura e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com o recolhimento de assinaturas, no segundo encontro; c) Quatro Encontros Reflexivos previamente agendados; d) Transcrição dos Encontros; e) Análise das informações obtidas e dos documentos produzidos.

5.2 Os Encontros Reflexivos

O nome “Encontros Reflexivos” surgiu durante a preparação da pesquisa, justamente por expressar a ideia do que planejávamos construir coletivamente nos momentos com as participantes. Foi um espaço que envolveu muita escuta, trocas e reflexões sobre a própria vida e prática pedagógica, por isso carrega esse nome. Nesta subseção discorreremos com mais detalhes sobre como se desenrolou esse ponto do estudo.

Inicialmente, pretendeu-se adotar um total de oito encontros, porém, foram realizados quatro encontros, devido a questões e circunstâncias ocorridas ao longo da realização do

³⁰ Informações obtidas em conversas informais ao longo dos momentos que tive com elas.

estudo, tais como o calendário escolar e os horários que a instituição pôde ceder para a realização da pesquisa. Consideramos que esse número foi adequado para abordar uma diversidade de temáticas que contribuíram para a compreensão do objeto de pesquisa proposto.

Pretendemos adotar, a cada encontro, um tema e recursos estéticos que contribuíssem para discuti-lo (como vídeos, textos, imagens, músicas, poemas, dentre outros), houve a possibilidade de expansão das questões a serem estudadas de acordo com aspectos que foram sendo levantados no decorrer da realização dos encontros (mantendo sempre o foco na temática eleita para esta pesquisa: a medicalização da educação). Os temas planejados para os encontros foram:

1º Encontro: O olhar-professor;

2º Encontro: A medicalização dentro dos muros da escola;

3º Encontro: O trabalho do psicólogo aliado ao professor;

4º Encontro: Encerramento - Construindo práticas desmedicalizantes.

Os Encontros Reflexivos foram realizados com um grupo único, composto por todas as profissionais da educação convidadas a participarem da pesquisa. Ocorreram no âmbito da Instituição Escolar, em um salão que normalmente era utilizado para realizar reuniões com as famílias; o ambiente era grande, muito bem iluminado e ficava no fundo da escola, o que nos dava certa privacidade, além de estar reservado para tal atividade. Sentávamo-nos sempre em roda, com a intenção de construir um espaço para conversar, exercitando a liberdade de expressão. O ambiente era organizado pela equipe de serviços gerais da Instituição, estando sempre limpo e com as cadeiras organizadas. Os momentos com as professoras e educadoras precisaram acontecer no contra turno, pois a escola não tinha condições de receber e trabalhar com as crianças na ausência das professoras e educadoras. Portanto, os dias e horários foram

estabelecidos em conjunto com as participantes e com a direção³¹, para que não houvesse nenhum tipo de prejuízo no desenrolar do trabalho e das atividades da escola. Reunimo-nos então, quinzenalmente, no contraturno, em um salão reservado dentro da própria Instituição.

5.3 Os caminhos trilhados nos Encontros Reflexivos

Colocar em palavras o que foi pensado e executado em cada encontro jamais fará jus à riqueza de trocas e aprendizados que ocorreram nos momentos em que estivemos juntas. Porém, na escrita deste trabalho tentaremos contar sobre cada momento de forma que o leitor entenda o trajeto de cada momento. Para isso, organizamos o texto da seguinte forma: número do encontro com o tema, o objetivo para aquele momento específico e uma breve descrição do que ocorreu naquele dia.

5.3.1 Primeiro Encontro Reflexivo

Tema: *O Olhar do Professor*

³¹ A direção ou qualquer outra equipe da Instituição Escolar não foi convidada para participar da pesquisa. Desde o princípio a intenção era trabalhar especificamente com as professoras e educadoras, logo, o convite foi feito apenas a elas. Essa escolha possibilitou vantagens à pesquisa, como por exemplo, a sensação de liberdade para que as participantes falassem sobre o que pensavam, sobre as demandas e dificuldades existentes dentro da escola, com relação ao trabalho de cada uma; fortaleceu os laços entre cada membro da equipe. Além disso, possibilitou um olhar minucioso e mais dedicado à atividade docente. Porém, essa opção também teve desvantagens, pois as demais equipes não tiveram a oportunidade de vivenciar as mesmas trocas, ou criar um vínculo mais próximo entre todos, por exemplo.

Materiais disponibilizados às participantes no 1º Encontro Reflexivo



Caixa do Grupo após ter sido decorada pelas participantes



“De quem é o olhar que espreita por meus olhos?” Fernando Pessoa (1995).

Nesse dia, buscamos trabalhar conceitos específicos (normal e anormal, feio e bonito, por exemplo) de modo a compreender que tudo o que vivenciamos passa pelo nosso olhar e é

por ele influenciado. Além de discutirmos sobre como nossos olhares são compostos de muitos outros olhares, como o trecho de Fernando Pessoa acima citado nos sugere. Sabemos que o ser aprende desde o momento em que nasce, portanto possuímos uma bagagem que influencia diretamente os modos de viver e os modos de compreendermos o que vivemos.

Para trabalharmos tais questões, procuramos recursos estéticos que nos auxiliassem. Então, escolhemos o texto “A história de um Olhar”³², primeiro capítulo do livro “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum. Escolhemos também, um vídeo infantil chamado “O quente pode ser frio?”, inspirado no livro de Jandira Masur, e finalizamos com Valsinha, canção de Chico Buarque, na qual tudo se desenrola e se transforma a partir de um olhar “*muito mais quente*”.

As participantes foram recebidas ao som de Chico Buarque e conversamos um pouco sobre o dia de cada uma, até que todas chegassem e se sentassem na roda, pois estavam chegando ao final de um dia cheio de atividades na escola, portanto todas estavam um pouco cansadas, porém ainda muito agitadas. Para dar início ao encontro e continuar “quebrando o gelo”, foi realizada a dinâmica “Encontro Marcado”, na qual cada uma recebeu uma espécie de agenda onde devia marcar encontro com três outras participantes. Para cada encontro foi proposta uma pergunta-tema de conversa: 1º “O que você gosta de fazer aos finais de semana?”; 2º “Você se sente diferente de algum modo? No que?”; 3º “Por que você se tornou professora?”.

³² O livro “A história de um Olhar” traz de maneira extremamente forte e, ao mesmo tempo sensível, histórias de pessoas consideradas invisíveis no cotidiano. Ouso dizer que Eliane Brum faz mágica com as palavras em cada nova narrativa, dando novos significados para acontecimentos que muitas vezes a maioria das pessoas ignora, por escolha. “A história de um Olhar” é o primeiro capítulo de um livro que desnuda vidas de pessoas anônimas. O trecho selecionado traz a história de um homem que teve sua vida transformada pela educação. Eliane Brum conta que a mudança que essa personagem viveu alcançou também a professora que serviu como ponte entre esse homem e o novo mundo que ele estava prestes a conhecer. A vida dele foi transformada porque uma professora ousou olhar para ele, e a vida dela, foi transformada pelo reflexo que enxergou nele durante esse processo de descobrimento e desenvolvimento.

Após esse momento, conversamos um pouco sobre o que foi compartilhado na dinâmica, e a questão que mais mobilizou a discussão coletiva foi “*O que te levou a ser professora?*”.

Em seguida, assistimos ao vídeo “*O quente pode ser frio?*”³³, que mostra pontos de vista diversos para várias situações. Então, se deu início a uma conversa acerca dos olhares. Qual o olhar do professor? Qual é o olhar que lançamos em direção ao outro, e qual o impacto disso? Os outros veem as coisas/situações/pessoas, da mesma forma como nós vemos? E então, elas começaram a contar sobre suas vivências com os olhares (próprios, e de outros).

Após ouvi-las um pouco, com situações engraçadas e outras nem tanto, fizemos uma leitura coletiva do texto de Eliane Brum, já citado. Cada uma leu um trecho (o livro estava projetado em PowerPoint, além de elas terem recebido o capítulo impresso). Esta etapa foi a que tomou mais tempo, pois as participantes se emocionaram e compartilharam bastante sobre seus sentimentos e lembranças de momentos que as marcaram na carreira profissional. Finalizamos o encontro ouvindo Valsinha, de Chico Buarque, enquanto confeccionavam um mural de olhares – essa atividade foi feita com papel pardo e outros materiais disponibilizados para as participantes. Depois desse momento, elas foram convidadas a colar os olhares no mural e, conforme o faziam, iam também vislumbrando o resultado final do desenho de cada uma; alguns comentários foram feitos na tentativa de explicar o porquê de terem confeccionado os olhos da forma como fizeram. Neste dia, finalizamos colocando o mural na parede do salão onde estávamos nos encontrando (no último encontro o mural foi removido e guardado pela psicóloga pesquisadora).

³³ O vídeo está disponível no YouTube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=XUP0ypImAJw&t=2s>

Mural de Olhares - Produção feita pelas participantes**5.3.2 Segundo Encontro Reflexivo**

Tema: *A Medicalização dentro dos muros da escola*

Pintura de William Beetchey (1753-1839), intitulada “Crianças dando moeda para um pedinte” (1793).



Para a abertura do segundo Encontro Reflexivo apresentei a elas a pintura de William Beetchey, intitulada “*Crianças dando esmola a um pedinte*”, porém apenas mostrei a obra de Arte sem contar-lhes o nome. Então, deixei que dissessem livremente o que viam na pintura. A obra foi exposta por meio de um aparelho projetor data show e separei alguns minutos para todas apenas observarem, o que ocorreu ora em silêncio, ora com burburinhos, ora com falas de estranheza. A justificativa para o uso desse recurso estético é o fato de que na pintura existem três crianças, porém uma delas perde essa “posição” devido a sua condição socioeconômica. Pensamos que essa situação poderia facilitar o processo de entendimento do que é a medicalização da educação e da vida – conceitualmente falando –, o que de fato ocorreu. Elas ficaram o tempo todo com um olhar de estranhamento, como se estivessem desaprovando o que viam na figura exposta.

Após a conceituação do termo Medicalização da Educação, apresentei outra imagem. Dessa vez, uma fotografia retirada do site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com vários indígenas sentados em ordem e na mesma posição, com roupas idênticas e as freiras ao redor. A única coisa que remete ao estilo de vida indígena são alguns pés descalços. E mais uma vez, nos delongamos ao olhar para a imagem, porém dessa vez não houve silêncio algum. Logo estavam todas indignadas, com as sobrancelhas franzidas e balançando a cabeça em desaprovação.

Indígenas e Freiras na escola



Esse foi um dos encontros mais ricos e densos no quesito discussões. Todas queriam compartilhar alguma situação que já haviam vivido, e relatar experiências difíceis e parecidas, além de falarem um pouco do cotidiano da escola. Foi nesse dia que percebi que, de fato, haviam compreendido o significado do termo ‘medicalizar’. A partir disso, demos início a uma rica discussão (na qual fui pontuando alguns aspectos sobre a presença da medicalização na escola, e fazendo questionamentos guiados voltados para a temática do dia) sobre o que poderia ser feito para que o processo da medicalização da educação fosse evitado.

Manifestaram a compreensão de que estando no papel de professoras e educadoras, elas podem escolher se irão repetir o que viveram ou se farão diferente. Começaram a pensar no que fazer. Foi muito bonito ver que a busca pela desmedicalização não precisou ser citada por mim, ela surgiu logo no segundo encontro quando se deram conta da gravidade e do quanto elas mesmas foram marcadas por olhares medicalizantes. As reflexões foram tantas, que, mesmo após finalizar o Encontro, algumas das professoras seguiram conversando sobre tudo o que havia sido dito coletivamente.

5.3.3 Terceiro Encontro Reflexivo

Tema: *O trabalho do Psicólogo aliado ao Professor*

Dinâmica do barbante



Na abertura do terceiro Encontro Reflexivo, realizamos uma dinâmica utilizando um barbante: a primeira pessoa devia dizer uma palavra de algo que fosse necessário para o trabalho no dia a dia (como por exemplo, diálogo, tarefas e equipe, dentre outros) e passar o novelo adiante, sem sequência pré-definida. Assim seria até chegar à última pessoa. A teia começou com cada uma dizendo algo e, ao final, o barbante foi colocado no chão mantendo a forma criada. Sentamo-nos em roda e então, conversamos sobre tudo o que foi dito e falamos também sobre o que tudo aquilo representava. A movimentação do barbante resultou em um emaranhado ao final da dinâmica e elas começaram a deduzir o que todo aquele entrelaçado representava (todas essas questões serão aprofundadas na seção de análise).

A dinâmica foi uma forma de ilustrar a importância do trabalho em equipe na escola. Sabemos que a escola é formada por uma rede de relações, na qual o trabalho de cada uma está interligado ao das outras: todas afetam e são afetadas. Nada do que acontece na instituição é um fato isolado. Cheguei a utilizar uma imagem para comparar junto com elas: as ondas que uma pequena pedra causa quando jogada na água. Quando a jogamos, ela vai gerando pequenas ondas e essas ondas vão atingindo outros lugares até chegar à beira do rio que é o ponto de onde foi jogada. Assim pode ser a nossa ação. O trabalho de todos na escola passa por esses fios, como na fotografia acima.

A proposta inicial deste encontro era ouvi-las acerca das expectativas sobre o fazer da psicóloga na escola. Como enxergam e o que pensam sobre isso. Como se sentem com a presença de uma psicóloga na instituição. Além de tentar compreender como a Psicologia poderia contribuir para que a educação seja um espaço de intervenções que possibilitam o desenvolvimento das potencialidades, a quebra de rótulos e estigmas. Para isso, o recurso estético utilizado nesse dia, ao final desse momento, foi a música *Caminhos do Coração*, de Gonzaguinha, para poder levar a uma reflexão sobre a importância do outro neste contexto da educação, do quanto o outro nos forma, nos constitui.

Há muito tempo que eu saí de casa
 Há muito tempo que eu caí na estrada
 Há muito tempo que eu estou na vida
 Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz
 Principalmente por poder voltar
 A todos os lugares onde já cheguei
 Pois lá deixei um prato de comida
 Um abraço amigo, um canto prá dormir e sonhar
 E aprendi que se depende sempre
 De tanta, muita, diferente gente
 Toda pessoa sempre é as marcas
 Das lições diárias de outras tantas pessoas
 E é tão bonito quando a gente entende
 Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
 E é tão bonito quando a gente sente
 Que nunca está sozinho por mais que pense estar
 É tão bonito quando a gente pisa firme
 Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
 É tão bonito quando a gente vai à vida
 Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração
 E aprendi ...
 Gonzaguinha (1982)

Foi um encontro extremamente intenso! Acredito que posso dizer que, de todos os quatro encontros, esse foi o que mais demandou energia de pensar e cuidar de tudo o que foi compartilhado com relação ao trabalho e às relações estabelecidas entre elas e as demais equipes da escola – tanto de mim, quanto delas. Foi um momento de entrega total, falas importantes e que expuseram aspectos da instituição que precisavam de mudanças, além de pedidos reveladores de uma para a outra.

Muitas quiseram falar, enquanto isso, evitei fazer interrupções entre os compartilhamentos. Como eu havia combinado que gostaria de ouvi-las, assim o fiz. Cada fala foi muito carregada de sentimento, algumas choraram, outras deram boas risadas e até mesmo as que não verbalizaram se emocionaram.

5.3.4 Quarto Encontro Reflexivo

Tema: *Construindo práticas desmedicalizantes*

Obra de Rafael Assef, exposta parcialmente (apenas uma das fotos) no Museu Universitário de Arte da UFU em 2018.



Imagem aproximada da obra acima



Por ser o último Encontro Reflexivo, iniciamos com uma breve retrospectiva sobre tudo o que havíamos visto, ouvido, compartilhado e aprendido desde o primeiro momento

juntas. Para isso, levei alguns momentos importantes em slides para que pudéssemos recordar juntas logo ao início. Durante esse processo de relembrar e conversar sobre o que ficou e marcou de cada encontro, levei também em slides, algumas imagens da obra de Rafael Assef. A obra é composta por fotos de mapa feito na pele do próprio artista citado, entre seus 16 e 27 anos, que representa de seus percursos nesse período. Uma das imagens do mapa esteve no MUNA – Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia em 2018. Além de falarem de si, fui direcionando esse momento para que pudéssemos discutir e pensar em modos de desmedicalizar – já que tal fenômeno também gera marcas nos envolvidos.

A partir da obra, as convidei a falar sobre os próprios percursos, sobre como foram marcadas pelos processos vividos em conjunto, e, houve muitas trocas e agradecimentos. Lembrei-me no mesmo momento de um poema que aproveitei para ler para elas, já que estávamos falando sobre construir práticas desmedicalizantes diante do cenário que temos no Brasil, que é desfavorável e completamente desafiador, e dificulta tal processo.

“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas.”
Mário Quintana

Depois que li o trecho, houve uma pausa nas falas. Muitas choraram nesse momento. Acredito que por ser o último encontro, algumas já chegaram ao espaço muito sensibilizadas com todo o processo que iniciamos.

Minutos depois, instruí que se dividissem em dois grupos e conversassem entre si sobre o que e quais seriam as práticas desmedicalizantes possíveis no contexto daquela instituição. Feito isso, retornaram e compartilhamos o que foi pensado com todo o grupo. Por meio das falas e ideias, ficou nítida a influência que a Arte teve em cada momento.

Foi um Encontro em que, desde o início, elas estavam agindo diferente, aparentando ansiedade. Foi nesse ponto que interromperam o encontro e me contaram que haviam

preparado uma surpresa para mim, como uma forma de despedida. Ganhei abraço coletivo. Levaram-me até o refeitório, onde havia muita comida: pizzas, tortas, doces e refrigerantes. Acredito que isso aconteceu um pouco porque sempre tentei levar um café para os nossos momentos juntas. Sempre, antes ou depois, tomávamos café com pão de queijo, às vezes biscoito ou bolacha – o que era possível levar no dia. Às vezes não havia tempo para ficarmos após o encontro, então eu deixava tudo em uma mesa próxima à nossa roda e elas se levantavam para pegar e retornavam. Acredito que o lanche favoreceu bastante os encontros. E por fim, segue uma imagem de uma das mesas servidas nesta surpresa de encerramento.

Surpresa no encerramento dos Encontros Reflexivos



5.3.5 Registro das Informações e Análise

Durante os Encontros Reflexivos, o registro das informações contou com vários instrumentos. Um deles foi o gravador, que contribuiu para o registro das falas, com pausas, suspiros, risos, afetações e outros elementos que fizeram parte do discurso das participantes da pesquisa. Com o uso do gravador pudemos reter mais dados e de forma mais exata, pois segundo Queiroz (1991), a gravação permite saber não só o que está nítido na locução, como nos permite compreender elementos subjetivos, aquilo que não é dito em palavras. Assim, os Encontros puderam ser transcritos na íntegra.

Acreditamos que o uso do gravador não seria suficiente, pois sabíamos que muitas reflexões e sentimentos poderiam ser despertados em cada participante. Devido a essa preocupação, com tudo o que poderia ser suscitado em cada um, não só durante, mas também após cada Encontro, foi pensado – inicialmente – outro instrumento que pudesse favorecer a construção das informações: um caderno denominado Diário do Grupo. O mesmo seria confeccionado pelas participantes, para poderem anotar suas percepções, pensamentos, aprendizados; enfim, o que sentissem vontade de registrar ou o que achassem importante (podendo conter desenhos, gravuras, dentre outros), ao longo dos encontros.

Para que esse Diário do Grupo pudesse existir, um caderno seria fornecido ao grupo de participantes, assim como os materiais para a decoração do mesmo (como tinta, lápis de cor, recortes de jornais, tecido, EVA, dentre outros). Nenhuma participante teria gastos com a confecção e uso do Diário. Porém, refletindo sobre esse instrumento, chegamos à conclusão de que seria limitante no sentido de que as únicas formas de registro seriam utilizando o papel como suporte, portanto seria a escrita, desenho ou alguma colagem. Por isso, com o intuito de ampliar modos de expressão e linguagens, a Caixa do Grupo tomou lugar do Diário do Grupo. Uma caixa de papel foi entregue ao grupo de participantes logo no primeiro encontro, assim como os materiais para que pudessem decorá-la (ou não), da forma como quisessem. A Caixa

se sobressaiu em relação ao caderno, pois dentro dela poderia ser colocados tanto produções escritas, quanto desenhos, colagens, objetos de costura, montagens feitas com papel ou outro material, enfim... A Caixa abriu espaço para uma gama de novas formas de se expressar.

Ao final de cada Encontro, a proposta era que a Caixa ficasse na escola, para que as reflexões e produções fossem feitas. Aquelas que colocaram algo na Caixa, ao longo da realização da pesquisa, o fizeram por livre escolha.

Além disso, contamos também com o Diário de Bordo da pesquisadora, onde anotações eram feitas durante a preparação e também logo após cada Encontro – contando com ideias, pensamentos e reflexões acerca do que havia sido discutido, sentimentos e tudo o mais que fosse suscitado.

Ao final dos Encontros, com o consentimento de todas as participantes, a Caixa do Grupo e outras as produções ficaram de posse da pesquisadora. As informações obtidas foram analisadas sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, assim como outros autores citados e que compõem este trabalho. Então, primeiramente nos atentamos para tudo o que foi produzido, a partir da transcrição das gravações e leituras do que haviam colocado na Caixa do Grupo, de forma que compreendêssemos um pouco do que os Encontros geraram. A partir desse procedimento, notamos que era possível agrupar os registros em categorias comuns.

Durante todo esse processo, pretendeu-se relacionar as descobertas feitas por meio da pesquisa com a literatura acerca do tema. Segundo Lüdke e André (1986), essa interlocução é essencial para que o pesquisador tome decisões seguras, sobre quais as áreas em que vale a pena concentrar o esforço e as atenções, assim como para respaldar as análises de modo mais aprofundado.

Na análise dos encontros, os relatos e discussões das participantes foram divididos em categorias que abarcam a temática e os objetivos da pesquisa, sendo elas: 1) Concepções sobre o trabalho da psicologia junto às professoras; 2) O professor e o espaço escolar no

cenário medicalizante; 3) Reflexões sobre Educação e Arte; 4) Construindo práticas desmedicalizantes. Esses temas, como já mencionado, são fruto das reflexões feitas pelas professoras durante os Encontros e serão esmiuçadas e discutidas nos itens adiante. As falas serão utilizadas para ilustrar, dar materialidade às compreensões que foram possíveis na realização da pesquisa.

6. Recontando e Elaborando histórias

6.1 Contextualizando...

Em todos os Encontros, independentemente do tema, nos remetemos à questão dos processos que fazem parte do fenômeno da medicalização da educação, buscando coerência com os objetivos da pesquisa. Ao longo dos dias, percebi que tanto as professoras quanto as educadoras foram se apropriando do espaço proporcionado pela pesquisa, das falas, dos materiais disponíveis para as possíveis produções e também as vi se apropriando de suas próprias histórias. E assim, foram construindo suas reflexões.

Durante os Encontros houve a preocupação de trabalhar alguns conceitos específicos e que têm relação com a temática da medicalização (como por exemplo, os conceitos de: normal, anormal, padrões de certo, errado, bonito, feio, dentre outros) e que faziam parte do dia a dia das professoras. O intuito sempre foi refletir coletivamente e gerar inquietações – no sentido de fazer pensar a própria prática – por meio de recursos estéticos que nos ajudassem a pensar em como todas essas ideias passam pelo nosso olhar e são por ele influenciadas. Assim como a prática de cada uma é afetada pelo olhar que têm.

Desde a primeira oportunidade em que lhes fora dada a liberdade de falar abertamente, com todas em roda, pude notar que estavam com sede de fala: todas queriam compartilhar algo. Ao que tudo indicava, sede de fala sobre si, sobre ser professora, sobre as dificuldades, as dores e delícias, os medos e arrependimentos. Porém, mesmo quando falavam dos espinhos que encontram a cada dia, nos caminhos de se tornarem professoras, falaram com paixão (refiro-me à paixão no sentido amplo dos sentimentos, dos afetos e desafetos). Pude perceber, desde o primeiro encontro, que no dia a dia docente muitas paixões perpassam suas práticas, sendo (quase?) impossível às professoras separar aquilo que suas histórias de vida, daquilo

que fazem. Não havia separação entre o “eu” e o “eu professora”, e consideramos que não deveria e nem mesmo é possível ser separado.

Sabemos que todos os âmbitos da nossa vida nos afetam e se afetam entre si, porém após ouvi-las, entendemos que posso dizer que isso é muito forte nelas e questiono se isso não expressaria uma construção histórica social. Essa reflexão me remete a Cabral (2005), que relata o quanto o início do exercício da profissão do professor, estava mais atrelado à concepção de vocação e sacerdócio do que à profissionalização em si, devido às influências da igreja. Ainda segundo o autor citado, aliado a isso, houve uma grande inserção das mulheres na docência por conta da crença no “talento inato” e no “instinto materno”, a educação era (nos tempos do final da monarquia) vista como uma extensão do lar. Durante os Encontros pude perceber muito dessas questões nas falas e também na própria estrutura da escola. Todas as professoras e educadoras possuíam a mesma religião (evangélicas), havendo pouquíssimos homens na composição da equipe da instituição. Eram comuns falas como a seguinte:

Então, ter o psicólogo aqui é muito importante, e eu gostaria que fosse mais ainda sabe? [...] Apesar de que, o meu psicólogo mesmo, é o Senhor. Então eu dobro o joelho e vou orar, pedir informação a Deus pedir que me ajude, que me dê sabedoria. Porque às vezes a gente passa na frente de Deus. (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz, 3º Encontro).

As profissionais respondiam minhas perguntas, compartilhavam aspectos pessoais, mas na maioria das vezes tentavam “justificar” o que diziam utilizando a religião, como aparece na fala de Beatriz acima mencionada.

Trago essa questão, porque esse ideário de que para ser professor é necessário ter “o dom”, ou mesmo amar e fazer renúncias em prol da atuação faz parte do dia a dia da instituição – o que pode ser confirmado não só pelas falas, mas também pela forma como se deu a contratação de cada uma, que teve o viés religioso. A Instituição é mantida, por uma Igreja Evangélica e com recursos da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Durante a pesquisa,

em diversas conversas informais (com a equipe de gestão, direção e demais funcionários) obtive a informação de que todos os contratados, especialmente professoras e educadoras, eram evangélicos. Tal informação nos impulsiona a refletir a respeito de quais devem ser os critérios de contratação, especialmente por estarmos falando de uma instituição de educação pública onde o ensino deve ser laico. Foi possível perceber, ao longo da pesquisa, que essas questões permeavam os olhares de cada uma, afetando as práticas no dia a dia. Assim, contando um pouco de como relataram estar afetadas pelas temáticas no contexto de trabalho, acredito que podemos adentrar nos seguintes questionamentos que discutimos nos Encontros e sobre os quais falaremos mais na próxima seção: qual o olhar do professor? Qual é o olhar que lançamos em direção ao outro, e qual o impacto disso? Discorreremos mais sobre isso, por categorias, na seguinte ordem: Os olhares e as práticas do psicólogo escolar e do professor; O que faz a psicóloga na escola?; Reflexões sobre Educação e Arte; Construindo práticas desmedicalizantes.

6.2 Os olhares e as práticas do psicólogo escolar e do professor – “Quando a gente ouve, o olhar aumenta!”³⁴

*A minha professora do magistério me mudou, me fez olhar de um jeito diferente para as coisas, para as crianças. Para cada criança, para o temperamento de cada criança. Então, eu comecei a ver com o **olhar das crianças**. Porque antes eu via e achava que as crianças eram as vilãs. Porque eu estudei em colégio público, e as crianças da minha sala eram terríveis. [...] Eles pegavam papel e jogavam na professora. Eu tinha um monte de professoras que desistiram de ir pra escola trabalhar. [...] Mas, depois, passei a ver com outros olhos. Porque assim, **um olhar pra mim não é um negócio automático. É construído sabe, vai da história da pessoa, é coisa que vai indo e crescendo ao longo do tempo. Acho que todo olhar tem uma história de vida** [grifos nossos].
(Trecho de transcrição da Educadora Beatriz, 1º Encontro).*

Aos poucos pude perceber o quanto os encontros propostos se tornaram espaços para falar de si, de suas histórias, de suas dores ao cursar o magistério, a graduação e até mesmo de

³⁴ Frase referente a uma fala da Educadora Beatriz.

suas vidas conjugais. As discussões propostas as levavam a adentrar no plano das questões pessoais. E, ainda que não tivesse previsto que isto ocorreria nesta intensidade, não interrompi e nem mesmo tentei mudar o trajeto. Deixei que as falas fluíssem, pois compreendi que era o que queriam e precisavam naquele momento: falar de si e de suas vivências. Para além disso, compreender o olhar-professor e suas práticas é algo que não é possível sem o contato com a história pessoal de cada uma.

Pensando na temática da pesquisa, e na preocupação em abordar a questão da Medicalização da Educação, entendemos que era necessário compartilhar os significados construídos sobre a docência, sala de aula, vida pessoa e profissional, para compreendermos como o fazer docente se estabelece diante do fenômeno da Medicalização da Educação. Nossas histórias de vida se entrelaçam no campo da medicalização, como também compõem o nosso percurso profissional. Acerca desse ponto de vista, Silva (2005) faz questionamentos pertinentes e que reforçam a importância de nos apropriarmos e valorizarmos a história de cada um:

O que é ser educador? De que maneira as experiências de minha história de vida marcaram-me em relação à escolha profissional? Sem perceber, acabamos repetindo algumas experiências, nem sempre muito adequadas. Será que esses professores viveram momentos realmente interessantes dentro da escola? Se viveram, por que tais momentos foram esquecidos? (Silva, 2005, p.156)

A própria educadora Beatriz, cuja fala é citada na abertura desta seção, nos conta um pouco sobre isso, afirmando que um olhar é construído ao longo da vida. Por isso, os momentos em que falaram sobre suas próprias vidas foram tão valorizados e respeitados quanto os momentos em que falaram estrita e diretamente sobre a medicalização. Estamos inseridas nesta sociedade e muito do que é a medicalização da vida está enraizado em nós: olhar para si é necessário para (des)construir. E foi bonito ver que o movimento que fizeram foi exatamente este, para só depois olhar para fora, para as práticas atuais.

*[...] Me lembrei de coisas que me marcaram até na infância. Fui longe! Lembro que na minha infância eu não pude ter muitas bonecas, meus pais não tinham dinheiro e eu pegava bonecas que achava jogadas na rua, no lixo... Na maioria das vezes estava sempre faltando um pedaço, e aí eu as arrumava com garrafa pet ou sei lá, qualquer coisa que coubesse onde estava faltando alguma coisa... **E hoje eu vejo que isso afeta meu trabalho!** [...] E achei interessante, Camila, que **eu me lembrei de coisas que não sabia que eu fazia**. Tipo, aquele negócio da professora que me esculachava porque eu queria fazer as coisas com a cor que eu queria, essas coisas, sabe? Então, **depois que te falei aquilo aqui nos encontros, comecei a prestar atenção e percebi que eu fazia a mesma coisa com os meus meninos hoje, na sala de aula**. E aí fiquei um pouco chocada. Mas, **foi bom que vi e entendi sabe? Não repito mais** [grifos nossos]. (Trecho da transcrição de fala da Professora Iva, 4º Encontro).*

Fala linda e que revela tantas coisas! Uma das possibilidades de trabalho do psicólogo no contexto escolar é justamente o de proporcionar espaços nos quais a reflexão possa acontecer: sobre si, sobre o trabalho, sobre a instituição e as relações. Iva nos mostra que os Encontros tornaram esse repensar possível, o que acarretou em mudanças em suas práticas diárias em sala de aula. Nossos olhares não são para sempre os mesmos, estamos em constante transformação e desenvolvimento. A fala da professora Iva ilustra a ideia da perspectiva Histórico-Cultural, de que o desenvolvimento humano se dá em espiral, passando pelo mesmo ponto diversas vezes ao mesmo passo que avança para um nível superior (Vigotski 1989).

As questões apresentadas pela professora já haviam sido internalizadas por ela e faziam parte de suas práticas escolares. Algo que nos remete à Psicologia Histórico-Cultural que afirma que desenvolvemo-nos nas relações, pois é através delas que nascem todas as funções psicológicas, sendo posteriormente internalizadas. Nesse processo de internalização, algumas funções são transformadas e outras não, o que desenha as singularidades de cada pessoa. Assim, a fala de Iva expressa bem essa compreensão, mostrando o quanto as relações vividas em sua infância foram constitutivas, assim como as que foram proporcionadas nos Encontros em grupo.

Os recursos estéticos utilizados, assim como as trocas que tivemos em cada momento, possibilitaram o desenvolvimento pessoal e profissional de cada uma, ampliando repertórios, modificando pensamentos e conseqüentemente afetando os modos de constituir a prática profissional na escola. Esse processo de constante transformação que pôde ser alcançado por meios dos Encontros Reflexivos ficou nítido quando, no 4º Encontro fizemos uma retrospectiva sobre todos os momentos, falas e aprendizados. Nesse processo de recordar e compartilhar o que marcou em cada encontro, mostrei uma imagem da obra de Rafael Assaf – O Mapa, e perguntei:³⁵ “*Como tudo isso que trocamos aqui te marca?*” e essa foi uma das respostas:

Nossa, eu tenho levado coisa demais desses encontros! Até para fora da escola! Comecei a prestar mais atenção ao meu jeito, meu olhar. Tudo. Até o jeito que eu falo agora é diferente. O jeito de falar, sabe? Fico sempre lembrando daqui. (Trecho de transcrição da Educadora Beatriz, 4º Encontro).

Tais mudanças apresentadas pelas participantes têm impacto em todos os âmbitos da escola, visto que as mesmas estão em contato constante com as crianças, com outros funcionários da instituição e, também, com as famílias. Como anteriormente apontado, não há fato isolado em uma instituição escolar, cada acontecimento e cada pessoa compõe uma rede que afeta e é afetada. Encontros recheados de Arte e diálogos que visavam fazer pensar possibilitaram importantes mudanças. Como destaca Beatriz ao dizer que “*quando ouvimos, o olhar aumenta*” e então, muitos desdobramentos se tornam possíveis. “Aumentar o olhar” com relação às práticas, às famílias e tudo o mais que compõe o cotidiano escolar pode trazer benefícios para todos: o aumento da compreensão, abertura para falar e ouvir, melhores relacionamentos, e sentimento de valorização, dentre outras possibilidades.

6.3 O que faz a psicóloga na escola? – A voz das participantes

³⁵ As falas e descrições de cada Encontro podem ser lidas na íntegra na seção dos Apêndices deste trabalho.

Para iniciar esta seção, consideramos importante salientar que neste estudo, a psicóloga escolar também é considerada como uma educadora, visto que também compõe os processos escolares – com os estudantes, as famílias e todos os outros atores escolares (Silva, 2005).

Os encontros trouxeram muitas informações em relação à compreensão que as participantes possuíam acerca do papel do psicólogo no contexto escolar – especialmente devido ao fato de que a pesquisadora atuava na instituição há meses, como já foi mencionado neste estudo. Considerávamos que esse entendimento poderia afetar a construção das práticas desmedicalizantes ao longo de nossas conversas, além de compor a nova relação que seria estabelecida entre a psicóloga pesquisadora e as professoras participantes. Sendo assim, o que elas pensavam ser a prática do psicólogo foi importante para o processo que vivemos nos Encontros Reflexivos e para os diálogos possíveis dentro dessa compreensão.

Então, eu penso na questão mesmo do seu olhar sabe... Acredito que o olhar do psicólogo pode nos orientar a como lidar com tudo. No meio dos fios dessas relações que às vezes dá um monte de nós e às vezes a vontade é pegar uma tesoura e cortar de vez. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 3º Encontro).

Os fios aos quais Iva se refere são da dinâmica realizada com os barbantes, descrita na seção anterior sobre os Encontros, e, acredito que podemos pensar também no quanto as relações na escola muitas vezes amarram, prendem, travam, silenciam e podam (tanto nas relações entre todos os atores deste cenário quanto nas práticas diárias). Este nó, ao qual Iva se refere e sobre o qual diz ter vontade de “cortar de vez”, é extremamente significativo, pois além de demonstrar dificuldades nas relações, falhas de comunicação, impedimentos e exigências, às vezes, muito burocráticas da instituição, remete também a um cansaço que sente. Cansaço que foi possível perceber comum a todas as professoras e educadoras ao longo dos Encontros, por meio das falas, nas quais compartilharam que havia bloqueios e contratempos entre elas e a equipe de gestão, o que demandava muito esforço de todas para tentarem se comunicar de forma que fossem compreendidas.

“Eu acho que todo mundo tem direito de falar. E aqui a gente vai falar e muitas vezes ignoram. E a argumentação dela é que já sabe e já ouviu. E ela fala que ouve. Mas é um ouvir assim... “Se você não está gostando, seja dona do seu próprio negocio.”” (Trecho da transcrição da Educadora Laísa, 3º Encontro).

Afirmar que a psicóloga na escola trabalha “no meio dos fios” das relações é extremamente revelador. Iva não foi a única educadora que verbalizou tal entendimento. A professora traz em sua fala múltiplas ideias, dentre as quais eu gostaria de destacar a noção de que a atuação da psicóloga não se basearia apenas em atuar com indivíduos isolados que geram algum tipo de preocupação, mas sim no conjunto das relações.

De fato, uma das possibilidades de trabalho do psicólogo no contexto escolar está no seio das relações que compõe toda a comunidade escolar. Sabemos que outras possibilidades são, por exemplo, a intervenção no processo de ensino-aprendizagem, com grupos de alunos, contribuições na construção do projeto político pedagógico. Além do trabalho na formação de Educadores (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2019). Consideramos que, independente de qual seja a atuação e o grupo com o qual ela acontecerá, é extremamente importante que os psicólogos saibam o que as pessoas que trabalham na escola – e com as quais irá trabalhar diretamente – pensam sobre o seu papel, pois isso pode facilitar ou dificultar e até mesmo impedir a construção de novos caminhos.

No segundo Encontro Reflexivo, perguntei o que pensavam sobre o trabalho da Psicologia na escola. As falas, em todo o tempo, foram direcionadas para a questão das relações. Posso afirmar que todas as participantes focaram neste tipo de intervenção da psicóloga dentro da escola. Devido ao contato prévio com elas, durante meu tempo de trabalho anterior ao período da pesquisa na instituição, sei que o fato de as falas sobre o papel da psicóloga na escola se restringirem à questão das relações não se deu pela falta de conhecimento acerca da minha prática, mas sim por conta da necessidade que tinham naquele momento: melhorar a comunicação e relação com a gestão da escola. Acredito que por isso, o

Encontro no qual conversamos sobre a prática da psicóloga escolar girou em torno da comunicação ou falta dela com a equipe de gestão da instituição. Tal questão apareceu atrelada ao sentimento de desvalorização que foi muito explorado nos Encontros nos momentos em que contavam sobre as problemáticas da comunicação entre as equipes.

A leitura que eu faço, é essa: hoje, os administradores têm que, é lógico que não é sempre, mas é bom elogiar! Poxa, você desenvolveu um trabalho bom na sua sala. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 3º Encontro).

É, seria ótimo ouvir que foi bom o que fiz naquele dia. Acho que a palavra é valorização. (Trecho da transcrição da Professora Fabiana, 3º Encontro).

Quando Fabiana traz uma palavra para tentar me explicar o que querem e precisam, penso que a dinâmica do barbante influenciou. Durante grande parte deste Encontro elas tentaram encontrar palavras que nomeassem o que desejavam, assim como fizemos no início com o barbante.

O elogio e a valorização citados nas falas são necessários, não só por parte da gestão, mas também por parte da Psicologia. Acerca disso, Silva (2005) afirma que é necessária a valorização das professoras, acreditar nelas e levar em consideração tanto os aspectos profissionais quanto os pessoais. Uma das maneiras de se levar em consideração aspectos que vão além do trabalho, é justamente a construção de um espaço coletivo de discussão, onde seja possível refletir sobre questões como as dificuldades do trabalho e da vida. Algo que pode nos levar a um entendimento mais amplo em relação à instituição educacional e ao ser-professor, aspectos que não se restringem a uma sala de aula. Algo que pude notar que não acontecia, pois até mesmo a sala de professores lhes fora tirada, ou seja, não havia um espaço destinado apenas a elas na instituição mesmo que fosse para a preparação e organização de atividades. Então, questioneei:

“Por que tiraram a sala?” (Trecho da transcrição da Psicóloga Camila, 3º Encontro).

E a resposta veio de todas falando ao mesmo tempo:

“Ninguém sabe. Um dia a gente chegou e estava arrumando, no outro dia a gente chegou e não tinha mais. Não falaram nada. Não estão nem aí com a gente, não.” Todas, falando juntas, 3º Encontro.

Esse assunto despertou-as ainda mais para os problemas referentes à comunicação e relação entre as equipes.

Eu acho, Camila, que esses encontros que você está fazendo, realmente, assim do meu ponto de vista, elas [a equipe de gestão da escola] tinham que estar junto. Porque é às vezes acontecem as coisas na secretaria e nós não temos nada a ver! Só que os pais vêm em cima da gente! Eles vêm saber da gente. E aí, a gente fala ‘vai na secretaria, não sou eu que resolvo essas questões’ e eles ficam bravos com a gente. Já aconteceram coisas lá, e eles vieram reclamar com a gente aqui, como se nós fossemos responsáveis! (Trecho da transcrição da Professora Stéfane, 3º Encontro).

Ao trazer a questão da responsabilidade que é despejada sobre as professoras, Stéfane revela, na verdade, uma culpabilização docente. O contexto ao qual a fala se refere, diz respeito a absolutamente todos os acontecimentos da escola. Neste momento, elas contaram sobre reclamações dos pais acerca de assuntos que não diziam respeito apenas à rotina das professoras, como por exemplo, mudanças nas datas de eventos para as crianças (que eram definidas entre a equipe de gestão e pela Prefeitura, por causa da liberação da verba), objetos perdidos na escola, dentre diversas outras questões. Fica evidente que são aspectos que compõem o funcionamento da escola de modo amplo. E alguns tópicos ficam a cargo apenas da equipe de gestão, como as datas de eventos, por exemplo. Porém, apesar de serem questões institucionais, apenas as professoras são procuradas para solucionar os problemas ou darem respostas. Como o relato de Stéfane denota, elas vivenciam tal responsabilização não só com as famílias, mas com as próprias equipes de gestão e da secretaria, o que vinha sendo fonte de cansaço, atritos e confusões entre todas.

As participantes da pesquisa denunciam o quanto os funcionamentos escolares remetem à individualização das dificuldades e dos problemas que ocorrem. No caso, se

ressentem de sentirem na própria pele tal culpabilização. Estamos aqui abordando uma das facetas da medicalização.

Ao mesmo tempo em que denuncia insatisfação e cansaço, a professora Stéfane remete a uma compreensão importante de que as questões que surgem no contexto da escola precisam ser resolvidas coletivamente, institucionalmente, fica claro que elas se apropriam dessas questões e se implicam em querer superá-las. Processo que contribui para desmedicalizar o contexto da escola. Neste ponto achei importante fazer uma pausa e retomar as razões pelas quais os encontros estavam sendo realizados apenas com elas. Relembrei os objetivos e importância da pesquisa. Sem desvalorizar o que diziam, pois concordei que o diálogo com todas da equipe poderia contribuir para a organização do espaço e de questões que não estavam funcionando bem. Porém, mostrei que isso poderia acontecer em outro momento que fosse reservado e destinado para isso.

*Eu penso assim, que o que a Camila está nos proporcionando com esse trabalho é justamente pra gente ter esse momento. Porque **nunca aconteceu antes, de colocarmos os pingos nos is. E nós, como profissionais, temos que convocar uma reunião com elas, e a gente tem que ser clara com relação ao que está acontecendo aqui** [grifo nosso]. (Trecho da transcrição da Educadora Moena, 3º Encontro).*

Vejo essas falas como um indício de mudança, pois a partir dos Encontros foi exposto um incômodo coletivo, sobre o qual passaram a confiar mais em si a cada troca, se transformando em uma organização coletiva. As professoras e educadoras passaram a sentirem-se mais corajosas para fazer coisas que antes não ousariam. Até então, não havia compartilhamento, espaço para ideias, perguntas ou algo mais. Para ter um exemplo disso, basta lembrar o que relataram sobre a sala de professores. A cada fala, a situação se mostrava cada vez mais frágil, pois muitas decisões importantes e que afetam o cotidiano das participantes estavam sendo tomadas apenas entre a gestão.

Uma das possibilidades de prática da psicóloga ficava nítida ao longo do Encontro: propiciar espaços de reflexão sobre si, sobre as práticas e o cotidiano. Elas não só contaram que sabiam disso, como usaram o espaço que tínhamos para fazerem ponderações e até mesmo pensarem nos próximos passos (como a decisão de se iriam falar com a gestão, ou não). Acerca da necessidade de um espaço de escuta e compartilhamento, Beatriz afirmou:

Essas coisas que a gente faz e fala aqui são muito importantes, porque depois a gente sai daqui e começa a pensar, a refletir um pouco sobre o dia a dia, o jeito de você fazer as coisas e trabalhar com as crianças e seus colegas. (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz, 3º Encontro).

Como já considerei neste estudo, uma das possibilidades de trabalho da psicóloga é a criação de espaços de escuta e encaminhamentos quando necessário, espaços para compartilhamento e trocas. Criar condições para que todos os atores participantes do dia a dia escolar – professores, demais funcionários, família, estudantes – sejam vistos em suas particularidades e singularidades, onde sua voz tenha vez e onde sejam inseridos nos processos pedagógicos, amplificando as experiências de todos.

Cunha e Aragão (2012) destacam a relevância de a psicologia estabelecer parcerias com os educadores, de forma que possibilite reflexões que irão gerar transformações nos indivíduos. Alguns psicólogos escolares, ainda hoje, colaboram com ideias de que a Psicologia traria a salvação, no sentido que irão chegar à escola e solucionar todos os problemas. Assim, muitas vezes é criado um distanciamento entre psicólogos e professores, como se o primeiro fosse aquele que sabe tudo e teria o poder de resolver todas questões apresentadas; o segundo, aquele que não sabe se relacionar com as crianças e que precisa ser ensinado pelos psicólogos sobre como agir. Esse ideário foge completamente ao que tem sido proposto para a prática da psicologia escolar em uma perspectiva crítica de atuação!

O professor, de acordo com Silva (2005), deve ser visto como um colaborador, um cúmplice no trabalho. Psicologia e Educação possuem saberes diferentes que quando somados podem levar ambos os profissionais a alcançar patamares de entendimento e de resoluções

capazes de articular diferentes instâncias, saberes e conhecimentos – o que alavancaria os processos de ensino-aprendizagem de todos os envolvidos, incluindo os próprios educadores³⁶. Neste ponto é importante lembrar que o desenvolvimento humano ocorre de maneira constante ao longo de toda a vida, e, a aprendizagem é essencial nesse processo, pois promove o desenvolvimento, independente da idade (Vigotski, 2001).

Contribuir para a (des)construção de olhares acerca de si mesmo, do outro, dos próprios modos de viver e pensar não é tarefa fácil, porém se mostrou extremamente rico e fértil. Isso porque não se pode falar ou mesmo criticar a prática de professores e deixar de lado o fato de que são pessoas inseridas em um contexto e que possuem uma história (da qual se faz necessário tomarmos conhecimento), e que todos esses cenários atuam e influenciam em seu dia a dia de trabalho. Uma visão ampla acerca desses aspectos é obrigatória para que o trabalho do psicólogo escolar aliado ao professor gere mudanças (Bock, 1999; Meira, 2000).

6.4 Reflexões sobre Educação e Arte. – “A gente quer Arte pra nós!”³⁷”

Como já descrevemos anteriormente, diversos autores ressaltam a importância da Arte no processo de constituição e constante formação do ser humano (Almeida, 2010; Barroco 2007; Duarte 2008; Pino 2005; Silva, 2005; Vigotski 1965/1999). Evidenciamos que trabalhar com Arte no processo de construção de práticas desmedicalizantes e na abordagem de outras temáticas foi frutífero e enriquecedor, pois proporcionou reflexões que antes não seriam possíveis.

Nossa, eu tenho levado coisa demais [elementos dos Encontros para outros espaços]! Até pra fora da escola eu levo Arte agora! Comecei a prestar mais atenção ao meu jeito, meu olhar. Tudo. Até o jeito que eu falo agora é diferente. O jeito de falar sabe? Fico sempre lembrando daqui. (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz).

³⁶ Importante lembrar que, neste trabalho, a psicóloga escolar também é tida como uma educadora, pois também compõe os processos escolares.

³⁷ Referência a uma fala de uma professora durante os Encontros Reflexivos.

Eu falei bem pouquinho, mas não acha que eu não estava aqui, não, viu? Eu estava bem presente. Acho que todo mundo vai agradecer que eu mudei também. (Trecho da transcrição da Professora Isabela, 4º Encontro).

Ela avisou que a Arte transforma, né? Tinha razão! Tinha gente que eu precisava tirar de lá de casa e trazer pra cá, pra ver se muda também. (Trecho da transcrição da Professora Paula, 4º Encontro).

As participantes responsáveis pelas falas acima deixam evidente que os recursos estéticos utilizados nos Encontros foram propulsores de mudanças tanto pessoais, quanto profissionais – o que já temos ressaltado ao longo de todo este estudo, considerando os impactos da Arte no indivíduo. Além disso, podemos notar na fala da professora Isabela, que houve impacto no coletivo, quando ela afirma que todos iriam agradecer pelas mudanças que ela vivenciou. Falas interessantes, simples e nítidas com relação ao que a Arte pode provocar.

A Arte disponibiliza ferramentas para pensar a prática do educador, além de contribuir com a sua formação ampliando os repertórios (Silva, 2005). Isso se torna claro no excerto abaixo:

Aqui, a gente falou que podíamos ter mais Arte na escola. [...] Porque, aí, as crianças e a gente também, vai poder expressar mais e melhor tudo. O que sente, o que pensa. Sabe? Parece que extravasa! E às vezes a gente não sabe falar alguma coisa, a Arte ajuda a falar. As crianças, às vezes, estão numa situação em que não sabem falar alguma coisa, a Arte pode ajudar nisso também. E aí, aquilo que antes não era falado, aquilo que era esquisito, fora do padrão, a Arte vem e é como se explicasse pra gente. (Trecho da transcrição da Professora Queila, 4º Encontro).

A fala da professora Queila deixa muito evidente, que o pedido para “ter mais Arte” vem no sentido de que ela movimenta, toca, facilita diversos modos de ser e se expressar – o que pode facilitar a comunicação.

A vida e a Arte estão entrelaçadas, compondo nossa cultura e fazendo parte da constituição dos indivíduos. A Arte possibilita diversas maneiras de expressão humana (Vigotski 1965, 1999) e foram interessantes as reflexões das educadoras sobre a importância

da Arte. Bem como, a preocupação e o cuidado de pensar em como poderiam levar tais recursos para as suas práticas. Em diversos momentos, antes ou ao final dos Encontros, algumas professoras me procuravam para contar alguma ideia ou prática que fizeram em sala de aula cuja inspiração havia sido “o poema do último encontro”, ou a música, dentre outros. Outras contaram que levaram para a sala de aula recursos estéticos que foram utilizados durante os Encontros, tendo o cuidado de pensarem juntas como poderiam apresentar para as crianças.

Com isso, percebemos que elas foram sensibilizadas em cada momento, de modos diferentes. Uma das consequências do movimento gerado pela Arte foi o impacto no coletivo docente. Nossas discussões estavam chegando até os estudantes! O que é extremamente significativo, pois pensando na questão da Medicalização da Educação – que é uma construção social e histórica, ou seja, se dá no coletivo – são necessárias ações conjuntas para a desconstrução das ideias que compõem esse fenômeno. A Arte tem a potência de tocar um indivíduo e um grupo, e depois desse toque muitas coisas mudam de lugar: seja na forma de enxergar as situações, de tratar os alunos ou colegas, seja no próprio estilo de atividade em sala de aula.

Quando a professora Queila diz que o não dito, o “esquisito” pode ser explicado pela Arte, é como se dissesse que ela abre espaço para o plural, para a diversidade. Então, percebe-se ainda através da fala exposta acima, que houve a compreensão da pluralidade do ser humano e do quanto, por meio da Arte, é possível abraçar tudo o que se pode ser, e também, criar novas formas de ser e de viver.

Mais espaços com Arte e também espaços de fala e escuta na escola, foram solicitados unanimemente. Todas concordaram com o pedido, fosse com um aceno com a cabeça ou verbalizando:

[...] Eu nunca vi ninguém fazer isso que você faz aqui na escola, Camila. Chegou querendo conversar com todo mundo, aberta pra tudo. Achei diferente, mas um

diferente bom. Bom até demais pra parecer a escola! Eu concordo com tudo que falaram, que podia continuar e que a escola podia ter Arte aqui dentro mais vezes. O máximo que a gente faz é levar os meninos no teatro e é bom. Mas a gente também quer Arte pra nós! Porque fez diferença esse tempo aqui, foi [sic] só quatro [se referindo a quantidade de Encontros], mas, pra mim parece que valeu pelo ano inteiro. Agora, pensa se tem sempre! Nossa, nem sei o tanto que podia ajudar e mudar, viu. Vai pensando em ficar por aqui, porque a gente não quer deixar você ir embora, né não, gente? (Trecho da transcrição da Professora Paula, 4º Encontro).

A fala da professora Paula é muito significativa porque carrega vários elementos importantes. Ela reforça um pouco do que outras professoras e educadoras disseram sobre o espaço que construímos juntas, do quanto foi necessário, valioso e propulsor de transformações pessoais e profissionais. Quando ela diz que “fez diferença esse tempo”, penso nas transformações que todas vivenciamos juntas: o fortalecimento que experimentaram coletivamente com relação ao desejo de procurar a equipe de gestão para uma conversa, as mudanças internas pelas quais cada uma passou devido ao contato com a Arte nos encontros, as modificações que afetaram as práticas na sala de aula, incluindo o fato de que agora relataram se sentirem convidadas a levar Arte para outros espaços (mesmo fora da escola). Além de tudo isso, acredito que Paula falava também sobre ter feito diferença na rotina delas dentro da instituição, pois a Caixa do Grupo ficava sempre entre elas e, conseqüentemente, foi fonte de reflexões e trocas que chegaram até mim através da Caixa, conversas que aconteciam apenas entre elas.

Além disso, a participante conta que levavam os estudantes ao teatro, e com base em minhas vivências dentro da instituição, de fato, os momentos em que a Arte era vivida ou valorizada sempre aconteciam fora dos muros da escola, como teatro, cinema e museus, por exemplo. Apresentações sempre destinadas às crianças – as educadoras e professoras estavam sempre prestando atenção no que as crianças precisavam ou garantindo que estavam todas reunidas. Por isso, quando Paula diz que “*é bom, mas a gente quer Arte pra nós!*” ela mostra

essa realidade: elas querem Arte dentro da escola e para outros atores que não só os estudantes.

6.5 Construindo práticas desmedicalizantes

Por meio de cada encontro, buscamos trabalhar temas e conceitos específicos que tivessem relação com a temática da medicalização da vida e da sociedade, como por exemplo, os conceitos de: normal, anormal, padrão, certo, errado, bonito, feio e as temáticas de cada Encontro que foram apresentadas na seção da metodologia, contando inclusive, com um deles destinado totalmente ao tema da Medicalização da Educação. Discutir sobre a formação dos olhares – que inclui a formação pessoal e profissional de cada uma –, acerca dos processos educativos e os relacionamentos dentro e fora da escola gerou muitos questionamentos entre as participantes. Falaram sobre o papel da escola e o espaço que ocupam quando pensamos em situações que engendram a culpabilização de alunos, o que nos levou a pensar: se estamos neste cenário medicalizante e essa é nossa atual realidade, o que é possível fazer diante disso? Quais práticas devem ser adotadas para que esse quadro seja transformado?

Sabemos que no que se refere ao processo de biologização de questões sociais, é imprescindível ter um olhar atento e cuidadoso – tanto os professores quanto psicólogos – para que possamos fugir da lógica excludente que gera a culpabilização sobre alunos e suas famílias (Moysés & Collares 1992, 2010, 2013; Patto 1984, 1992; Souza 2007d).

As educadoras refletiram acerca dos processos de medicalização e sobre as possíveis marcas que podem causar na vida de um estudante:

*[...] Eu me lembro da minha primeira série. Comecei a estudar com 10 anos, nós morávamos na zona rural. A professora desenhou uma rosa no quadro e pediu pra gente colorir. Eu colori do meu jeito! Mas, ela me esculachou na frente dos coleguinhas, porque a rosa tinha que ser vermelha com o caule verde. Ai... Assim [...] eu acho que a medicalização da educação é isso! **É ter que colorir a rosa de vermelho, quando na verdade pra mim ela é amarela.** E por que não pode ser? Até na natureza a gente tem rosas amarelas. Mas, não, na sala de aula ela tem que ser vermelha e ponto final. Espera! Tem alguma coisa errada aí! [...] **Medicalização nem***

sempre é remédio, mas sempre é querer rosas apenas vermelhas no lugar de todas as outras cores [grifo nosso]. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 2º Encontro).

A colocação de Iva foi uma das mais marcantes durante o desenvolvimento da pesquisa. Essa fala surge no contexto em que eu pergunto a todas o que elas haviam entendido da Medicalização da Educação – após uma conversa³⁸ sobre o tema. O modo como ela explica o fenômeno foi muito significativo e ao mesmo tempo simples, e impulsionou a fala das demais participantes.

[...] Então, as crianças hoje em dia querem se soltar. E a gente, como esse profissional tem que respeitar e deixar eles [as crianças] usarem a imaginação deles, tem que criar esse ambiente né. (Trecho da transcrição da Professora Gio, 2º Encontro).

Então, eu concordo com isso. E ao contrário daquela foto [foto da FUNAI com os indígenas e as freiras], a gente tem que oferecer uma vivência completamente diferente do que eles estão acostumados. E naquela foto violenta, eles tão introduzindo até uma nova forma de governo, então é uma coisa que não tem nada a ver com a forma deles de viver uai, é errado. Pra eles não devia fazer sentido nenhum ir pra aquela escola, e muito menos sentido ainda as coisas que aprendiam... Sei lá. (Trecho da transcrição da Professora Divina, 2º Encontro).

Aí [ainda sobre a imagem da FUNAI] estão presos, muito castrados, limitados de tantas formas que dá até vergonha de saber que isso aconteceu... Eu acredito que lá fora se aprende também. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 2º Encontro).

Durante essas falas, foi possível perceber que todas compartilhavam ideias e compreensões, porque enquanto uma falava, todas confirmavam com um balanço de cabeça dizendo que “sim”. A indignação foi um dos sentimentos mais visíveis nesse ponto e foi quando pude notar que estavam compreendendo o que é a medicalização e como ela se mostra muitas vezes de forma sutil, como no próprio exemplo pessoal da professora Iva, ou ainda, quando a professora Gio anuncia caminhos desmedicalizantes ao dizer que é parte do papel da escola preparar um ambiente que possibilite a expressão livre das crianças, que, em suas palavras “querem se soltar”. Foi muito interessante vivenciar esse momento e me dar conta de

³⁸ Para mais detalhes sobre esse momento, a transcrição completa se encontra na seção dos Apêndices deste trabalho. O tema da Medicalização da Educação foi discutido no 2º Encontro.

que o campo medicamentoso não foi o centro da conversa, mesmo que tenha surgido e seja importante falarmos sobre esse aspecto. A limitação e o impedimento, as formas como até hoje são impostas tantas coisas aos estudantes foram o foco da discussão. Algumas delas tentaram inclusive explicar o porquê de se medicalizar tanto, como Iva o fez:

[...] Deu-se liberdade [às crianças dentro da escola] e agora não dá conta de se segurar o que se deu. E aí medicaliza! Porque precisa do aluno quietinho, do aluno que faz do jeito que manda. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 2º Encontro).

Quando pensamos no uso de medicamentos, questão também extremamente séria e importante que faz parte da lógica medicalizante, as falas continuaram a se desenrolar a partir de críticas, em tom de indignação à forma como nossa sociedade lida com o uso e prescrição de remédios.

É pra travar a criança. (Trecho da transcrição da Educadora Jade, 2º Encontro).

Como que aprende assim? Dá-se o remédio pra que fique quieto pra que aprenda. Mas, ela [a criança] vai estar tão grogue, que como vai ser? (Trecho da transcrição da Professora Iva, 2º Encontro).

E o mal que ele pode causar! (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz, 2º Encontro).

Mas, quem que libera isso, gente? (Trecho da transcrição da Professora Gio, 2º Encontro).

Ah, as farmácias! Isso é uma indústria que lucra demais com doenças que nem existem. (Trecho da transcrição da Professora Danúbia, 2º Encontro).

Ficou claro que o grupo compreendeu o quão ampla a Medicalização pode ser, ultrapassando as compreensões mais comuns, que geralmente são voltadas apenas para o uso de medicamentos, sobre os quais também conversamos, como pode ser visto nas falas acima. É possível constatar também, que algumas, como a professora Danúbia, por exemplo, cita o modo de funcionamento da indústria farmacêutica e seus lucros com o uso excessivo de

medicamentos nesse cenário. Mais uma vez, vemos um olhar ampliado para a sociedade e seu funcionamento.

Para construir práticas desmedicalizantes, o primeiro passo é entender o fenômeno. Feito isso, foi possível trabalhar diante da questão de forma coletiva, visando sempre acolher e ampliar modos de ser. Nas falas trazidas acima, algumas práticas desmedicalizantes surgiram como quando Iva afirma que as crianças poderiam aprender matemática, por exemplo, fora da sala de aula com os frutos de uma árvore. Uma alternativa interessante!

As professoras e educadoras enxergaram os nossos Encontros como um modo de desmedicalizar, o que pode ser visto na fala:

Espaço pra troca, pra escutar, pra falar, conversar tranquilo! Espaço pra falar o que pensa, né, pra rir! A gente deu muita risada aqui. Espaço pra aprender e ensinar, porque eu acho que todo mundo que tá aqui aprendeu e ensinou alguma coisa, viu, Camila! Acho que você deve ter aprendido com a gente e eu sei que aprendemos com você. Achei bonito! Uai! A gente está aqui falando de prática desmedicalizante, isso aqui tudo que você fez pode ser uma, e uma das boas! (Trecho da transcrição da Professora Iva, 4º Encontro).

Enquanto Iva nos contava que os Encontros poderiam ser uma prática desmedicalizante “das boas”, as demais participantes concordaram com um aceno com a cabeça, troca de olhares e belos sorrisos com ar nostálgico, como se não quisessem que o nosso tempo juntas chegasse ao fim – o que mais tarde foi verbalizado. O espaço que construímos juntas se tornou um refúgio, um lugar seguro onde todas podiam compartilhar, perguntar, ensinar e aprender, sem julgamentos. Quando a professora Iva disse que todas ensinaram e aprenderam, ela estava certa e eu, como pesquisadora, aprendi bastante com cada uma, pois estávamos sempre trocando informações e experiências – muitas compartilharam opiniões pessoais também, o que possibilitou reflexões. Os momentos que tivemos juntas foram sempre leves, mesmo nos momentos em que conversávamos sobre assuntos sérios.

Como Iva conta, “a gente deu muita risada” e assim, algumas relações foram fortalecidas entre elas e outras, reconstruídas.

Um aspecto que Iva ressaltou e todas também concordaram, foi o fato de as conversas serem “tranquilas”. Como temos contado ao longo do trabalho, as professoras e educadoras recebiam muitas responsabilidades, muitas vezes eram culpabilizadas por acontecimentos em relação aos quais não tinham conhecimento, dentre outras coisas que consideravam difíceis e que compartilharam nos Encontros³⁹. Na troca coletiva, se fortaleceram para encontrar formas de enfrentar situações.

Os Encontros são de fato um caminho possível, pois nesse espaço além de tudo o que já foi dito, todas pudemos, por meio da Arte e das trocas, ressignificar algumas vivências escolares – como ficou destacado em falas já citadas. Isso levou-as a experimentarem mudanças tanto no campo pessoal como profissional.

Além disso, as professoras e educadoras compreenderam que o diálogo precisava receber mais atenção, especialmente com relação à família. Trouxeram essa questão como um ponto desmedicalizante:

[...] Acho que uma prática desmedicalizante que já podemos adotar aqui, é ter um contato mais próximo com as famílias. Porque isso ajuda muito, já ir conhecendo a rotina, a realidade das crianças. Trazer a família mais pra perto, ser parceiro mesmo. Que aí, se surgir alguma dificuldade com a criança pelo caminho, fica mais fácil de resolver assim. Porque isso de encaminhar e tudo mais, acho que mostra muito a falha na comunicação, nessa relação. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 4º Encontro).

A compreensão de que a comunicação pode ser um jeito de desmedicalizar faz sentido, quando pensamos no trajeto trilhado pelas participantes: todas as mudanças e reflexões só foram possíveis porque houve diálogo, a comunicação entre a psicóloga e elas foi melhorada e trabalhada. Durante os Encontros as participantes contaram bastante sobre as falhas na

³⁹ A transcrição com completa dos Encontros Reflexivos está no Apêndice B.

comunicação entre elas e entre outras equipes e pensaram em preparar um momento para que pudessem, todos juntos, entender e melhorar essa relação entre equipes.

Pensando no que Iva trouxe sobre “trazer a família mais pra perto” e conhecer a realidade das crianças, fica evidente a compreensão de que é necessária a construção de ações conjuntas com a família. Uma transformação que todas concordaram ser necessária: a conexão até então precária entre elas e as famílias. Fato que gerava desconfortos e atritos, e antes dos Encontros era percebido, porém não se falava sobre isso. Falamos muito sobre a importância das relações em todos os Encontros e em falas como essa, é possível notar que elas compreenderam que as relações que estabelecem como professoras têm impactos no contexto escolar, de modo mais amplo. Falar de Desmedicalização não é diferente, especialmente porque a compreensão e a luta precisam ser coletivas.

Um aspecto que já foi discutido anteriormente é que, partindo da perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1989), o desenvolvimento humano se dá em espiral. Assim, no contexto da instituição escolar, as professoras e educadoras (assim como todas e todos nós) também estão em desenvolvimento. Para exemplificar a espiral do desenvolvimento humano, trago um recorte de um momento em perguntei sobre os olhares de cada uma e/ou da instituição:

E como é o olhar de vocês agora? Ou, caso não queiram falar do seu diretamente, podem me contar um pouco de como é o olhar da escola como um todo? (Trecho da transcrição da Psicóloga Camila, 1º Encontro).

E, as respostas foram extremamente ricas, pois além de exporem a realidade que estavam vivendo entre si, como um coletivo, mostraram percepções importantes.

Aqui, nem sempre está tudo ótimo, sabe? Porque o olhar de cada um, né... Eu, falando particularmente de mim, às vezes, a meu ver, no olhar do todo falta um pouco de colaboração entre nós. Eu acho que essa união precisa acontecer. Se minha parceira está precisando de ajuda, eu tenho que ir lá e ajudar. Às vezes eu sei mais do que ela. Às vezes, ela sabe mais do que eu. Então, não custa ir lá e auxiliar o outro. Porque a gente não nasceu sabendo. Todos nós aprendemos a cada dia, porque cada dia é uma lição de vida que nós temos. [...] Eu já até falei pras meninas, que não é que eu acho que eu saiba mais, e não acho que sou melhor do que ninguém. Eu acho

que todas nós temos conhecimento, somos iguais e estamos aqui pra aprender. A gente aprende a cada dia e temos que dar nosso melhor. Então, eu acho que eu parto desse olhar e acho que precisamos desse olhar de colaboração. Se alguém está com dificuldade, está precisando de ajuda, então eu vou ajudar! Porque querendo ou não, eu fui ajudada! Eu não entrei sabendo, eu fui ajudada e então posso ajudar. (Trecho da transcrição da Professora Stéfane, 1º Encontro).

Stéfane começa contando às colegas de trabalho que acredita que todas precisam se unir mais, colaborando mais com o trabalho umas das outras. Isso porque, ao longo do Encontro relataram sentir que existe uma competição entre algumas para ver qual o melhor trabalho. E, neste ponto, destacamos a questão do desenvolvimento humano. Esse entendimento de que elas tenham conhecimentos diferentes entre si e que podem se ajudar, é um ótimo exemplo de como poderiam atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal, conceito sobre o qual comentamos anteriormente neste trabalho. Além disso, a professora toca em outro ponto muito importante quando diz que aprendemos diariamente, logo nos desenvolvemos sempre, num processo contínuo e que se dá nos diversos espaços coletivos e sociais que compomos. Outras participantes comentaram a respeito dessa fala.

É verdade, sozinho você não consegue ir pra frente, mas se você estiver com a sua companheira, vocês andam juntas. Mas, cada uma do seu jeito. (Trecho da transcrição da Educadora Cleusa, 1º Encontro).

Na fala de Cleusa podemos perceber que estamos um no outro, precisamos nos relacionar para aprender e então, nos desenvolver. E a educadora ainda faz um acréscimo que diz respeito à internalização que vai acontecendo ao longo do trabalho, quando afirma que caminhando juntas podem “ir pra frente”, mas, “cada uma do seu jeito”. Comentamos anteriormente acerca do processo de internalização que se relaciona justamente com os sentidos que cada um dá àquilo que vivencia.

Andar junto é bom. Eu fico vendo a Iva e eu falo que quando eu crescer eu quero ser que nem a Iva. Mas, mesmo assim, você sabe que cada uma de nós tem um jeito até de andar diferente, de falar diferente. Vejo a Queila, e assim, parece que a Queila é toda séria e brava, mas é só a expressão dela! Porque ela é super legal, e doce. Então, é isso né, que quando você chegar perto e se estiver disposta de entender ele [o outro], você vai sempre enxergar uma coisa super diferente. Trabalhando em equipe a gente

ouve, e eu acho que quando a gente ouve o olhar aumenta, e isso acontece no meio né entre nós. (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz, 1º Encontro).

Acredito que as falas de Cleusa e Beatriz foram influenciadas pela potência de estarmos reunidas em um grande grupo para discutirmos questões importantes para elas, o que possibilitou também, a percepção da construção de parcerias no contexto de trabalho. Dentre tantas questões, o que essas falas e pedidos (como o de Stéfane) revelam é que nessa instituição, é necessária a criação de espaços de formação que possibilitem a apropriação daquilo que têm desenvolvido e descoberto, assim como a continuidade do aprendizado, com trocas e diálogos sobre o que tem funcionado e o que não cabe. A partir disso, compreendemos que coletivizar é essencial para desmedicalizar, e percebemos que as falas acima estão muito alinhadas ao que traz o Fórum sobre Medicalização, em seu Manifesto Desmedicalizante e Interseccional:

Se a responsabilidade por se adaptar ao que está posto, manter-se a salvo e ocupar um “lugar respeitável” é individual, também recai sobre o indivíduo as consequências de qualquer “desvio da norma”, conduzindo-nos a uma forma de viver que exaure nossas forças para além do limite do insuportável, valorizando a competitividade, em detrimento de experiências coletivas. “Cada um cuida de si, irmão desconhece irmão”, versa Paulinho da Viola. Na contramão, criticamos o individualismo sem negar as singularidades: ora, afirmamos desde o IV Seminário Internacional a importância de reconhecer a biografia dos sujeitos cujas vidas são atravessadas pela medicalização. Cada vida humana, por sua vez, carrega heranças históricas, é necessariamente entrelaçada a outras tantas vidas. Sua compreensão, portanto, não pode se dar de forma isolada, mas nas redes e contextos em que as pessoas circulam e estão inseridas, ganhando concretude. Gonzagueamos: “é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá”. (Fórum sobre Medicalização, 2019, p. 13).

Além disso, foi possível notar também, que as participantes acreditavam em uma Educação diferente, em alguns aspectos, da que faziam na instituição. Uma Educação que leva em consideração o contexto histórico-cultural dos indivíduos, que acolhe, valoriza as singularidades e não necessariamente se dá dentro da sala de aula, como podemos notar por meio das seguintes falas:

Eu acho que nesse contexto aí dos indígenas [se referindo à imagem do povo indígena⁴⁰ exibida no 2º Encontro] em seu ambiente e cultura a educação pode acontecer de um jeito até melhor! Se não tivessem colocado eles desse jeito da foto. Desnecessário. (Trecho da transcrição da Educadora Beatriz, 2º Encontro).

Então, lá fora dá pra aprender, existem outras formas. Eu penso que, se elas tirassem esses meninos daí, da sala fechada só aprendendo assim de forma robótica, só reproduzindo e obedecendo... Podiam ir lá pra fora. Olha lá, tem um pé de alguma coisa, frutos, pode até ensinar matemática lá fora! Daí já dá pra saber que não queriam ensinar de verdade, mas queriam ensinar aquilo que convinha na época e do jeito que convinha também. (Trecho da transcrição da Professora Iva, 2º Encontro).

Fica evidente então, que elas propõem, como prática desmedicalizante a transformação da escola para acolher a diversidade humana, não o contrário. Porém, não podemos deixar de pensar no contexto em que se encontram, pois se trata de uma instituição pública, administrada por uma Organização Não Governamental (ONG) religiosa, que se submete a licitações com determinadas exigências e parte de alguns princípios que fogem à ideia da laicidade. Ou seja, estamos falando de uma escola dependente de verbas para se manter e para realizar as atividades planejadas. Acredito que acerca das possíveis práticas desmedicalizantes, esse seja o maior obstáculo simplesmente porque algumas transformações da escola não seriam possíveis por questões formativas, institucionais, financeiras, dentre outras que fazem parte do contexto citado.

⁴⁰ A imagem se encontra na seção de descrição dos Encontros Reflexivos, assim como nos Apêndices deste trabalho.

7. Considerações Finais

“Existe um sentido, acreditamos, em falar de análise poética do homem. Os psicólogos não sabem tudo. Os poetas trazem outras luzes a respeito do homem.”
Gaston Bachelard (1998, p. 120).

Contar toda essa trajetória não foi tão simples, e tentar finalizar a escrita é mais uma tarefa difícil. Por mais que os detalhes sejam descritos e as falas expostas, o sentimento é o de que o que aconteceu foi muito maior do que as palavras podem comportar. Além disso, este trabalho é uma interpretação de tudo o que foi vivido coletivamente, em um determinado momento. Acredito que, ao reler a pesquisa em um momento diferente, é possível que novas interpretações surjam.

O objetivo desta pesquisa foi buscar entender como a Psicologia Educacional e Escolar juntamente com a Arte pode contribuir para a construção de práticas desmedicalizantes, junto a professoras e educadoras, buscando compreender e transformar o olhar-professor e outros fatores (institucionais, relacionais, sociais, políticos) envolvidos no processo da medicalização da educação, para que práticas desmedicalizantes fossem construídas coletivamente. A partir disso, buscamos construir um espaço seguro, inspirador e acolhedor, para que as participantes compartilhassem e pensassem sobre suas práticas. As falas das professoras e educadoras nos guiaram por caminhos repletos de boas surpresas, nos mostrando que este trabalho, ao buscar oferecer meios para que (re)pensassem suas práticas como docentes, abriu espaço também para pensarem suas próprias vidas.

Utilizar a Arte nessa proposta de atuação da psicóloga escolar nos levou a alcançar importantes pontos para a pesquisa, pois facilitou a compreensão do olhar-professor a partir de tantos relatos compartilhados sobre a prática docente e sobre a vida. As dimensões pessoal e profissional da vida formam uma unidade, ainda que se manifestem em espaços distintos e o modo como cada uma se reconhece é marcado por todas as dimensões da vida, algo que ficou

evidente em suas falas. Essa compreensão acerca do olhar-professor foi possível porque os recursos estéticos foram mediadores nos diálogos estabelecidos, possibilitando reflexões, compreensões mais aprofundadas, e até mesmo lembranças de diversos momentos da vida. Tudo isso ocasionou algo essencial para este estudo: transformações! Os diversos fatores levados em consideração (institucionais, relacionais, sociais, políticos), que compõe os processos da medicalização da educação, foram trazidos à tona pelas próprias participantes, de acordo com as necessidades que estavam vivendo na instituição ao longo da pesquisa e isso facilitou o pensar coletivo na construção das práticas desmedicalizantes, que era o ponto de chegada que pretendíamos com a realização do grupo. Porém, podemos considerar que acompanhamos apenas o desabrochar de um processo que não conseguimos avaliar como se desdobrou posteriormente, pois durante a realização da pesquisa não chegaram a relatar sobre nenhuma mobilização ou encaminhamentos para que levassem as questões à direção ou coordenação pedagógica.

Ao possibilitar esse momento para elas no contexto da escola, abrimos espaço também, como citamos anteriormente, para que (re)pensassem mais do que só as práticas como docentes. Em cada Encontro Reflexivo elas expuseram suas vidas como uma grande obra de Arte, uma coletânea num museu; o tipo de obra que sequestra o olhar por horas e nem vemos o tempo passar. Trajetórias foram contadas, dores e marcas foram expostas – até mesmo com a vivência da medicalização da educação em suas infâncias –, alegrias compartilhadas e risadas encheram a grande sala. Acreditamos que isso foi possível não só porque foi construído em espaço para fala, mas, principalmente porque a Arte foi a mediadora de todas as formas de expressão e escutas – visto que estamos falando de Arte e seus diferentes impactos no ser humano. A Arte, aliada à Psicologia Escolar e à participação das professoras e educadoras, possibilitou que todas, incluindo a psicóloga, pensassem suas práticas e construíssem possíveis caminhos desmedicalizantes a partir da expressão do que foi

compartilhado coletivamente.

A construção de práticas desmedicalizantes, apesar de ser tema do último Encontro Reflexivo, aparece desde o primeiro momento com as professoras. Percebemos que pensar a construção de novas práticas foi um aspecto que as professoras destacaram como importante e necessário, sem que fosse preciso trazer o tópico para a conversa, as próprias participantes foram contando novas possibilidades de fazeres ao longo das trocas quinzenais. Acreditamos que isso aconteceu porque de fato o grupo sentia vontade e tinha necessidade de mudanças, algo que foi verbalizado em diversos momentos. A Arte mediou tais processos de diversas formas. Gerou incômodos – também verbalizados e expressos em seus rostos –, que produziram questionamentos e comparações com as realidades vivenciadas por cada uma, dentro e fora da escola, e, com isso, as práticas desmedicalizantes e outras transformações começaram a se tornar realidade, no sentido de que passou a ser algo pensado, discutido e planejado coletivamente. Um exemplo disso foi quando relataram que começaram a levar Arte para a sala de aula, o que foi entendido pelo grupo como uma prática desmedicalizante possível, já que a Arte abre espaço para diversos modos de existir e de fazer, além de colaborar com a expressão de sentimentos e desejos por parte das crianças e delas também.

As transformações chegaram a suas casas, quando contaram que passaram a levar Arte para compartilhar com a família. Além disso, vimos reflexões pessoais sobre o que viveram, novas compreensões, possibilidades de revisitar o que foi vivido, ressignificar. Através dos relatos vimos que aquilo que lhes causava dor (vivências, lembranças, experiências negativas, palavras duras ditas por outras pessoas, e outras questões que podem ser observadas nas falas das participantes) se revelava em suas práticas diárias, e, nos Encontros houve a possibilidade de rever, gerando a compreensão e transformação acerca da repetição de comportamentos que algumas haviam vivido no período escolar.

Um ponto importante que nos chamou a atenção foi o fato de que todas as

participantes se identificaram como praticantes de uma religião cristã, e isso apareceu em algumas falas. Acreditamos que é um ponto relevante por estarmos falando sobre uma instituição pública, o que leva a pensar que a educação deveria se manter laica nesses espaços. Porém, como todas possuíam a mesma religião (incluindo a equipe de gestão e direção, com a qual tive contato fora dos momentos da pesquisa), isso nos leva a questionar se é algo decisivo no processo de contratação, porque acreditamos que não deveria ser. Além disso, como temos afirmado ao longo de todo o trabalho e constatamos ao final da pesquisa, sabemos que os âmbitos pessoal e profissional se entrelaçam, ainda assim, a educação pública deveria se manter laica. O que acontecia era o oposto, como eu sempre chegava mais cedo à escola, para organizar o espaço do Encontro e também por estar atuando como psicóloga escolar desde 2018, o início do ano da pesquisa, vi diversos momentos separados para oração entre as professoras e todas as demais equipes. Segundo relatos das participantes, todos deveriam participar e houve casos de repreensões quando atrasos aconteciam. Com as crianças também eram feitas orações, além de serem ensinadas músicas evangélicas durante as aulas. Quando falamos de escola, faz-se essencial pensarmos sobre a maneira como as propostas são pensadas e realizadas, indo além de protocolos institucionais, governamentais e documentais. Especialmente quando se trata de uma escola pública, pois com tantas famílias compondo esse lugar, a pluralidade de religiões – e de tudo o mais que faz parte da vida do ser humano – é grande. Ainda sobre essa questão, o Estado precisa se responsabilizar e cuidar para que sejam mantidos “os princípios que compõem laicidade: neutralidade, liberdade de consciência, igualdade e separação entre Estado e religiões.” (Valente, 2018, p.16). Portanto, é preciso pensar em como tais práticas estão reverberando na vida de todos os atores desse contexto, porque só assim o convívio social, assim como a aprendizagem, serão fundamentados por valores éticos.

Seguindo esse raciocínio, diante do contexto apresentado pela própria instituição, é

importante pensarmos nos limites da pesquisa realizada, pois a real compreensão a respeito dos processos medicalizantes se dá a partir da práxis, da possibilidade de refletir de modo mais contínuo a respeito das situações do cotidiano da prática docente. A pesquisa foi um importante disparador para que se começasse a pensar em práticas desmedicalizantes.

O trabalho que desenvolvemos poderia ser esmiuçado em muitos pontos importantes, porém o que mais nos chamou atenção e costurou as falas durante os Encontros, foram os aspectos afetivos, e isso nos remete ao quanto a afetividade compõe a aprendizagem e formação do ser humano. Pensamos e sentimos simultaneamente, portanto a dimensão afetiva nas relações e interações entre as pessoas, assim como, entre as pessoas, as práticas e instrumentos pertencentes à cultura passam não são só pela cognição, mas também, pela afetividade (Leite, 2018).

No último Encontro é possível ler as falas em que elas contam que o trabalho feito em conjunto foi novo, diferente de tudo o que havia na escola, algumas brincaram dizendo que não permitiriam que eu fosse embora. O vínculo construído foi realmente muito positivo, o que tornou os Encontros muito potentes, mas tais dizeres nos levaram a refletir sobre questões densas.

Foram momentos de afeto, cuidado, olhar para si e para o outro. Olhar para a própria história para poder enxergar e compreender cada vez mais as práticas diárias. Sendo assim, me pergunto como pode tudo o que foi vivido no grupo soar como tão novo? O que tem sido vivido e feito dentro das escolas para e com as docentes, para que o fato de separar um espaço, e um momento para falarem de si mesmas, possa ser algo tão inovador? Isso evidencia o quanto a dimensão humana e afetiva dessas educadoras e professoras tem sido negligenciada. Quando foi que a educação se tornou uma mercadoria? Sabemos que os valores do capital são firmados na exploração, competitividade e dominação, o que poderia justificar ideologicamente esse funcionamento onde as personagens fundamentais –

professoras – são apagadas, o que evoca uma velha (ou cada vez mais atual?) lógica na qual o foco estava na preparação dos “próximos adultos” para o mercado de trabalho, esquecendo-se assim de todos os determinantes sociais, históricos e políticos que compõe o processo educacional.

Além disso, como podemos falar sobre formação integral do ser, se não olha para as professoras? Como olhar e formar integralmente o ser, no caso ainda criança, se é ignorada – ou negligenciada – a formação continuada das professoras e educadoras? Segundo Vigotski (1989), como já vimos, o desenvolvimento do ser humano acontece em espiral, ou seja, é constante ao longo da vida. Contudo, essa formação continuada, de modo geral, não atendia as necessidades das professoras que relatavam ter participado de palestras, nas quais a possibilidade de interlocução era muito limitada. Esse formato vai na contramão do que Freire (1998) disse sobre o conhecimento não poder ser apenas transferido, mas sobre a necessidade de ser debatido e construído.

Conversar com as participantes, analisar as falas e a questão dos olhares e práticas como psicóloga escolar e das professoras me levou a pensar na composição da minha atuação e até mesmo a da sociedade brasileira atual, visto que as atuações que colaboram com práticas medicalizantes fazem parte de todo esse enredo e integram olhares. Em tempos de “menino veste azul e menina veste rosa”⁴¹, é necessário refletirmos acerca de quais repertórios estão compondo o povo brasileiro, mais especificamente nossas escolas, para que se disseminem tantos olhares medicalizantes. Sem entrar na questão de “quem é o culpado?”, pois sabemos que não se trata de um culpado, mas de um sistema constituído de modo excludente e preconceituoso, e que está a favor da manutenção de uma sociedade dividida em classes.

Sendo assim, compreendemos este trabalho como uma prática formativa transformadora – a forma como foi visto pelas participantes e citamos anteriormente –, no

⁴¹ Declaração de Damare Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e pastora. A declaração foi feita em um vídeo cuja identificação do local não é possível, porém foi postado na internet no mesmo dia (03/01/2019).

sentido de se contrapor ao que está muito arraigado nas estruturas e funcionamento da grande maioria das escolas. É “novo” se pensamos nele como uma abertura para novas possibilidades, construção de outros caminhos que podem nos levar às práticas desmedicalizantes. Não estamos buscando estabelecer um modo único e engessado de atuação, mas sim compartilhar como fizemos para que futuras outras práticas nesse sentido sejam possíveis e mais frequentes.

Com base nisso, acreditamos que esta proposta mostra uma possibilidade de atuação da Psicologia Educacional e Escolar, por meio de Encontros Reflexivos mediados pela Arte, estabelecendo uma parceria com docentes, de modo a pensar conjuntamente as intervenções, concepções, modos de atuar com e na Educação para alcançar as práticas desmedicalizantes. Nesta pesquisa, foi realizada uma proposta de atuação em Psicologia Educacional e Escolar, envolvendo um grupo com docentes, realizado na instituição onde trabalhavam, usando a Arte como mediadora. Porém, há a possibilidade de que seja realizado com outros profissionais que fazem parte do contexto educacional, como por exemplo, a equipe de gestão, citada muitas vezes pelas participantes, em outro formato, talvez até em outros espaços.

É uma atuação que se mostrou rica e de extrema importância por propiciar a elaboração de diferentes significados e sentidos, potentes reflexões para que todas as envolvidas (me incluindo nesses processos) pensassem seus papéis, práticas e ações no âmbito profissional e pessoal. Tudo isso possibilitou não só a construção de práticas desmedicalizantes, como também transformações internas que favoreceram o desenvolvimento pessoal de cada participante. Sendo assim, esse trabalho aponta caminhos importantes e profícuos para o desenvolvimento profissional docente.

Com essa Dissertação somamos mais uma linha no grande tear de luta contra processos medicalizantes na Educação, e esperamos inspirar ideias e desejamos que outros horizontes sejam avistados a partir dessa proposta, para que coletivamente, com a junção entre

Psicologia, Educação e Arte, possamos desbravar diversos caminhos para a transformação e desmedicalização da sociedade.

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural.
Pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.
Bertolt Brecht (2016).

8. Referências

- Abdalla, M. de F. B. (2005). A pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação da prática docente. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 13(48), 383-400. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362005000300008>.
- Albano, A. A. (2001). *O Sorriso Entrusco e a monitora que foi "no antigamente"*. Folha de São Paulo, São Paulo, Folha Educação.
- Almeida, C. M. (2010). Concepções e práticas artísticas na escola. In: S. Ferreira (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos* (pp. 11-38). Campinas: Papirus.
- Antunes, M. A. M. (2003). Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: M. E. M. Meira, & M. A. M. Antunes (Orgs.). *Psicologia escolar: teorias críticas* (pp. 139-168). São Paulo: Casa do Psicólogo. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>
- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 469-475. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>.
- Antunes, M. A. M. (2011). Psicologia e Educação no Brasil: uma análise histórica. In R. G. Azzi, & M. H. T. A. Gianfaldoni (Orgs.). *Psicologia e Educação* (pp. 9-32). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ariés, P. (1978). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LCT.
- Asbahr, F. da S. F., & Lopes, J. S. (2006). "A culpa é sua". *Psicologia USP*, 17(1), 53-73. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642006000100005>.
- Asbahr, F. da S. F., & Nascimento, C. P. (2013). Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(2), 414-427. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000200012>
- Bachelard, G. (1988). *A poética do devaneio*. (A. P. Danesi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Barbosa, D. R., & Souza, M. P. R. de. (2012). Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 163-173. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100018>.
- Barbosa, D. R. (2012). Contribuições para a construção da historiografia da Psicologia educacional e escolar no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 104-123. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500008>.
- Barbosa, F. M., & Silva, S. M. (2011). Reflexões sobre uma proposta de atuação inovadora em psicologia escolar. *Revista Horizonte Científico*, 5(2), 1-17.
- Barroco, S. M. (2007). *Psicologia Educacional e arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana*. Maringá: Eduem.

- Brecht, B. (1987). *Poemas – 1913-1956*. (Seleção e tradução de Paulo Cesar Souza). 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Brecht, B. (2016). Nada é impossível de mudar. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (33), 293. Recuperado em 21 de julho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200025&lng=pt&tlng=pt.
- Boarini, M. L., & Borges, R. F. (1998). Demanda infantil por serviços de saúde mental: sinal de crise. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3(1), 83-108. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100005>
- Bock, A. M. B. (1999). *Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia*. São Paulo: EDUC Cortez.
- Bock, Ana M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno CEDES*, 24 (62), 26-43. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20090.pdf>. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>
- Bogdan, R. C., & Bilklen, S. K. (1984). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Editora Porto.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação-uma introdução à teoria e dos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brum, E. *Doente de Brasil: como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade*. Revista El País. Publicado em 2 de agosto de 2019. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html.
- Buiatti, V. P. (2005). *A queixa escolar nos ambulatórios de saúde mental da rede pública de Uberlândia: práticas e concepções dos psicólogos* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <http://www.pgpsi.ip.ufu.br/sites/pgpsi.ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DissertacaoVivianePradoBuiattiMarcal.pdf>.
- Buiatti, V. P., & Serrati, C. S. M. (2017). A queixa escolar: os olhares e as vozes das famílias. In: C. G. Prado, F. D. A. Silva, & V. A. de Souza. (Orgs.). *História, Políticas e Práticas Educativas: olhares sobre a docência e a gestão* (pp. 347-375). Ituiutaba: Barlavento.
- Cabral, A. C. F. C. (2005). *Formação de Professores para a Educação Infantil: um estudo realizado em um Curso Normal Superior*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_CabralAC_1.pdf.
- Cauquelin, A. (2005). *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Limitada.
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na Educação Básica*. Brasília: CFP.

- Costa, M. L. F. (2009). O sistema Universidade Aberta do Brasil: democratização e interiorização do ensino superior. In: Costa, M. L. F. (Org.). Introdução à educação a distância. Maringá: Eduem.
- Checchia, A. K. A. (2015). *Contribuições da psicologia escolar para formação de professores: um estudo sobre a disciplina psicologia da educação nas licenciaturas* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-07082015-114724/pt-br.php>.
- Coli, J. (1995). *O que é arte?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- Cruz, M, G. A., Ferrazza, D. A., & Cardoso Júnior, H. R. (2014). Projetos de lei sobre medicalização da educação: biopolítica, controle e resistência na contemporaneidade. *Revista Nuances*, 25(2), 210-233. <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i2.2645>
- Cunha, R. B., & Aragão, A. M. F. (2012). A interlocução como experiência de formação docente. *Comunicações (UNIMEP)*, 17(2), 7-19. Recuperado de <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/download/170/559>. <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v17n2p7-19>
- Decreto n. 79.822, de 17 de julho de 1977. Regulamenta a Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, que criou o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D79822.htm.
- Duarte, N. (2008, outubro). Arte e formação Humana em Lukács e Vigotski. *Anais da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 31.
- Espinosa, B. (1983). *Ética*. (M. Chauí, Trad., Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Facci, M. D. (2004). *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas: Autores Associados.
- Fórum sobre Medicalização. (2019). Manifesto desmedicalizante e interseccional: "existirmos, a que será que se destina?" *Anais Seminário Internacional A Educação Medicalizada*, 1(1), 12-20. Recuperado de <http://anais.medicalizacao.org.br/index.php/educacaomedicalizada/article/view/235>.
- Foucault, M. (2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Goés, M. C. (2002). Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: M. K. Oliveira, T. C. Rego, & D. T. Souza (Orgs.), *Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.
- Gonzalez-Rey, F. L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia - caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

- Leal, ZF. de R, G. (2010). *Educação escolar e constituição da consciência: um estudo com adolescentes a partir da Psicologia Histórico-Cultural* (Tese de doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962.* Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm.
- Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971.* Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D79822.htm.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.* Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.
- Leite, S. A. S. (2018). Bases teóricas do grupo do afeto. In: S. A. da S. Leite (Org.), *Afetividade: as marcas do professor inesquecível*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Luengo, F. C. (2010). *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância*. São Paulo: Cultura Acadêmica. <https://doi.org/10.7476/9788579830877>
- Machado, A. M., & Souza, M. P. R. de (Orgs.). (1997). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, A. M. (2003). Os psicólogos trabalhando com a escola: intervenção a serviço do quê? In: M. E. Meira, & M. A. Antunes (Orgs.). *Psicologia Escolar: Práticas Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, A. M., & de Souza, M. P. R. (2003). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Massimi, M. (1984). *História das idéias psicológicas no Brasil em obras do período colonial* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Massimi, M. (1990). *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU.
- Massimi, M. (Org.). (1997). *Navegadores, colonos, missionários na Terra de Santa Cruz: um estudo psicológico da correspondência epistolar*. São Paulo: Loyola.
- Meira, M. E., & Antunes, M. A. (Orgs.). (2003). *Psicologia Escolar: Práticas Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Meira, M. E. (2007). Psicologia Histórico-Cultural: fundamentos, pressupostos e articulações com a psicologia da educação. In: M. E. Meira, & M. G. Facci (Orgs.). *Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Meira, M. E. M. (2000). Psicologia escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In: Tanamachi, E., Proença, M., & Rocha, M. (Orgs.). *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moysés, M. A. A. (2001). *A institucionalização invisível – crianças que não-aprendem-na-escola*. Campinas: FAPESP/ Mercado de Letras.
- Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. (1992). A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos Cedes*, (28), 31-48. Recuperado de <https://pt.scribd.com/doc/312778610/A-Historia-Nao-Contada-Dos-Disturbios-de-Aprendizagem>.
- Moysés, M. A., & Collares, C. A. (2010). *Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moysés, M. A., & Collares, C. A. (2013). Medicalização do comportamento e da aprendizagem: consequências para a vida de crianças e adolescentes. *Casa em Revista (Impresso)*, 5, 18-29.
- Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L. (2014). Mais de um século de patologização da educação. *Fórum: Diálogos em Psicologia*, 1(1), 50-64. Recuperado de <http://www.fio.edu.br/revistapsi/arquivos/moyses.pdf>.
- Oliveira, M. K., & Teixeira, E. (2002). A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: M. K. Oliveira, T. C. Rego, & D. T. Souza (Orgs.). *Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.
- Ostrower, F. (1983). Meu caminho é a gravura. In: Museu Nacional de Belas Artes. *Catálogo da "Exposição Retrospectiva de Fayga Ostrower: obra gráfica 1944-1983"*. Rio de Janeiro.
- Patto, M. H. S. (1981). *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Patto, M. H. S. (1984). *Psicologia e Ideologia: Uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Patto, M. H. S. (1992). A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, 3(1-2), 107-121. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Patto, M. H. S. (1999). *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M. H. S. (2008). Políticas atuais de inclusão escolar: reflexão a partir de um recorte conceitual. In J. G. S. Bueno, G. M. L. Mendes, & R. A. dos Santos (Orgs.). *Deficiência e*

escolarização: novas perspectivas de análise (pp. 25- 42). Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES.

- Peretta, Anabela Almeida Costa e Santos, Silva, Silvia Maria Cintra da, Souza, Cláudia Silva de, Oliveira, Jaqueline Olina de, Barbosa, Fabiana Marques, Sousa, Lílian Rodrigues de, & Rezende, Paula Cristina Medeiros. (2014). O caminho se faz ao caminhar: atuações em Psicologia Escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 293-301. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182747>
- Pessoa, C. T. (2014). *Psicologia Educacional e Escolar: inspirando ideias para a Formação Continuada de Educadores por meio da Arte* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/4345/1/PsicologiaEducacionalEscolar.pdf>.
- Pino, Angel. (2000). Editorial. *Educação & Sociedade*, 71, Campinas: Cadernos CEDES, 7-17. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200001>
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- Prestes, Z. R. (2010). *Quando não é quase a mesma coisa – Análise de traduções de Lev Semionovtchi Vigotski no Brasil – repercussões no campo educacional* (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/ZOIA_PRESTES_-_TESE.pdf?1462533012.
- Projeto de Lei do Senado n. 7081, de 2010*. Dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia e do Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade na educação básica. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=472404>.
- Projeto de Lei do Senado n. 867 de 2015*. Dispõe sobre a inclusão entre as diretrizes e bases da educação nacional do "Programa Escola sem Partido". Recuperado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>.
- Queiroz, M. I. P. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Rego, T. C. (2002). Configurações Sociais e Singularidades: o impacto da Escola na Constituição dos Sujeitos. In: Oliveira, M. K. de, Souza, D. T. R., & Rego, T. C. (Orgs.). *Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea* (pp. xx-xx). São Paulo: Moderna.
- Rocha, M. S. P. M. L. (2000). Não brinco mais: a (des) construção do brincar no cotidiano educacional. Ijuí-Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí.
- Saviani, D. (1994). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados. 4.ed.
- Silva, S. M. (2005). *Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea.

- Soares, E. (2018). O que se cala: Deus é mulher. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ. Acesso em: 27 jul. 2020.
- Soares, J. (2018, 23 de agosto). Bolsonaro diz que ECA deve ser ‘rasgado e jogado na latrina’. *Jornal O Globo*. Pode ser acessado em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-eca-deve-ser-rasgado-jogado-na-latrina-23006248>
- Souza, B. P. (2007a). *Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo. <https://doi.org/10.11606/9786587596075>
- Souza, B. P. (2007d). Trabalhando com dificuldades na aquisição da língua escrita. In: B. P. Souza (Ed.). *Orientação à queixa escolar* (pp.137-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. P. R. de (2007b). Prontuários revelando os bastidores do atendimento à queixa escolar. In: B. P. Souza (Ed.). *Orientação à queixa escolar* (pp. 27-58). São Paulo: Casa do Psicólogo. <https://doi.org/10.11606/9786587596075>
- Souza, M. P. R. de. (2013c). *A atuação do psicólogo na rede pública de educação: concepções, práticas e desafios* (Tese de Livre Docência em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-25022013-103516/pt-br.php>.
- Tanamachi, E. R., & Meira, M. E. (2003). A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. In: M. E. Meira, & M. A. Antunes (Orgs.), *Psicologia Escolar: Práticas Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Teixeira, D. M. (2017). *Psicologia Escolar e Arte em uma instituição socioeducativa: possibilidades de Interlocução* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19702>.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443-466. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>.
- Valente, G. A. (2018). Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. *Pro-Posições*, 29(1), 107-127. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0108>
- Veloso, C. **Terra**. Rio de Janeiro: Philips (CBD), 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wAmtLN4PILU>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- Vigotski, L. S. (1989). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Bela Vista, SP: Editora Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). Aprendizagem e Desenvolvimento na Idade Escolar. In: Vigotski, L., Luria, A. R., & Leontiev, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem* (pp. 103-117). São Paulo: Ícone.

Zanella, A. V., Reis, A. C. dos, Titon, A. P., Urnau, L. C., & Dassoler, T. (2007). Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 25-33. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000200004>.

9. Apêndices

Apêndice A

CONVITE AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO



ENCONTROS REFLEXIVOS

ARTE, DIÁLOGOS, E
(DES)CONSTRUÇÕES COLETIVAS

REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS DIÁRIAS
COLETIVAS, ATRAVÉS DA ARTE.

Dias: xx/xx - xx/xx - xx/xx -xx/xx às 15h
Local: Instituição Pública de Ed. Infantil



Obra de Gildásio Jardim, o artista das Chitas, do Jequitinhonha e de Minas Gerais.

Apêndice B

Transcrição dos Encontros Reflexivos

1º Encontro Reflexivo

Tema: O olhar-professor

Para a realização deste encontro já havia sido explicado e esclarecido individualmente com cada participante que o envolvimento delas era voluntário, podendo desistir em qualquer momento sem nenhum dano e que o material fornecido por elas seria descartado posteriormente às análises. Sendo assim, abri o encontro contando um pouco mais sobre a pesquisa (objetivo e como seriam os encontros).

Psicóloga: Boa tarde à todas! Gostaria de começar dizendo que me sinto muito privilegiada por poder contar com todas vocês aqui neste encontro e espero que possamos continuar juntinhas assim até o final... O tema deste primeiro Encontro Reflexivo é “O olhar-professor”. E para dar início, trouxe uma dinâmica para nos aquecermos e conversarmos um pouco. Vocês topam? Após concordarem, continuei. A dinâmica se chama *Encontro Marcado*. Cada uma de vocês receberá uma agenda de papel, com três horários diferentes nela. Vou colocar uma música para tocar e, enquanto toca, vocês devem andar pelo espaço agendando encontros. Não se pode repetir o mesmo nome, mesmo que seja em horários diferentes! O objetivo é marcar encontros com pessoas que você não conversa tanto no dia a dia.

Após todas marcarem seus três encontros, contei que para cada horário haveria um tema para que conversassem com a pessoa cujo nome estava agendado. Instruí então, que fossem ao encontro da pessoa e que conversassem. E assim se seguiu a dinâmica, até o último

encontro. Os temas para cada conversa foram:

1º Encontro: O que você gosta de fazer aos finais de semana?

2º Encontro: Você se sente diferente de algum modo? No que?

3º Encontro: Por que você se tornou professora?

E assim, demos início...

Os Encontros marcados

Psicóloga: Como foi conversar um pouquinho? Espero que tenham se aquecido, porque vamos conversar muito ainda! Alguém gostaria de compartilhar alguma coisa dessas conversas?

Educadora Beatriz: Bem... É... Bem, eu vou falar, do magistério, de porque virei professora. Eu fiz o magistério, e uma colega minha desistiu, estava fazendo comigo e desandou. E eu nem queria fazer, porque eu via as crianças, eu via o que elas faziam com as professoras. Então, eu falei ‘não quero ser professora não!’. Mas, eu trabalhava com crianças na igreja... E aí, na hora de fazer estágio, eu me identifiquei com algumas coisas, com essa coisa de ser professora, sendo aluna. E hoje eu to aqui, e to fazendo faculdade pra ser... ser professora. É difícil né [risos e olhares para as colegas], mas ‘tamo’ aqui.

Psicóloga: Quando você diz que é difícil, eu penso em todos os outros trabalhos. Cada um tem sua particularidade, né? Momentos bons, momentos difíceis... Todos eles fazem parte da caminhada e vão nos ensinando.

Prof.^a Alyssa: Eu quero falar sobre as dificuldades! É... A minha dificuldade, que eu coloquei nos meus encontros, né... É porque às vezes eu sou muito falha nessa questão de estar próxima das pessoas. Eu acho que eu sou um pouco fechada pra isso entendeu? Pra me socializar. E é... Eu já coloquei esse termo ‘dificuldade’, porque às vezes têm pessoas

próximas de mim e que eu deixo de conviver e até congregando na igreja tem alguns irmãos que falam ‘ah, não vai lá em casa’. Eu vou só em quem eu já sou próxima, as outras pessoas eu não dou mais abertura. Então, acho que essa é minha dificuldade. Fico muito no meu mundinho.

Psicóloga: E você acha que aqui na escola isso ajuda ou atrapalha, Alyssa?

Prof.^a Alyssa: Depende. Tem hora que é bom a gente ficar no canto. Mas... Ah, não sei, acho que atrapalha mais que ajuda e na escola a gente tem que estar junto o tempo todo. Só que não acontece, então o trabalho fica difícil.

Neste momento apenas concordei com a cabeça que estava entendendo, e vi que as outras faziam o mesmo, porém percebi que foi no sentido de concordar que o que Alyssa contava de fato acontecia e prejudicava. Esperei alguns minutos, ofereci espaço para mais compartilhamento. Não houve.

Então, aproveitei para falar do tema do encontro: **O olhar-professor**

Psicóloga: Bom, como nós já conversamos sobre isso, cada encontro terá um tema. Hoje nós falaremos um pouco sobre “o olhar-professor”. Que olhar é esse e qual a importância dele? É importante? De onde vem esse olhar e pra onde vai? Enfim, um olhar é carregado de muitas preciosidades, muitas informações. E para pensarmos um pouco em como nosso olhar acontece, trouxe um vídeo bem curtinho e divertido para assistirmos!

Vídeo: [O frio pode ser quente?](#)⁴²

Todas gostaram muito do vídeo, apenas algumas já conheciam o livro. Gostaram tanto, que assim que acabou elas já começaram a falar.

Educadora Beatriz: Eu lembrei de uma situação. É uma coisa que aconteceu uma vez comigo. Eu lembro de uma vez que eu tava com as crianças da Iva, e as crianças têm hora pra ir ao banheiro. E eu não levei os meninos dela ao banheiro, só que pediram pra levar. Aí no

⁴² O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=XUP0ypImAJw&t=6s>

outro dia eu esqueci de novo, aí quando eu vinha com as minhas crianças pra levar no banheiro, ela falou comigo de uma criança da sala que tava mijada. E eu entendi que foi uma criança da sala dela que fez xixi e que o pai ia reclamar por causa disso. Ela falando da minha, e eu entendi da dela isso. Uma situação meio diferente. Um mal entendido, né, que se resolveu. E que mostra que depende da maneira de se ver as coisas. Depende de como a gente ouve.

Psicóloga: Sim! Muita coisa depende da nossa maneira de ver as coisas mesmo Beatriz!

Reflexões anotadas no Diário de Bordo da pesquisadora: Depende também do quanto estamos abertos a ouvir, de como ouvimos, se já é partindo do pressuposto de que já sabemos tudo... Essa educadora foi a que mais compartilhou com o grupo, e ao mesmo tempo, a que mais foi criticada através dos olhares, cochichos e até mesmo, risadinhas. Nesse momento percebi que havia de fato acontecido um mal entendido, elas começaram a conversar baixinho entre si. Beatriz ficou um pouco desconfortável. Na tentativa de não reacender algo que segundo Beatriz havia sido resolvido entre ela e Iva, dei continuidade.

Psicóloga: Bom, trouxe também um texto! Esse já é um pouquinho maior, é um capítulo. Mas, gostaria muito que lêssemos juntas. Trouxe um para cada, e também vou projetar. Podemos fazer uma leitura coletiva?

E assim, lemos o capítulo: *A história de um olhar*, primeiro capítulo do livro *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum. Algumas professoras se emocionaram ao longo da leitura.

Prof.^a Laísa: Tem vezes que a gente está tão estressada que a gente não vê nada. Aí tem dia que a gente já está melhor, e os olhos estão mais abertos, que a gente passa a enxergar até coisas que a gente não via antes né. Até mesmo uma outra pessoa que está estressada, a gente pensa ‘não, deve ser só um dia ruim pra ela’. Porque tem dias e dias.

Prof.^a Ana: Na verdade eram dois olhares né, a professora que tava mal com ela mesma, né, se sentindo mal e isso refletia no trabalho dela. E ele que era o mal da sociedade, né.

Educadora Beatriz: Ela teve um olhar que integralizou ele, que serviu pra trazer ele.

Prof.^a Iva: Como mostrou no primeiro vídeo, depende do modo como se vê... Eu vejo que foi um olhar libertador pra ele... E pra ela também.

Psicóloga: Será que da pra trazer essa história para o nosso dia a dia? Tanto para o âmbito da instituição, quanto fora daqui. Quero convidar vocês a pensarem sobre, e se quiserem e se sentirem a vontade, pensar sobre todos os olhares que te marcaram. Todos os olhares que lançaram sobre você e que te fizeram chegar aqui hoje. E também, pensem em todos os olhares que te barraram, que de alguma forma de impediram de prosseguir. Vocês conseguem pensar sobre isso?

Prof.^a Marcela: Esse olhar é diário. Você convive com ele o tempo todo. O olhar que a gente recebe... O que a gente dá também, mas acho que mais o que recebe. Porque aí a gente vai se fechando.

Educadora Beatriz: A minha professora do magistério me mudou, me fez olhar de um jeito diferente para as coisas, pras crianças né. Pra cada criança, pro temperamento de cada criança. Então, eu comecei a ver com o olhar das crianças. Porque antes eu via e achava que as crianças eram as vilãs. Porque eu estudei em colégio público, e as crianças da minha sala eram terríveis, não tinham educação. Acredito que seja isso. Eles pegavam papel e jogavam na professora. Eu tinha um monte de professoras que desistiram de ir pra escola trabalhar. Elas desistiram porque, né... Eles jogavam papel, chiclete, tudo! E por isso eu via assim. Mas, depois, passei a ver com outros olhos. Porque, assim, um olhar pra mim não é um negócio automático. É construído, sabe, vai da história da pessoa, é coisa que vai indo e crescendo ao longo do tempo. Acho que todo olhar tem uma história de vida.

Psicóloga: Pensem no olhar que vocês têm hoje na profissão de vocês sobre as crianças.

Educadora Beatriz: Eu lembro que quando eu comecei nos estudos, eu lembro que eu estava trabalhando, eu tinha minhas colegas. E muita gente me falava ‘ah, desiste disso que você não tem futuro’. Mas, eu acho que a gente tem que ter cabeça. Eu lutei, e tentei, e consegui, porque eu tenho esse outro olhar que não tinha antes, sabe, esse outro olhar pras crianças. E eu não desisti, nem vou. Eu lembro que tava assim, nossa, muito difícil. E eu ia pra escola e trabalhava, e tinha filho e cuidava de menino. E aí tinha que voltar pra escola, estudar e sonhar. E eu não quis desistir das crianças, sabe? E é assim até hoje. Hoje eu tenho gente que chega em mim e fala ‘eu achei que você ia desistir também, porque eu desisti... E assim, ela gosta muito de ler essa minha amiga, e era o sonho dela ser professora. E ela desistiu. Isso me dói.

No meio desta fala, a educadora Beatriz foi interrompida pela professora Stéfane.

Prof.^a Stéfane: Eu lembro muito dos meus pais quando falam assim. Antes, meu pai só olhava pra mim, principalmente quando tinha visita, ou quando a gente saía de casa... E aí eu já sabia o que era, eu já sabia que tinha que quietar. E era tudo só pelo jeito do olho, eu já sabia. E isso me marcou demais. Parecia que a comunicação era só pelo olhar, e você já sabia.

E quando Stéfane terminou sua fala, Beatriz também terminou a sua. Foi um momento estranho e percebi que elas se olharam também com certo estranhamento com o abrupto corte da fala da educadora.

Educadora Beatriz: O sentimento de estar aqui é muito grande. Terminei o ano letivo feliz. Já pensei em desistir, mas estou aqui. Eu já quis desistir mesmo agora, na faculdade.

Prof.^a Linda: É verdade, e eu já falei pra ela ‘não faz isso não, daqui uns dias você vai ficar feliz por terminar... tudo passa!

Psicóloga: E vocês acreditam que o olhar permanece o mesmo sempre? Ou tem como mudar?

Educadora Beatriz: Eu acho assim, que os pais não têm noção de como é ser professor, ser educador. A responsabilidade é grande, de cuidar dos filhos deles. Eu às vezes fico no G2, e tem esse filho dessa mãe, e ele apronta! Ele bateu e tive que fazer ocorrências pra conversar com ela. E ela começou a acreditar que eu é que tava fazendo o filho dela ficar daquele jeito. E eu ficava... Ficava nervosa e não gostava de nada daquilo que ela falava. Esses pais não têm consciência do que é... Eles não sabem o que passamos. Não sabem que precisamos fazer as crianças entenderem que aquilo está errado, que temos que fazer as ocorrências... Temos que conversar! A escola sem os pais, não adianta! Então, o jeito como ela falou comigo me fez achar que ela tava falando que eu é que estava fazendo o filho dela ficar daquele jeito. Ela disse que o filho dela não era assim e que tinha certeza de que nada daquilo estava acontecendo... De que o filho dela não era daquele jeito. E hoje, aqui agora, eu to pensando nesse olhar dela, dos pais todos. Que é difícil sabe, eles enxergam do jeito que querem... Ah, nem sei, talvez seja o jeito que sabem enxergar. Mas agora eu sei... Porque o professor está no meio de tudo o que acontece na escola, né, e nem todo mundo vê do jeito que a gente vê. Igual você ta falando, tudo depende de coisa demais...

Psicóloga: E como é o olhar de vocês agora? Ou caso não queiram falar do seu diretamente, podem me contar um pouco de como é o olhar da escola como um todo?

Prof.^a Stéfane: Aqui, nem sempre está tudo ótimo sabe? Porque o olhar de cada um, né... Eu, falando particularmente de mim, às vezes a meu ver, no olhar do todo falta um pouco de colaboração entre nós. Eu acho que essa união precisa acontecer. Porque às vezes a gente olha, não que eu to aqui julgando alguém, quem sou eu, né? Mas, esse é o olhar que muitas vezes eu tenho. Pode ser que meu olhar esteja errado. Mas, às vezes eu olho e não vejo esse olhar de colaboração. Eu vejo um olhar de competição. Se minha parceira está precisando de

ajuda, eu tenho que ir lá e ajudar. Às vezes eu sei mais do que ela. Às vezes ela sabe mais do que eu. Então, não custa um ir lá e auxiliar o outro. Porque a gente não nasceu sabendo. Todos nós aprendemos a cada dia, porque cada dia é uma lição de vida que nós temos. Então né, na minha percepção, é... Falta esse olhar de colaboração com o outro, de ajudar o outro. Porque querendo ou não, nós passamos a maior parte do tempo aqui. Querendo ou não, nos tornamos uma família, então temos que olhar de outra forma... Eu já até falei pras meninas, que não é que eu acho que eu saiba mais, e não acho que sou melhor do que ninguém. Eu acho que todas nós temos conhecimento, somos iguais e estamos aqui pra aprender. A gente aprende a cada dia e temos que dar nosso melhor. Então, eu acho que eu parto desse olhar e acho que precisamos desse olhar de colaboração. Se alguém está com dificuldade, está precisando de ajuda, então eu vou ajudar! Porque querendo ou não, eu fui ajudada! Eu não entrei sabendo, eu fui ajudada e então posso ajudar.

Prof.^a Sueli: Sim, mas pra isso o outro tem que querer ajuda né?

Prof.^a Stéfane: Sim, realmente, mas se eu não oferecer como vou saber que o outro quer ajuda?

Psicóloga: Isso de o outro querer ser ajudado é um tanto delicado, não é mesmo? Cada um tem um jeito de dizer as coisas, às vezes eu até quero ajuda, mas não sei bem como dizer isso. Ou quando falo, passo outra percepção. Vocês falam de uma comunicação que é realmente muito importante.

Educadora Cleusa: É verdade, sozinho você não consegue ir pra frente, mas se você estiver com a sua companheira, vocês andam juntas. Mas, cada uma do seu jeito.

Educadora Beatriz: É mesmo e andar junto é bom. Eu fico vendo a Iva e eu falo que quando eu crescer eu quero ser que nem a Iva. Mas, mesmo assim, você sabe que cada uma de nós tem um jeito até de andar diferente, de falar diferente. Vejo a Queila, e assim, parece que a Queila é toda séria e brava, mas é só a expressão dela! Porque ela é super legal, e doce.

Então, é isso né, que quando você chegar perto e se estiver disposta de entender ele [o outro], você vai sempre enxergar uma coisa super diferente. Trabalhando em equipe a gente ouve, e eu acho que quando a gente ouve o olhar aumenta, e isso acontece no meio, né, entre nós.

Psicóloga: Gostei muito disso que você disse Beatriz! Que quando a gente ouve o olhar aumentar. Muito bonito! E vocês contam muita coisa importante, não é mesmo? Sobre o jeito de cada uma, a necessidade de mudarem o olhar para que possam estar mais juntinhas, se ajudando quando for preciso. Sempre ensinando e aprendendo. Escola é isso! É vida, movimento, mudanças... E escola é também produção!

Neste momento elas riram bastante, porque “produção” é uma das coisas que mais é feita na escola. Por ser educação infantil, muitas coisas são feitas à mão pelas professoras, às vezes junto com as crianças. Após as boas risadas, continuei...

Psicóloga: E pensei em fecharmos o nosso encontro, deixando registrado o nosso olhar! Eu trouxe aqui papel pardo, folha sulfite, papel crepom, giz de cera, lápis de cor e de escrever, tinta, pincel, cola, canetinha... Tem muita coisa aqui nessa mesa! E se vocês toparem, eu queria fazer um mural de olhares! Cada uma produz um olhar que acha que reflete a forma como você tem olhado para você mesma, para as crianças, a escola... Vamos lá?

E então, todas elas com um sorriso no rosto, se levantaram e foram desenhar o próprio olhar.

Desenhando o olhar

2 Alguns materiais disponíveis



Após o mural de olhares pronto...

3 Parte do mural de olhares



Prof.^a Iva: Eu tentei passar isso [o olhar] pro desenho, mas é muito difícil... Fiz um olhar feliz porque a vida às vezes atropela a gente, e às vezes a gente deixa de ver ou vê as

coisas um pouco tortas por causa dessa correria toda. Então, acho que dá pra ter alegria no olhar, transmitir e enxergar através disso. Iva desenhou um olho grande e cheio de cores!

Educadora Beatriz: Eu fiz um olhar cinza, porque é como se estivesse no escuro. Mas, coloquei cor ao redor porque mesmo no meio das dificuldades, das lutas sabe, mesmo quando está escuro da pra ver um pouco de cor e luz. Depende só do jeito como você vai ver.

Psicóloga: Mais alguém gostaria de falar sobre o desenho?

Diante do silêncio, encerrei o encontro com a música Valsinha⁴³, de Chico Buarque. Canção que conta a história de um romance que começa a se transformar a partir de um olhar.

2º Encontro Reflexivo

Tema: *A Medicalização dentro dos muros da escola*

Neste encontro a ideia era conversar sobre medicalização. Ver o que entendiam pelo nome, apresentar o conceito do fenômeno, assim como contar um pouco dos dados sobre o consumo e as vendas de medicamentos, e falar também sobre as práticas medicalizantes. Iniciei o encontro conversando sobre como foram os últimos dias, de forma bem informal e íntima. Depois de alguns minutinhos de conversa...

Psicóloga: Bom gente, como vocês podem ver pela projeção, hoje vamos falar um pouco sobre Medicalização da Educação. Mas, antes de eu compartilhar algumas coisas, eu gostaria de ouvir vocês! Pelo nome desse fenômeno, o que vocês entendem? Alguém já ouviu falar nisso?

Prof.^a Iva: Medicalização me remete ao verbo “medicar” né. Medicalização, medicar. Mediar da educação, na educação.

⁴³ A música pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=RhLJFYwutUs>

Psicóloga: Sim... É por aí Iva! E eu sei que o nome passa a ideia de medicar mesmo. De remédios, receitas, medicamentos no geral. E eles estão incluídos no fenômeno da medicalização. Mas, a medicalização é tão ampla que nem sempre tem remédio no meio! Quando tem só o remédio, a gente chama de medicamentação⁴⁴. A medicalização pode ter, mas às vezes ele nem aparece. Pra pensarmos um pouquinho mais sobre isso eu trouxe a imagem de uma pintura de William Beetchey, ele foi um pintor inglês famoso entre 1753-1839.

Expus a imagem do quadro no data-show:



Psicóloga: Eu gostaria que olhassem para a imagem com calma. Depois, me contem o que vocês estão vendo!

Profª Iva: Eu estou vendo crianças e um cachorro, mas o que eles tão entregando não sei.

Profª Ana: As crianças estão com medo dele!

Educadora Beatriz: Só dois estão bem vestidos, né...

Profª Iva: Parece que no quadro uma criança não existe...

⁴⁴ Medicamentação diz respeito ao uso de medicamentos de forma abusiva.

Educadora Beatriz: É, é porque olha pra ele! Está excluído, e a sociedade faz isso mesmo. De primeira, eu tive até a sensação de que eram duas crianças, daí ainda bem que você deu um tempo bom pra gente ver e pensar. Já ia falar coisa errada!

Psicóloga: Interessante o que vocês falam, porque o nome dessa pintura é ‘Filhos do Senhor Francis Ford dando esmola a um mendigo’. E eu pensei em olharmos para essa imagem, pensando em como a nossa sociedade apaga algumas existências, como você disse Iva. Parece que uma criança não existe. No caso do quadro, uma criança de classe social mais baixa do que as outras duas, mas até no nome do quadro ele some. E é isso o que a medicalização da educação faz. Apaga modos de existir, exclui, como vocês disseram. Alguém gostaria de contar mais alguma percepção sobre a imagem? Alguém teve um olhar diferente do que as meninas compartilharam?

Diante da negação à pergunta, continuei...

Psicóloga: Eu trouxe mais uma imagem, para irmos ampliando nosso entendimento com relação à esse fenômeno da medicalização da educação.

E então, projetei a imagem abaixo, retirada do site da Funai.



As reações foram mais rápidas, comparando com a exposição da imagem da pintura.

Profª Laísa: São índios? Nossa... Muito triste. Está todo mundo triste, olha pra eles!

Profª Sueli: Estão parecendo robozinhos... Ah, credo!

Profª Queila: Ainda bem que hoje somos diferentes. Mas, assim, é bom sermos diferentes do que está aí (imagem dos índios), mas ainda não está bom. Assim, está bom e é bom que somos diferentes, mas ainda não está bom. Entende?

Profª Stéfane: Eu acho que é bom e ruim. É bom porque não temos mais aquela rigidez lá, né, é bom porque a gente deixa a criança pensar por si só. Mas, se torna um pouco ruim porque as crianças de hoje estão completamente sem limites. Elas não têm limites. Eles acham que tudo pode! Eles não entendem a questão muito assim, do 'não', sabe? Ali na imagem não, ali as crianças tinham que obedecer as regras. Hoje as crianças não... Assim, do meu ponto de vista, não obedecem mesmo. Ali tinha que obedecer mesmo.

Educadora Jade: Ali era só no olhar e pronto...

Profª Stéfane: Isso! Era só no olhar e eles já entendiam. Por isso que é bom, porque a educação mudou muito, mas é ruim pela questão do limite né, porque a criança acha que pode fazer tudo.

Profª Iva: Eu penso que nessa época aí, Camila, castrava-se muito a criatividade. Eu lembro da minha primeira série. Eu comecei a estudar com 10 anos, nós morávamos na zona rural. E aí, a professora desenhou uma rosa no quadro e pediu pra gente colorir. Eu colori do meu jeito! Mas ela me esculachou na frente dos coleguinhas, porque a rosa tinha que ser vermelha com o caule verde. Aí... Assim... Nesse modelo da imagem dos índios se aprisiona a criatividade, o imaginário da criança e toda aquela liberdade de se expressar. E eu acho que a medicalização da educação é isso aí! É ter que colorir a rosa de vermelho, quando na verdade pra mim ela é amarela. E por que não pode ser? Até na natureza a gente tem rosas amarelas. Mas não, na sala de aula ela tem que ser vermelha e ponto final. Uai, espera! Tem alguma coisa errada aí. Agora eu entendi melhor. Medicalização nem sempre é remédio, mas sempre é querer rosas apenas vermelhas no lugar de todas as outras cores.

Psicóloga: É isso mesmo Iva! Você encontrou uma ótima maneira de explicar, exemplificar a medicalização da educação. E é isso o que acontece mesmo, querer padronizar todos e aqueles que não se encaixam são, como você coloca, ‘esculachados’. E aí, que temos alunos excluídos, alguns com diagnósticos às vezes errados, e por aí vai...

Educadora Beatriz: Escolher. Acho que é isso que fica pra mim quando você fala. A criança tem que poder escolher aquilo que ela acha que pra ela é melhor, ou o que é ruim... Escolher de que cor vai pintar sua rosa.

Profª Iva: Então, concordo... Mas aí, cai naquele negócio de novo, e temos que tomar cuidado! Eu penso que a escola de hoje dá muita liberdade, e ah, isso é bom! Mas, a sociedade em si, colocou uma carga muito grande no profissional professor, no pensamento de que o professor tem que formar a moral. E a moral se forma é em casa. Os pais é que dão moral,

bons costumes e respeito. O professor só deixa a criança extravasar isso, extravasar o que ele aprendeu em casa, e abre novos horizontes também né? Mas, a questão do respeito pra mim é isso, tem que vir de casa.

Educadora Beatriz: Eu acho que nesse contexto aí dos índios, em seu ambiente e cultura, a educação pode acontecer de um jeito até melhor! Se não tivessem colocado eles desse jeito da foto. Desnecessário. Eles vão se formar cidadãos, do mesmo jeito, só que mantendo a cultura deles... Eu vi até uma foto numa revista esses dias de uma índia. E essa índia ela se formou, né, e ela se formou, engravidou, teve o bebê dela e quis expor como é viver lá. Ela tirou a foto sentada, com o bebê mamando e ela toda arrumadinha de índia e, na sociedade, ela se formou advogada.

Minhas reflexões: Neste momento muitas questões me atravessaram, e a forma como estavam falando sobre o povo indígena me incomodou um pouco, senti que as falas, às vezes, estavam carregadas de preconceitos, ideias erradas com relação ao modo de vida e também às potências do povo indígena. Mas, preferi não me colocar neste momento e deixar a discussão continuar.

Profª Gio: Mas, a própria criança de hoje já não aceita mais ser manipulada. Ela diz, assim, que é isso. Aqui mesmo na cidade, com minha filha aconteceu uma coisa. A professora estava pedindo pra cada aluno gravar um vídeo falando qual a cidade que eles queriam pro futuro, né. E minha menina pensou, e até escreveu o que queria falar. Chegou no dia de gravar o vídeo lá na escola, a professora ficou do outro lado falando pra ela o que é que ela tinha que falar. E ela não ficou satisfeita. Porque, era pra ela, e ela tava com expectativa de falar, e ela tinha preparado pra falar com a voz dela. E chegou me contando que ‘ela não deixou eu falar, ela falou o que ela quis e a cidade que ela quer não é a que eu quero!’. Ela falou desse jeito. Então, as crianças hoje em dia querem se soltar. E a gente, como esse

profissional, tem que respeitar e deixar eles usarem a imaginação deles, tem que criar esse ambiente, né.

Profª Divina: Então, eu concordo com isso. E ao contrário daquela foto, a gente tem que oferecer uma vivência completamente diferente do que eles estão acostumados. E naquela foto violenta, eles estão introduzindo até uma nova forma de governo, então é uma coisa que não tem nada a ver com a forma deles de viver, uai, é errado. Pra eles não devia fazer sentido nenhum ir pra aquela escola, e muito menos sentido ainda, as coisas que aprendiam... Sei lá.

Psicóloga: E o quanto é importante que as coisas na escola façam sentido, não é mesmo? Que a gente fuja de apenas colocá-los pra reproduzir todos do mesmo jeito a rosa da mesma cor.

Educadora Jade: Ah, ela queria estar só brincando.

Profª Laísa: A educação parece que está só robotizando né?

Profª Iva: Aí, estão presos, muito castrados, limitados de tantas formas que dá até vergonha de saber que isso aconteceu... Eu acredito que lá fora se aprende também. E você vê, tem muitos adultos que não são alfabetizados, mas são letrados. Por quê? Porque sabe fazer conta, vê o ônibus vindo e já sabe ver que é aquele que vai pegar. Sabe dar troco, sabe? Assim, são letrados. Então, lá fora dá pra aprender, existem outras formas. Eu penso que, se elas tirassem esses meninos daí, da sala fechada, só aprendendo assim de forma robótica, só reproduzindo e obedecendo... Podiam ir lá pra fora. Olha lá, tem um pé de alguma coisa, frutos, pode até ensinar matemática lá fora! Daí, já dá pra saber que não queriam ensinar de verdade, mas queriam ensinar aquilo que convinha na época e do jeito que convinha também.

Psicóloga: Sim! A aprendizagem é possível em diversos espaços, e o quanto é importante falarmos sobre isso! Porque assim, a gente já percebe que é possível ensinar e aprender em lugares diferentes, de jeitos diferentes e que não limitem nem os estudantes, nem os professores!

Após essa conversa, expus alguns gráficos que denunciavam o aumento da prescrição e venda de medicamentos como Ritalina e Concerta para crianças.

Profª Queila: Então o problema é a escola? Assim, quando uma criança está sofrendo assim desse jeito e é encaminhada pra um médico ou psicólogo, o que é feito? Assim, a partir de qual visão é analisada o comportamento dela? Quando ela só está dando problema na escola, e a questão é comportamental.

Psicóloga: É difícil dizer o que é feito quando ela é encaminhada, Queila, porque depende de cada profissional. Tem profissionais que vão ter uma abordagem como essa que os gráficos nos mostram, buscando medicamentos para solucionar algumas questões, alguns aplicam muitos testes que medem a inteligência, a capacidade de resposta para algumas coisas, e por aí vai... E também teremos profissionais que vão buscar compreender a situação de uma forma mais ampla, por exemplo, existem psicólogos que acompanham a criança na escola com visitas, fazem visitas domiciliares também... Pra tentar entender a rotina e todos os contextos onde a criança vive. Então, assim, o que é feito? Depende de cada profissional e abordagem que ele vai usar, mas essas são algumas possibilidades. Quando a questão é comportamental, acredito que o melhor caminho seria esse de conhecer os contextos que essa criança vive, se esses comportamentos existem apenas dentro da escola ou se em casa também acontecem... É necessária uma investigação que vai contar com todos: escola, família e a criança.

Profª Iva: Nesses gráficos, ao longo dos meses e anos foi aumentando o consumo. Assim, não poderia ser porque a sociedade mudou o comportamento? Sabe por que? Antigamente, pode perguntar pra todas nós aqui, nós brincávamos livremente na rua. Nós tínhamos tempo, e podíamos. Hoje não. Hoje a própria criança não tem tempo! O pai e a mãe saem pra trabalhar, então o menino fica em casa no computador, no celular. Deixa a criança sobrecarregada de ócio, vou falar assim. Ou que seria por isso. Se engaiolou a sociedade. E as

crianças, muitas encaram a escola com expectativas de que ‘ah lá eu posso fazer o que eu quiser, papai e mamãe não estão vendo, e aí, eu não conheço a pessoa que está lá, então ela não me manda’. E aí há um equívoco dos profissionais da saúde em medicar as crianças. E, de repente, é só um jeito dela de extravasar aquilo que tem sido impedido, que está retido.

Psicóloga: Com certeza a mudança no comportamento, na forma de viver de toda a nossa sociedade tem impacto nesse aumento, Iva! O que você conta, de pais muito ocupados, crianças muito ocupadas e que tentam ‘extravasar’ na escola de fato existe, acontece. Mas, não é a única situação possível. Entende?

Profª Iva: É... Ah é verdade, acho que pensei numa única justificativa e não é por causa de uma coisa só.

Educadora Beatriz: Tem pai e mãe que nem fica com a criança. Aí ela vem, chega aqui na escola, e a gente pergunta ‘e aí foi pra casa? Viu seus pais, brincou?’, e a criança fala que não viu a mãe. Fala que ela saiu quando ele estava dormindo, e chegou ele já estava dormindo. Então, assim... a criança fica jogada.

Profª Iva: Então! A criança recebe tanta carga de estímulos... Igual, a mídia estimula de uma certa forma errada, se a gente não fica policiando os filhos. Hoje, ao chegar em casa, duas mocinhas de mais ou menos 12 anos, andando na rua, com shortinho, aqueles calcinha jeans. O som ligado num funk, fazendo apologia ao sexo, deixando a imagem da mulher totalmente rebaixada. E elas nem param pra pensar que tão denegrindo a própria imagem, tão falando delas mesmas. E elas acham bonito. Por causa das influências. Porque hoje as coisas tão assim: dá-se uma liberdade, mas ao mesmo tempo se aprisiona e impõe como que se deve agir. E elas acham natural. Está naturalizado já, é uma alienação.

Profª Divina: Eu me sinto constrangida por elas. Um dia fui ajudar uma criança a vestir a roupa aqui na escola e a menina falou que queria colocar a roupa de piriguete porque a mãe dela disse que eram as roupas dela.

Profª Iva: E eu penso que se banalizou tanto isso... Antigamente tinha pedofilia, estupro, mas era tudo muito velado. Hoje está escancarado e não tem nem lei pra proteger essas crianças.

Profª Stéfane: Eu vi um policial falando, e achei interessante ele falando sobre a questão da pedofilia. Era uma reportagem, e o repórter perguntou pra ele, né, ‘Você como policial, dentro de uma sociedade, por que você acha que existe tanto estupro e pedofilia?’, e ele pegou e falou assim, que as mulheres de hoje dão lugar pra isso acontecer. Elas não andam moralmente da forma como uma mulher deveria andar. Porque se uma mocinha põe um short cutinho, mostrando a beirada da bunda que é horrível, a barriga de fora... Então, ela está, infelizmente, se oferecendo pra um pedófilo né! São meninas de 10, 11, 12 anos desse jeito. Ela está se oferecendo. E achei interessante. Porque ele falou que se as mulheres fossem como antigamente, elas não passariam por isso. Aí, às vezes, a gente julga a sociedade, mas vai de cada um, né. Quantas pessoas se rebaixam moralmente e aí essas coisas acontecem. O próprio ser humano faz isso com ele, as próprias mulheres.

Psicóloga: Entendi... Mas, será que podemos colocar toda a responsabilidade desses acontecimentos que são tão antigos, sobre nossas costas? Sobre nós, mulheres? Eu entendo o que você diz! Mas, acho muito importante pensarmos na nossa sociedade e em como os meninos são criados, por exemplo. Como a criação que eles recebem é diferente da que as meninas recebem. Não é verdade, gente? As meninas sempre estimuladas a ficarem mais quietas, reservadas, se dedicando a brincadeiras ligadas a tarefas domésticas... Enquanto os meninos são estimulados a serem mesmo conquistadores, serem objetivos e sempre firmes, sem chorar, sempre donos da razão, falam alto. Concordo que algumas roupas, por exemplo, deixam o corpo da mulher bem exposto. Mas, acho que esse assunto exige um pensamento mais profundo sobre a nossa sociedade, muitas coisas passam por aí. Sabe?

Profª Stéfane: É... faz sentido!

Profª Iva: E entrando no seu assunto, da medicalização, deu-se liberdade e agora não dá conta de se segurar o que se deu. E aí medicaliza! Porque precisa do aluno quietinho, do aluno que faz do jeito que manda.

Psicóloga: Falando nisso, Iva, eu trouxe um vídeo muito bom sobre esse assunto! É de uma professora da Universidade Federal da Bahia, chamada Lygia Viegas e ela tem estudado muito esse tema. Vamos assistir?

Vídeo: Medicalização da infância⁴⁵

Educadora Jade: É pra travar a criança. Travou ela.

Profª Iva: Como que aprende assim? Dá-se o remédio pra que fique quieto, pra que aprenda. Mas, ela vai estar tão grogue, que como vai ser?

Educadora Beatriz: E o mal que ele pode causar! Porque ele comparado a que? À cocaína!

Profª Gio: Mas, quem que libera isso gente?

Profª Danúbia: Ah, as farmácias! Isso é uma indústria que lucra demais com doenças que nem existem.

Psicóloga: É isso mesmo... E olha só, uma pintura que nos ajuda a refletir sobre isso tudo!

Então, projetei o quadro Os operários (1933), de Tarsila do Amaral.

⁴⁵ O vídeo “Medicalização da infância” pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=3mFfs-oiirw>



Educadora Jade: Ah, eu via muito esse quadro na escola. Que delícia ver aqui, nossa...

Educadora Beatriz: Você vê uma certa igualdade entre eles, mas ali tem alguma coisa errada. Eles formam uma escadinha né, então já não é tão igual assim. Quem tá ali embaixo torna possível que aqueles pouquinhos fiquem lá em cima né. E no quadro parece que está todo mundo ok, sabe? Ninguém parece feliz, mas ao mesmo tempo, ninguém parece estar incomodado também, estão todos é acomodados.

Psicóloga: Tudo o que você disse faz muito sentido pra mim também, Beatriz! E falando em estar acomodado, eu trouxe um teste para fazermos juntas para pensarmos mais ainda sobre esse assunto! É o teste TDAH para adultos, vou projetar as perguntas e ler todas. Vocês podem anotar as respostas, ou apenas ir gravando aí na mente de vocês para depois compartilharmos um pouco.

Todas responderam e ficaram espantadas com a forma como é realizado. Além disso, todas teríamos sido diagnosticadas com TDAH. E isso gerou muito incômodo, muitos risos nervosos e indignação. Digo isso pelas expressões faciais e algumas falas. No áudio, fica praticamente impossível entender por um momento, pois ao final do teste todas falaram ao

mesmo tempo, muito bravas com o que tinham descoberto. E mesmo sendo impossível captar por áudio, eu deixei que esse momento existisse por alguns minutos para que elas pudessem ir elaborando o que viveram e o que têm visto acontecer na educação.

Psicóloga: Para falarmos sobre isso, trouxe uma música que fala bem e de um jeito bem peculiar sobre isso!

Música: Felicidade⁴⁶, Zélia Duncan.

Profª Iva: Se for assim, todo mundo é uai...

Profª Queila: Mas, esses transtornos (pronunciou a palavra fazendo sinal de aspas com as mãos) aí é claramente excesso de coisas, excesso de tudo. Falando aqui, deixando de falar das crianças um pouco, né. Falando de nós, aqui todo mundo, todo dia, é casa, é filho, é trabalho. Não tem um dia que a gente pode falar ‘hoje, esse dia é nosso, vamos sair!’. Não dá!

Profª Iva: E com relação a tudo que ela falou. Pode ser excesso mesmo, tanto pra gente quanto pras crianças. Mas, também pode ser falta. Falta de atenção, falta de alguém...

Profª Queila: Então! Com as crianças também pode ser um excesso. Porque menino acorda cedo, já tem que vir pra escola, fica aqui o dia inteiro. Aí chega em casa, os pais jogam um eletrônico em cima da criança... Quem não enlouquece?

Profª Iva: E quando eles chegam aqui, a gente bombardeia eles com atividades... E tem horas que é muito ruim, porque tenho que interromper. E eles falam “ah não tia, mas aqui está tão bom...”

Profª Queila: É mesmo! Mas se você não fizer eles terminarem a atividade correndo, atrasa a próxima aula, e aí atrasa o almoço pra todo mundo. Então fica essa pressão psicológica em cima de nós, e nós jogamos em cima deles. E aí vai... quem não enlouquece?

Profª Divina: Acho que é isso, né. É uma coisa louca da nossa sociedade, que você não pode ficar cansado, não pode parar nunca sabe? A gente tem que sempre estar fazendo

⁴⁶ O vídeo da música “Felicidade”, interpretada por Zélia Duncan, pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=TU3_7Y4hhDs

alguma coisa, se não, tem alguma coisa de errado. A gente não tem tempo nem de olhar pro outro direito. Igual você tava falando no primeiro encontro, da questão do olhar lá. A gente não tem nem tempo pra prestar atenção em como tem feito isso. Às vezes a gente olha com olhar de medicalizar porque é mais prático, mais fácil e às vezes dói menos na gente. Mas, acho que já passou da hora de começar a prestar atenção nisso. Sei lá, parece que a gente olha pra onde mandam olhar e vê do jeito que mandam ver. Mas ninguém tá aqui todo dia o dia inteiro. É a gente que tá aqui. Então, temos que ver isso....

Profª Iva: É fácil falar que o outro não serve, né!

Psicóloga: Uau quanta coisa! E sim, pode ser o excesso em alguns casos, em outros pode ser a falta. Mas, estamos vendo que independente da razão que tem levado a medicalização a crescer e fazer parte de nossas vidas... Bom, estamos que independente disso, existem outros caminhos possíveis que não o medicalizar. Existem questões na escola que realmente precisamos trabalhar, com os estudantes, entre os educadores, mas que é possível fazer isso fugindo dessa lógica medicalizante, concordam? Fico muito satisfeita em ouvir tantas contribuições importantes que vocês fazem. Acredito que até o fim destes encontros, conseguiremos pensar em muitos outros caminhos. Caminhos onde será possível cada um pintar sua rosa da cor que desejar! E que possamos fazer isso juntas, como tem sido.

3º Encontro Reflexivo

Tema: *O trabalho do psicólogo aliado ao professor*

Neste encontro o objetivo maior era ouvir sobre as expectativas do fazer do psicólogo na escola. Como enxergam e o que pensam sobre o psicólogo na escola? Como se sentem com a presença de um psicólogo por lá? Como a psicologia pode contribuir, segundo as educadoras, para que a educação seja um espaço de intervenções que possibilitam o desenvolvimento das potencialidades, a quebra de rótulos e estigmas.

Psicóloga: Hoje vamos pensar um pouco sobre como tem sido nosso trabalho, como equipe. Para isso, trouxe uma dinâmica que pode nos ajudar! Tenho aqui um rolo de barbante, e a primeira pessoa dirá algo que acredita ser importante no dia a dia de trabalho. Uma palavra! E passa o barbante para outra. E assim vamos. Não precisa ser em ordem, é aleatoriamente mesmo.

Iva: Comunicação! Quem não se comunica se estrupica. **Alyssa:** Respeito

Fabília: Julgar. Tipo assim, bati o olho e aí já acho alguma coisa. Eu to julgando ela por algo que não conheço. Acho que isso é muito negativo, olhar pra aquela pessoa e já definir ela.

Zilda: Companheirismo

Alyssa: Eu acho que mais gente tinha que estar aqui nessa roda. Todo mundo da escola.

Neste momento, após o comentário de Alyssa, todas começaram a rir.

Alyssa: Não, gente! A escola é a escola, não é só nós. E outras pessoas aqui, teriam outras palavras.

Cida: Vai adiantar quase nada só nós aqui.

Alyssa: Mas, se a gente se unir...

Stéfane: A união faz a força

Gio: União

Moena: Companheirismo... Olha acho que todas as palavras daqui tinham que formar uma frase. Porque eu acho que é o que tá faltando. Companheirismo, amizade, estar umas com as outras. Interação, uma ajudar a outra... Essa parte.

Isabela: Compreensão, né...

Paula: Fidelidade

Queila: Já falaram, mas vou falar de novo. Do meu ponto de vista, é o companheirismo. Falta

muito companheirismo aqui dentro, em muitas coisas. No momento dos eventos, não sobrecarregar só pra uma. No dia a dia, as educadoras com as professoras, e vice e versa.

Luci: Eu gosto dessa frase, e eu sempre falo: A união faz a força. Né? Sem união, não adianta, não tem força.

Stéfane: Olha eu acho assim, que tudo o que foi dito é importante. A gente precisa de mais companheirismo umas com as outras, mais no nível da amizade, mesmo. Porque aqui a gente acaba se tornando uma família! A gente fica mais aqui do que na nossa própria casa né, então...

Cleia: O amor ao próximo, tanto no olhar, no falar, e no pensar também. Não só amor com as crianças, mas umas com as outras.

Fabiana: Respeito. Essa é a palavra de ordem. Respeitar o outro é a melhor coisa que a gente pode fazer na vida.

Cleusa: Acho que é o diálogo, né, porque as vezes a gente fala alguma coisa e magoa alguém. Então, assim, ser sincera. Mais diálogo.

Exatamente neste ponto, o barbante que utilizávamos acabou! Não interferi, e elas foram se ajustando, dando corda e se aproximando para que a dinâmica pudesse continuar, de modo que ninguém ficasse sem receber uma parte, ou mesmo sem a oportunidade de falar.

Tamires: Vou falar que é o diálogo também. Porque as vezes você fala alguma coisa, não gostam, e aí as coisas ficam mal resolvidas, e tudo por causa de falta de diálogo.

Claudia: Paz!

Laísa: Tem que chamar os pais pra cá

Selina: Compartilhar. Compartilhamento. Às vezes o compartilhamento muda, e ajuda, dá ideias.

Beatriz: A união. E dentro da união, dividir e somar. Porque às vezes você tem algo que alguém precisa, ou algo que você tem e já sabe... E aí, às vezes você não divide isso e não

soma com ninguém. Independente de se você é uma educadora, e a outra é professora. Eu faço isso! Às vezes vejo que está errado, ou tenho alguma ideia que deu certo na minha sala, e eu vou lá e falo, e mostro. E é muito bom você ver a pessoa aceitar e ver que eu ajudei de uma forma ou de outra. Então, união pra mim tem que ter isso, tem que dividir e somar.

Resultado final da dinâmica do barbante



Psicóloga: O que faz parecer?

Stéfane: Uma teia

Iva: Uma rede

Psicóloga: Isso simboliza a rede de relacionamentos de vocês, aqui da escola. Se eu pedir pra alguém soltar um fio, mesmo que seja uma única pessoa, ela não prejudica apenas a si mesma. O trabalho, não só de vocês, mas de todos, não acontece e morre ali. Tudo afeta a todos. É como uma pedrinha quando jogada na água! Quando a jogamos, ela vai gerando ondas e vai atingindo outros lugares. Assim é a nossa ação. O trabalho de todos na escola passa por esses fios. O que fazemos aqui não afeta apenas o meu trabalho, a minha sala, afeta o de todo mundo. E uma rede, serve pra que? Vamos pensar numa rede de pesca. É para barrar e segurar algo, não é? E se for falhando uma a uma, vai começar a passar um monte de coisas que não gostaríamos que passasse, e que pode atrapalhar. Mas, ao mesmo tempo, não depende apenas dela dar conta de segurar sozinha. Se ela não conseguiu, foi por quê? O que será que estava acontecendo para que ela não desse conta no momento? Tanto na vida pessoal quanto aqui no trabalho. Tudo isso está entrelaçado! Mas, agora eu gostaria de ouvir vocês sobre isso! Como é o dia a dia na escola? Como vocês se sentem aqui?

Educadora Laísa: Lá na sala eu me sinto muito bem.

Profª Queila: Obrigada, coleguinha!

Queila e Laísa trabalham juntas com a mesma turma.

Psicóloga: Talvez não só aqui dentro. Pode ser até em casa, quando você teve que pensar em alguma atividade... Como é? Como é ser professor, ser educador?

Profª Queila: Assim, ser professor, ser educador, não é fácil. Mas, nós não podemos ficar em cima dessa tecla do difícil. Nós temos várias formas de fazer com que seja melhor. E é igual a gente falou aqui, muitas vezes não depende só de mim, por exemplo, pra fazer com que minha sala fique boa. Depende da minha companheira, também, e graças a Deus nós duas nos damos muito bem! E eu acho que você não tem nada de ruim pra falar de mim, e eu não tenho nada de ruim pra falar de você (disse olhando e abraçando a Laísa, que estava sentada ao seu lado), você é um amor de pessoa!

Todas começaram a rir muito, após essa fala. E então, ela prosseguiu.

Profª Queila: Mas, não é só a nossa sala, porque vaza! Eu não tenho que ser companheira só da Laísa, eu tenho que ser companheira da Grazi, da Fabiana, da Cleusa, de todas! Porque, da mesma forma que pra mim é difícil, é difícil pra todo mundo, como educadora, como professora. E assim, se cada um fizer aquilo que é proposto aqui... Ou pelo menos tentar, porque não estou falando que vai dar certo, não. Mas, pelo menos tentar. Na tentativa, pra que melhora. Ah mas o ano está acabando! Está acabando, mas ainda não acabou. Tem tantas aflições ainda! Tem tanta coisa! Tem tanta sala que passa por conflito... Por que não tentar colocar em prática o que é proposto aqui? Pra tentar melhorar, não só pra uma, mas para todas. Para o grupo! Porque a gente aqui está visando não é a individualidade, é o grupo. Então, é colocar em prática o que está sendo colocado aqui. Eu penso dessa forma. Porque pra mim, assim, graças a Deus. a minha sala está indo ótima, mas tem sala que não está. Então, tem que colocar em prática o que tem ouvido aqui, pra poder tentar melhorar né.

Educadora Beatriz: Eu ia abrir a boca pra falar, e ela falou exatamente tudo o que eu queria dizer. Porque, assim, não é só na sala que tem que ter trabalho em união, né. E aqui na escola, não vejo todas, mas vejo a maioria tentando ajudar, e isso é muito bom. Então, trabalhar em equipe, não só com a equipe que está dentro da sala, mas com todas mesmo.

Psicóloga: E como é ser professor, nos dias de hoje?

Profª Iva: Desafiador! Mas não deixa de ser gratificante quando você alcança o objetivo proposto. Eu até arrepio. É bonito né, é bonito.

Educadora Beatriz: Assim, eu acho que todas somos educadoras e professoras, porque às vezes fico vendo as atividades feitas e são quase as mesmas, muito parecidas. E é muito gostoso, porque você vendo conhecendo cada criança, o jeito delas, as que ficam ansiosas... E aí, quando alguma coisa dá certo, você até se alegra, se diverte. Eu ontem fiquei no parque com as crianças, e eles estavam brincando de fazer churrasco. E ao invés de eu

fazer eles interagirem comigo, eu interagi com eles. Eles estavam comendo pimentas... fingiram que depois iam entrar e nadar na piscina, e eu falei assim pra eles pra gente ver quem conseguia ficar mais tempo embaixo da água e a gente mergulhava... Às vezes, a gente faz isso, e se diverte com eles. E depois você até fica lembrando disso depois...

Educadora Laísa: Olhando pra essa linha é engraçado, porque você fala da questão de ela ser uma rede. Mas, eu enxergo diferente, porque quando a Fernanda jogou pra Aline, se tornou um caminho. Um caminho onde não tinha obstáculos, não tinham dificuldades, porque digamos que elas estavam caminhando juntas no mesmo objetivo, no mesmo pensamento, buscando ajudar uma à outra, sem tentar derrubar alguém no caminho pra poder ser mais visto, ou algo do tipo. Mas, a partir do momento que cada palavra foi sendo dita, de coisas que precisam acontecer, mas muitas vezes não acontecem, foi se tornando um caminho não tão fácil de caminhar. Mas, muito difícil onde se torna isso aí, um emaranhado de confusão, de cada um fica perdido, fica com discórdia de um de outro porque às vezes falta a comunicação. Fica sobrecarregado porque às vezes falta companheirismo, e se torna isso. E seria tão mais fácil desfazer isso, e tentar fazer ficar mais fácil pra todo mundo. Porque se a gente for tentar é... desenrolar isso aí, não falo em questão dos fios, mas falo em questão daqui mesmo... da confusão e do caos que se torna entre as pessoas. Mas, se a gente entender que não é pra um ser melhor do que o outro. Mas se cada desempenhar a sua função, compartilhando as ideias com a pessoa que está na sala, e também com as outras pessoas... Se você descobriu alguma coisa que é benéfica pra sua turma, por que não compartilhar com outras também? Isso seria bem mais fácil. Agora, o mau do ser humano é não ter um domínio próprio. É querer as coisas pra si, e simplesmente ignorar quem está ali, as outras pessoas. É querer venha o bem a mim e foda-se o resto, desculpa a palavra. Mas é exatamente isso.

Psicóloga: É importante lembrar que é uma equipe, independente de ser da mesma sala, estamos falando de uma escola. E uma escola funciona como vimos mais cedo na

dinâmica, com trabalhos, ações, falas entrelaçadas! E pensando no trabalho entrelaçado, com relação à prática do psicólogo dentro da escola, o que vocês pensam a respeito?

Educadora Beatriz: É muito importante! Essas coisas que a gente faz e fala aqui são muito importantes, porque depois a gente sai daqui e começa a pensar, a refletir um pouco sobre o dia a dia, o jeito de você fazer as coisas e trabalhar com as crianças e seus colegas. É tipo você chega pra criança, você fala que não vai entregar o livro porque ainda não é o momento de entregar, e ele fica muito querendo pegar. Mas, quando você tem um diálogo sobre união, sobre compartilhar, sobre companheirismo, né, conversar com os colegas. Quando você fica batendo na mesma tecla, você começa a pensar, espera aí, eu poderia ajudar a fulana nessa situação assim, assim e assim. Você vai pensando, vai surgindo ideias. Então, ter o psicólogo aqui é muito importante, e eu gostaria que fosse mais ainda, sabe? Assim, que a gente pudesse conversar com o psicólogo pessoalmente, não só as crianças. Eu sei que tem gente que não vai querer, mas, né... Conversar. Falar, poder perguntar, então é muito bom. Apesar de que, o meu psicólogo mesmo, é o Senhor [se referindo ao Deus do cristianismo, religião que segue]. Então eu dobro o joelho e vou orar, pedir informação a Deus, pedir que me ajude, que me dê sabedoria. Porque às vezes a gente passa na frente de Deus.

Profª Iva: A meu ver, Camila, você como profissional da área de psicologia, pro seu trabalho ser mais enriquecedor, pra você agregar mais conteúdo nos seus conhecimentos, seria bom você estar na prática ali. No meio da muvuca. Não é aqui. Aqui não tem estresse, não tem menino, não tem nada. Sentar e só observar. Você falou do olhar. Aí eu vou, te passo um menino muito difícil, teimoso. Aí, você tem um particular ali só com ele, separado, e depois diz “ah esse menino não tem nada”, aí fica parecendo assim que é só na cabeça da professora. Tipo assim, de relacionamento de adulto com adulto “ah, não, isso não está acontecendo”. Então, seria interessante isso, tirar um dia pra ficar ali na prática, sentar dentro da sala de aula e não falar nada, só observar, sabe? Ali é onde acontece muita coisa.

Educadora Beatriz: Você poderia até continuar e fazer outra pesquisa: “O dia a dia do educador e suas crianças”.

Profª Iva: Porque tem mãe que fala assim “desconheço esse filho que você está me apresentando, lá em casa ele não faz nada”. Lógico! Não tem ninguém lá, não tem um professor que tolhe... põe limite, que fala não.

Profª Stéfane: Resumindo, em casa tem uma vara!

Profª Iva: Não, de repente não tem isso. Só passa a mão na cabeça, porque é muito difícil ‘vou dar esse brinquedo porque me dá paz’.

Profª Fabiana: Mas é igual os meus filhos, passa a maior parte do tempo na escola, uai. Depois chega em casa, toma banho, come e dorme. Está tudo cansado do dia, que trabalho eles estão me dando? O dia deles é todo na escola! Eu já escutei “meu filho não tem esse comportamento”. Não tem mesmo, não convive como nós.

Profª Queila: É igual as mordidas! É filho único. Aqui morde todo mundo. “Uai, mas lá em casa ele não morde”. Vai morder quem?

Neste momento todas começam a falar ao mesmo tempo, concordando com as indignações apresentadas sobre as famílias. Concordam que o psicólogo precisa estar dentro de sala de aula para que possa ver a “muvuca”, como nomearam.

Profª Fabiana: E também, as mães olham pros filhos e não vêem defeito. E não adianta, eles vão continuar sendo. E eu já vi muito, o ruim da escola são os professores e os educadores na visão das mães e dos pais. Só a gente que não faz a nossa parte. “Ah mas o que o professor estava fazendo? Estava sentado pra quê? Estava lá o dia inteiro e não olha o menino?” Eles não sabem o trabalho que dá, não têm noção, nunca ficaram no nosso lugar.

Profª Iva: Eu vou falar de mim, porque a primeira vez que o menino fez isso pra mim eu fui pra casa ferida demais. Dou aula pros de cinco anos. A primeira vez que um menino fez isso pra mim, nossa...

Profª Tamires: E os que batem no rosto então?

Psicóloga: E claro, se sentir mal numa situação como essa é o que aconteceria com a maioria de nós. Afinal de contas, é realmente um desrespeito muito grande. E como se dá a relação com a família num momento em que essas coisas acontecem?

Profª Iva: Aí, a mãe fala que ele faz, mas não sabe o que é. Claro que sabe, ele sabe que é errado e nocivo. Ainda estou aprendendo a lidar...

Educadora Jade: A gente fica decepcionada, né? Dá uma dor!

Profª Iva: Então, é a questão mesmo do seu olhar, sabe... Acredito que o olhar do psicólogo pode nos orientar a como lidar com tudo isso. No meio dos fios aí, dessas relações que às vezes dá um monte de nós e às vezes a vontade é pegar uma tesoura e cortar de vez.

Psicóloga: Sim! Com certeza, o psicólogo pode contribuir com essas relações, pode favorecer na comunicação também. E assim, pra vocês, como seria esse apoio? A Iva fala de aconselhar, de como lidar com essas situações. Mas, para além disso, o que vocês acreditam que o psicólogo pode fazer dentro de uma escola?

Profª Iva: Eu penso que com relação à família falta muito. Porque vamos pensar assim, eu casei. Sou mulher, e aí tenho uma criança. Mas assim, só tem. Não tem preparo nenhum. Então, precisaria do que? De um estudo. Você trazer matérias, informações, como lidar com o filho, agregar valores. Porque a gente vê, assim, que tem uns que não tem valor nenhum.

Psicóloga: Valores seria o que?

Profª Iva: É respeito, é... O compartilhar, o respeitar, respeitar o mais velho. Que você não é um reizinho, que o mundo não está aos seus pés. Que você tem que aprender a ser frustrado. Porque igual, tem menino aqui que: ah, ele pode tudo! Quer dois carrinhos, entrega dois carrinhos. Quer um pão inteiro? Dá um pão inteiro! Mas, os duzentos e tantos comem um pedaço de pão, por que só ele vai comer um inteiro? Então quer dizer, eu estou ensinando ele

o que? Que lá fora você não pode ser frustrado. Se alguém te frustrar, mata ele viu? É isso que está acontecendo. Então, eu acho importante esse como lidar, porque às vezes é uma criança só e ele desestrutura toda uma sala.

Profª Queila: E, assim, do meu ponto de vista, os valores estão invertidos. Porque é igual, assim, a gente vê muito, eu já vi muito na internet. Lugar aqui, da escola é lugar de aprender português, matemática, inglês, agora não. Eles querem que a gente ensina o menino a mastigar de boca fechada, quer que ensina o menino a sentar direito... Quer que eu seja a mãe do menino! E eu não sou a mãe do menino, eu não posso bater no menino, não posso educar o menino!

Todas deram muitas risadas nesse momento, a professora esperou um pouco, e então, continuou.

Profª Queila: Eu não sou a mãe do menino, eu sou a professora do menino! Eu não sou a mãe do menino, gente! Por que eu tenho que ensinar coisas que ele tem que aprender na casa dele? Eu tenho que ensinar é os meus filhos, que eles tem que comer de boca fechada, a respeitar os mais velhos, os professores. Daí, a gente ouve “ah, eles batem na gente, mesmo, a gente está aqui pra apanhar”, lógico que não, quem está aqui pra apanhar? Lógico que não! [Aqui, mais uma vez, é um momento de muito riso entre elas.] Aí, hora que o menino cresce, na hora que ele está na adolescência, ele espanca o professor e aí você reclama disso? Gente, a criança tem que aprender valores em casa. Em casa ele aprende a ser educado, a comer de boca fechada, a respeitar os colegas, a viver em sociedade. Aqui, ele aprende português, matemática, ciências, outras coisas... Agora, os papéis estão totalmente invertidos, como é que faz? Como que o professor vai lidar com essa situação? Então, acho que os pais tem que... a instituição escolar tem que...

Profª Iva: Mudar o pensamento. Tem que chamar e expor que nós não somos as empregadas domésticas dos pais, não somos babás.

Profª Queila: A escola tinha que ter um jeito... Tem que inverter... A escola tem que mostrar pros pais qual o real papel dela, e não nós. Gente, nós não temos que educar os filhos dos outros, nós temos que... Nós não temos que criar filhos, temos que educar um aluno.

Profª Iva: Porque eu falo essas coisas, porque igual, eu fico preocupada, por exemplo, a questão do limpar uma criança. Eu fico preocupada quando tenho que limpar uma criança, porque... Eu não sei com quem que ela convive lá na casa dela. Nessa onda de pedofilia, vai cair sobre quem? Sobre a escola! Sabe? Todo um assunto, dá todo um eco, onde nem deveria, onde menos se espera.

Profª Alyssa: Quando acontece alguma coisa, a gente vai tratando assim, agenda, né, aqui na escola e aí vem alguém e trata a criança, às vezes a mãe. Vem, conversa... E o professor e educador? E o momento de tratar o professor e o educador? Porque tem gente aqui, tem professor aqui que não está dando mais conta não, pra dizer a verdade!

Profª Queila: Ta tudo invertido!

Educadora Moena: Igual nesse emaranhado, aí, a família não sabe e nem está vendo o que acontece com a criança, e a professora é sempre a responsabilizada.

Educadora Laísa: Eu acho que...

Profª Alyssa: A gente pode ser a melhor profissional, a gente pode tentar dar conta dessas famílias... Ah! [A professora faz essa fala em tom de cansaço.] Eu falo pra você que vai ficar é pior, porque na educação infantil tão fazendo exatamente isso: jogando o cuidar, pra gente. A responsabilidade todinha. E as pessoas que estão na nossa frente, é... não estão sabendo lidar com isso.

Profª Fabiana [num sussurro que a gravação não conseguiu capturar, mas lembro-me claramente e anotei no Diário de Bordo]: Os gestores!

Profª Alyssa: E aí, só passam as ordens né?

Psicóloga: Ordens de quem?

Profª Iva: Dos gestores!

Profª Alyssa: É! Por exemplo, a criança entra aqui com o nariz sujo. “ah mas você não pode entregar com o nariz sujo. Despenteada!” Chegam aqui com o cabelo todo despenteado.

Profª Iva: Tem mãe que dá pra ver que fica a semana inteira sem pentear o cabelo.

Profª Alyssa: Final da aula...

Profª Iva: Se a gente fizer o teste, do mesmo jeito, se deixar, que a gente manda a criança pra casa, ela volta!

Após a fala de Iva, houve muita risada e pude notar que algumas demonstravam nervosismo com a situação.

Profª Fabiana: É... vai e volta vai e volta vai e volta...

Educadora Beatriz: Tem menino que chega de pijama, gente!

Profª Queila: Aí, o que acontece? O mesmo choque que a gente leva, elas tinham que levar também! Se o menino veio descabelado, volta descabelado, uai, pra ela ver e sentir aquele choque de vir falar: “uai, mas o menino está todo despenteado!” e eu poder falar: “claro, você não penteou o cabelo dele!”.

Profª Zilda: Isso aí, tudo é responsabilidade dos pais, a gente não tinha nem que precisar falar, não.

Profª Stéfane: É, a gente pode receber a criança de cocô, de catarro, despenteada, mas não pode devolver assim. Então, realmente está tendo falta de informação, no mínimo.

Profª Iva: Aí, o que os pais fazem, por conta dos administradores da escola, pra quem a culpa é sempre nossa: “ah, não é mesmo, os professores é que não fazem, nós temos total razão”. A leitura que eu faço, é essa: hoje, os administradores tem que, é lógico que não é sempre, mas é bom elogiar! Poxa, você desenvolveu um trabalho bom na sua sala.

Educadora Laísa: Já ganhei elogio, só uma vez, e senti que foi debochado.

Educadora Moena: Ela vai embora daqui doidinha hoje!

Neste momento todas riram, e eu também. Esse comentário de Moena foi sobre mim, pois nesse momento todas falaram ao mesmo tempo, e apesar de ser ruim para a gravação, deixei que falassem por alguns minutos assim. Senti que foi um movimento necessário, como se elas estivessem esperando por esse momento há tempos, como quando temos algo entalado para dizer.

Profª Fabiana [fez sinal de que queria falar, e esperou que todas se acalmassem.]: É, seria ótimo ouvir que foi bom o que fiz naquele dia. Acho que a palavra é valorização.

Elas passaram o encontro todo procurando por palavras que nomeassem os sentimentos, o que queriam dizer com algo... Acredito que a dinâmica inicial propiciou essa “caçada” pelas palavras, e foi um esforço comum a todas.

Todas concordaram com a última fala, de Fabiana.

Psicóloga: Então, só para esclarecer e buscar compreender mais o que vocês estão dizendo: Se eu afirmasse que vocês não se sentem valorizadas, tanto pelos gestores, como pelos pais, eu estaria correta?

Todas, em uníssono: Isso. Sim.

As que não falaram consentiram que sim com a cabeça.

Profª Iva: Não sei se eles nos elogiam entre eles, entre gestores. Mas aí, não adianta! É igual falei, dá uma massageada no nosso ego, pra dar um ânimo novo, um fôlego novo!

Psicóloga: Posso perguntar, o que houve com a sala de professores? Acredito que nunca a vi.

Fiz essa pergunta porque estando na instituição há um ano, nunca vi a sala de professoras. Perguntei algumas vezes, mas nunca souberam responder, ou não queriam contar no momento. E achei estranho uma instituição de educação infantil não possuir um espaço

onde as educadoras pudessem conversar, trocar ideias, tomar um café, ou mesmo sentar para preparar aula, corrigir algo...

Profª Alyssa: A gente tinha!

Profª Laísa: A gente ia lá tomar um cafezinho na nossa mesa maravilhosa.

Houve muito riso em baixo som, e troca de olhares, olhares cúmplices.

Psicóloga: Por que tiraram a sala?

Todas falando ao mesmo tempo: Ninguém sabe. Um dia a gente chegou e estava arrumando, no outro dia a gente chegou e não tinha mais. Não falaram nada. Não estão nem aí com a gente, não.

Riram muito, mais uma vez. Porém, percebi que era nervosismo e inquietação com o assunto.

Psicóloga: Entendo... E quando vocês precisam ou querem fazer alguma atividade, preparar algo. Onde isso é feito?

Profª Queila: É na sua sala. Ou melhor, na sala em que você dá aula.

Psicóloga: E o que vocês acharam e acham disso?

Profª Queila: Ah... Os nossos horários tão sendo cumpridos, né, então eles não estão nem aí.

Profª Alyssa: Sabe, por que está acontecendo isso? Porque a gente não se une pra buscar os nossos direitos!

Educadora Laísa: Mas aqui não adianta, eles não ouvem.

Profª Queila: Vamos fazer uma greve, todo mundo descansa!

Com a fala de Queila, deram muitas gargalhadas altas.

Profª Alyssa: Gente, mas é sério, não recebe as crianças não, pra você ver! Vai pra sua casa... Mas só um dia né, porque você tem que lutar, mas tem que arcar. Faz isso, pra você ver! Você não é valorizado, mas essas semanas eu fui atrás e estou: “gente, vamos se unir?!”,

e nada... Eles, estão demorando até pra entrar. O tempo inteiro aqui é assim “vamos formar valores!”, então ta, então vamos formar! Cedo, na hora de entrar, não colocou um horário? Eu não entro, mas outro entra!

Psicóloga: Vocês estão se referindo às crianças, certo?

Profª Queila: Às crianças!

Profª Stéfane: Mas eu vou falar uma coisa, não são todas as crianças que entram, não! Eu já vi e vejo sempre. Entra mesmo depois do horário. Tem criança sendo escolhida. Eu já vi pai chegar atrasado aqui, explicar, e ter que voltar pra casa com o filho, mas a outra criança entrando. Abrindo o portão e a criança entrando.

Educadora Moena: Aí, você dá café pra sua turma, e você...

Profª Beatriz: Aí, você vê o portão abrindo e tem que deixar os 15 pra dar café pra dois, porque pra turma toda você já deu.

Profª Alyssa: Eles abrem o portão sem nem te falar: ‘dá comida pra esse menino aqui’, é assim... Mas, assim, não era pra criar valores? Então vamos no mínimo seguir as regras. A gente não está seguindo?

Educadora Beatriz: Se a gente tem que chegar na hora, as crianças também. Eles dão uma brecha sabe...

Profª Cida: Mas, assim, a gente acata e obedece a tudo que falam sabe.

Profª Alyssa: Eu reclamo! Eu reclamo de tudo, e as meninas sabem. Tudo o que acontece aqui, eu reclamo.

Profª Stéfane: Eu acho, Camila, que esses encontros que você está fazendo, realmente, assim do meu ponto de vista, elas tinham que estar junto. Porque às vezes acontece as coisas na secretaria e nós não temos nada a ver! Só que os pais vêm em cima da gente! Eles vem saber da gente. E aí a gente fala: “vai na secretaria, não sou eu que resolvo essas

questões” e eles ficam bravos com a gente. Já aconteceram coisas lá, e eles vieram reclamar com a gente aqui, como se nós fôssemos responsáveis!

Profª Iva: Até que teve aquele dia do cinema!

Profª Stéfane: É! Eles reclamam com a gente!

Neste ponto, achei importante fazer uma pausa e explicar novamente as razões pelas quais os encontros estavam sendo realizados com elas apenas. Relembrei os objetivos e importância da pesquisa. Sem, ao mesmo, desvalorizar o que diziam. De fato seria importante uma conversa com a gestão. Porém, mostrei que isso poderia acontecer em outro momento que fosse reservado e destinado para isso.

Educadora Moena: Eu penso assim, que o que a Camila está nos proporcionando com esse trabalho que ela já nos apresentou, é justamente pra gente ter esse momento. Porque nunca aconteceu antes, de colocarmos os pingos nos is. E nós, como profissionais, temos que convocar uma reunião com elas, e a gente tem que ser clara com relação ao que está acontecendo aqui.

Educadora Beatriz: Beleza, eu concordo. Mas, eu penso assim, que se numa reunião dessa eu falar e pontuar ou pedir algo, eu preciso que outras concordem e deem apoio ao que falo “olha é isso aqui também, é isso mesmo”.

Profª Stéfane: É, não adianta nada, aqui, todas falarem tanto. Aí chega lá, uma fala alguma coisa e as outras ó [fez o sinal de fechar um zíper nos lábios].

Profª Alyssa: Você trabalha 8h por dias, né? Depois você trabalha mais 8 na sua casa. Você levanta de madrugada, e dorme de madrugada. Meu plano é esse. Isso, eu falando pra elas, né. E escutei “mas por que você leva trabalho pra casa?”. E eu só falei: “você quer que eu faça que horas? Se o tempo que eu tenho, eu tenho que olhar menino?” Está certo que a gente tem que olhar, ma não pode ter essa cobrança! Eu acho assim, a escola está mudando muito. Não era assim.

Psicóloga: Como era?

Profª Alyssa: Eu nunca trabalhei em ONG. Mas, já trabalhei em prefeitura. A prefeitura não é assim. A prefeitura, escola do município. Agora a ONG está ultrapassando a prefeitura. Ela, ela está... Não sei se quer mostrar serviço, ou se quer ser o modelo. Entendeu? Mas isso não serve pra quem está aqui dentro, no dia a dia. Fere os direitos da gente, dentro e fora da escola. A gente tem que fazer planejamento e, aí, você dá dois pulos no mês, por quê? Porque eu tenho que fazer avaliação.

Educadora Isabela: É, e por que não começar desde o início do ano isso com as professoras? Porque é um desrespeito com elas. Elas têm o horário de modulo delas.

Profª Alyssa: De modulo nós temos 1h e planejamento, 1h por semana.

Profª Queila: Agora deu uma melhorada. A cada sete dias a professora vai, sai 1h30min e não volta mais naquele dia. Melhorou. Mas antes, era uma coisa assim, que não era nada direito. Antes eu tinha 1h na semana pra fazer meu planejamento. Nessa 1h eu tinha que arrumar meu caderno, e não dá tempo... Porque às vezes você vai planejar uma aula e quer fazer um cartaz, quer fazer com capricho as coisas que quer fazer. Pesquisar! Aí, alguma coisa nessa 1h e não dava, e pronto. Mas aí, semana que vem eu tenho que entregar o meu caderno!

Profª Alyssa: Aí, é uma lei. Tem uma lei que fala que você saiu da escola, colocou o pé pra fora, você esquece. Mas é só uma lei, porque ou você leva o trabalho pra casa, ou você se ferra. Não é justo.

Profª Queila: Agora é modulo em casa. O educador tem meia hora de quinze em quinze dias, se tem, né!

Laísa: E nem dá pra reclamar, eu já tentei, e me falaram que quando você assina o contrato de trabalho você está se comprometendo com tudo o que a escola disser.

Profª Alyssa: Pois é, e a moça me falou que, por lei, eu não posso levar nada pra casa.

Educadora Laísa: É?

Profª Alyssa: Eu... Eu não sei todas, né? Porque quando eu fui falar com ela, eu reclamei por mim, eu falei: “Aí, você fica sem marido né? Você fica solteira, largada. Seus filhos ficam jogados. Sua casa dá bicho. E você não tem mais lazer.” Aí a Iva chegou bem nessa hora, não é? Ela falou assim “Ah, Iva, você também está levando trabalho pra casa?” E eu pensei: gente, não é possível que ela vai mentir!

Profª Iva: Eu falei: “estou levando também, sempre!”.

Profª Alyssa: Não é possível, achei que estava ficando louca aquela hora já e que só eu levava.

Profª Queila: Todo mundo leva! Estou acordando de madrugada pra fazer coisas! Minha mesa está lá, cheia de bagunça, de papel.

Educadora Beatriz: Todas nós aqui precisamos é de um tratamento especial com você, porque a gente está quase no fim!

Psicóloga: Então! É engraçado, porque a gente começou perguntando, né, como que o psicólogo pode trabalhar dentro da escola. E começou a surgir esse tanto de coisas. E eu confesso que foi muito bom vocês terem falado coisas que fugiram da temática da medicalização, vocês foram além dos problemas relacionados apenas a um sujeito, relacionados a diagnósticos... Então, o que um psicólogo faz numa escola é justamente um pouco de tudo o que vocês estão falando. Por quê? O psicólogo trabalha no meio dessas linhas [apontei para os barbantes no chão]. Mas, a gente precisa entender e ter claro, que o trabalho do psicólogo não é como em uma mágica, onde ele chega, conversa, faz reunião, faz palestra, faz grupos, e pronto, problema resolvido. Mas, trabalha no seio das relações. E tudo isso é um processo que exige certo tempo.

Profª Iva: Nossa tinha que fazer um negócio desse [se referindo ao encontro] com todo mundo! Porque direto falta o tal do diálogo e lá no calor do momento, você já solta um

“pega isso aí pra mim rápido”, e já fica um mal entendido ali, fica ignorando... E fica aquele clima chato. E aqui, todo mundo falou: companheirismo, mais amor, mais diálogo, mais não sei o que...

Profª Fabiana: Tem gente que, você só foi lá tomar um café [se referindo agora a equipe da cozinha], vira e fala “Acabou o café!”. Ela contou isso fazendo uma careta e com uma voz que fez lembrar a voz de bruxas em desenhos animados.

Mais uma vez, um momento de muitos risos.

Profª Fabiana: Eu fico chocada com a falta de educação, às vezes. Porque, assim, se a gente atrasou pra ir comer, gente, a gente não estava brincando nem dormindo. A gente estava trabalhando. Já aconteceu varias vezes, almoço, eu já cheguei pra almoçar “Acabou o almoço!”.

Profª Alyssa: Eu já fiquei sem almoço, e eu pago!

Aqui, elas começaram a falar, contar casos e rir todas ao mesmo tempo. Foi necessário pedir que falassem uma por vez, e lembrei-as de que poderia prejudicar a gravação.

Profª Stéfane: A contribuição que damos pro almoço é muito justa.

Profª Fabiana: Sim, mas o que falo é a questão do mínimo, de ser bem tratado. Não é comer frio, não é não ter.

Profª Stéfane: Já aconteceu de eu chegar pra almoçar e a comida estar fria. Falei com a Foizer e ela falou “Vai lá e pede pra esquentar” e eu só falei “Eu não”.

Várias professoras ao mesmo tempo: Ninguém quer ir!

Profª Stéfane: Então ela me autorizou, a Brenda [essa pessoa não era uma das participantes do grupo]. Ela falou que eu podia me limpar colocar a toca, e eu mesma esquentar. E é o que eu passei a fazer.

Educadora Beatriz: Eu sempre que vou lá, olho no olho, tudo o que fazem eu agradeço, eu olho bem e falo: “meninas, obrigada!” E saio, eu agradeço. Então, isso quer

dizer que eu valorizo o trabalho delas. E eu penso assim: a gente tá sendo educada com elas, então elas deviam ser com a gente também.

Profª Alyssa: Sabe aquele ditado: “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”? Então, a ONG foi modelo, né, na prefeitura, modelo deles, lá. Mas eles não sabem de nada daqui de dentro.

Profª Cleia: Você vai numa sala e vê se alguém está sorrindo. Ninguém consegue. Aqui está vencido.

Profª Fabiana: Ah, aqui se o menino “cagou” na roupa tudo, a culpa é sua também. Então, assim, aqui você é cotada, é... é pressionada por tudo. Então assim, isso é muito ruim. Igual hoje, o menino chorou e a gente teve que ouvir quase por uma hora. Hoje de manhã! Então, assim, a gente não pode mandar o menino calar a boca, a gente não pode fazer nada, não somos mãe.

Profª Alyssa: Então, a gente pede ajuda. Elas falam que o ano tá acabando e não vão contratar funcionários. Mas até a limpeza está sobrecarregada. É todo mundo!

Educadora Laísa: Todo mundo tem que ajudar a limpar.

Educadora Beatriz: Eu não concordo, assim, por exemplo, eu tenho algo pra reclamar, aí eu reclamo, vamos supor, ali pra professora. Se ela fez algo errado, eu chego lá e falo só com ela, corrijo, ensino, ajudo ela ali. Mas, não, se a gente faz algo errado, eu vejo, chego na frente de todo mundo e falo. Isso machuca, isso não se faz. É vergonhoso, porque expõe. Aí você fica sem jeito, se sente incompetente. Eu... Algum tempo atrás, eu cheguei na oração, fui corrigida na frente de todo mundo e não gostei, achei errado. Porque aí tem os professores, os educadores, tem todo mundo pra ouvir tudo isso. E por causa de uma pessoa que fez alguma coisa! ‘Ah, porque a gente tem que mostrar como que tem que fazer’, não! Você quer ensinar a pessoa a fazer alguma coisa, chama só ela.

Profª Paula: Mas isso aí não é só no momento da oração, não!

Educadora Laísa [falando bem baixo, como se estivesse com receio de outras pessoas escutarem]: Ah, a direção, é sempre a direção!

Profª Fabiana: Um dia, a Cleia falou uma coisa logo cedinho, e me marcou muito e até hoje lembro e fico pensando... Que foi, ela falou, né: “não me faz pecar não, gente”, e aquilo ali foi... Sabe por que? O que ela falou veio no meu coração. Porque não adianta a gente estar ali orando, junto, entregando nossa vida pro Senhor, se depois fica desse jeito. O que que a gente está levando? Essa oração nem chega a Deus. Ela falou certinho, não faz eu pecar, não.

Profª Queila: Deixa eu te contar uma coisa, você vai ficar horrorizada. Eu já falei pra mim mesma, se eu chegar atrasada... O nosso horário de entrada aqui dentro é 7h, se eu chegar aqui de novo e escutar gente gritando comigo: “você ta atrasada, Queila!”, eu viro e vou embora pra minha casa. Aí, o que eu pensei, pra evitar esse tipo de coisa, de eu voltar pra trás, se eu chegar 7h em ponto e eu não estou de bom humor e a pessoa falou alto comigo e me maltratou, já aconteceu: meu marido foi embora com o lixo! A gente estava com o lixo dentro do carro, pra gente jogar fora, e no desespero pra não chegar atrasada pedi pra ele me deixar antes e ele acabou esquecendo e o carro só não ficou fedendo porque tava fresco, porque se não...

Profª Gio: Bom, eu acho o seguinte, minha opinião é essa, se você chega cinco pra 7h, você tem que sair 5 pra 17h.

Com essa fala, professora Gio foi aplaudida por todas, e houve mais um momento de muita risada.

Educadora Laísa: Aqui, a gente chega... Eu já cheguei faltando cinco pra 7h, e antes de orar, ela pega e olha pro relógio olha pra minha cara e diz assim “são cinco pra 7!” [fez uma careta ao falar, como se quisesse imitar em tom de zombaria a pessoa de quem estava falando] tipo assim, depois disso, que disposição você tem pra orar? Eu mesma não vejo o

olho pra orar! Não adianta, porque pra que essa oração? Aí, ela pede pra Deus, mas por fora está todo mundo assim. Eu mesma não fecho os olhos.

Profª Fabiana: Eu vou falar algo meu! Um dia eu cheguei com meu neném né, meu menino. De bicicleta, e tava chovendo, e ele geladinho os pés... Uma pobreza! E ela me olhou e só falou “isso é hora?” e aquilo assim, me doeu. Nossa, eu tive vontade de voltar. Porque ela virou depois e falou assim “olha quantas horas!” e olhando pro relógio e pra mim, e assim, um olhar que nossa... quem viu? E eu tava de bicicleta, molhando, meu filho molhando porque eu tava custando pedalar e segurar o guarda-chuva e os materiais ao mesmo tempo. Gente a vontade que eu tenho é de jogar a bicicleta, por que como você já chega no serviço assim?

Profª Luci: Falta compreensão.

Profª Queila: Uma pessoa que não sabe, né. Só quer saber dela. Porque a gente não atrasa porque tava dormindo, a gente nem dorme. A pessoa não sabe o que aconteceu na sua casa!

Profª Fabiana: Nem pergunta!

Profª Zilda: Eu já cheguei atrasada porque fiquei trancada em casa. Cheguei e entrei direto aqui e ninguém nem me perguntou nada.

Educadora Laísa: Eu acho que todo mundo tem direito de falar. E aqui a gente vai falar e muitas vezes ignoram. E a argumentação dela é que já sabe e já ouviu. E ela fala que ouve. Mas é um ouvir assim... “Se você não está gostando, seja dona do seu próprio negocio.”

Profª Fabiana: As pessoas que participaram dessa cena vão saber do que eu to falando. No dia do cinema... Teve uma situação numa sala de uma professora tentar explicar a quantidade de crianças que ela estava levando pro cinema. E a outra pessoa que estava perto, que é acima de nós, né, é peixe grande, não deixou ela explicar. Pois a menina calada, e eu tinha entendido o que a professora queria passar, mas não deixavam ela falar e colocaram ela doidinha achando que uma criança tinha sumido. E o peixe grande falou: não tem argumento!

E gente aquilo me chateou, porque eu sou mãe, eu sou chata, sou enjoada com meu filho e acho que isso é normal de toda mãe. E aquilo me deixou tão triste, porque “não tem desculpa, não tem explicação, você não tem voz”. A professora estava certa, eu custei entender o que ela queria dizer e, quando entendi, fiquei tão envergonhada! E tentei ajudar, mas não adiantou. Foi como se ela tivesse levado 15 e falaram que só tinha 10 [crianças]. Entendeu? Que tinham sumido, desapareceu no shopping. A professora estava certa, estava na razão dela. Queriam colocar na cabeça dela que sumiram. E aí, por fim, essa professora, gente, ela não é de muito... “é falou, acabou” sabe. Aqui eles só falam, não querem saber de ouvir.

Educadora Laísa: Aqui é tipo assim, você vai falar alguma coisa, aí enquanto você está mostrando seu ponto de vista, ela não deixa você terminar a frase. Começa com algo da cabeça dela e vai. Você tenta e nada. Você nunca tem razão.

Profª Stéfane: Na verdade é assim, é mais a ferro e fogo. A última palavra é deles e a gente tem que acatar. Até quando a gente sabe que alguma coisa é melhor feita de outro jeito... Fala que tem, mas não temos voz. Não temos nem liberdade de expressão. E acaba que todo mundo segue a linha.

Profª Fabiana: É, não adianta! Somos coagidas. Mesmo que a gente diga, fale, não adianta. Tudo tem que ser sempre do mesmo jeito, do jeito certo que é sempre o delas.

Profª Alyssa: Eu acho que esse módulo que eles deram, de ir pra casa, foi porque eu reclamei. Porque a gente pode... A gente está adoecendo. Eu entrei aqui há pouco tempo, e já quero sair! E ela sabe das coisas, só ignora.

Psicóloga: Quanta coisa! E quanta coisa importante! Eu sei, e todas vocês também sabem, que existem muitas coisas que precisam ser modificadas e melhoradas. Principalmente, como vocês contam, nas relações. E preciso dizer que trabalhar nas relações é algo que o psicólogo pode fazer e tudo isso que vocês relatam é extremamente importante. Acredito que hoje vocês puderam ver melhor que estão “na mesma página”, buscando as

mesmas coisas e passando por situações parecidíssimas. Que de hoje em diante vocês possam formar um time que trabalha nesse sentido, por mais que ainda temos nós, ainda temos questões de pessoas que não estão participando dos encontros. Mas, precisamos nos lembrar de que essas pessoas, mesmo não estando aqui, compõe esse mesmo time dentro desta escola. E por isso, eu gostaria de encerrar nosso encontro tão rico e cheio de movimentos, com uma música do Gonzaguinha, que se chama Caminhos do Coração. Tudo o que vocês trouxeram me fez ir pensando muito nessa música e no quanto, mesmo com trancos e barrancos, dependemos um do outro. Do quanto também crescemos quando nos deparamos com um nó. Nós existem, o que faremos com eles? Penso que o trabalho, falando das relações, daqui pra frente, pode ser nesse sentido. Nós existem, o que faremos então? Como lidar com eles, como desfazê-los? Vou colocar a música. Vamos pensando um pouco nisso que eu disse, naquilo que vocês falaram e ouviram hoje aqui.

Enquanto ouvíamos a música Caminhos do Coração⁴⁷, algumas professoras se emocionaram. Ao final do encontro, eu não disse mais nada. Elas sabiam que havia acabado, foram se levantando sem pressa. O que foi diferente dos outros encontros. Havia algo de diferente. E então, elas começaram a se abraçar. Eu continuei sem dizer nada. Nenhum de nós disse uma palavra nesse momento e acredito que não era necessário. Também dei e ganhei muitos abraços. Os abraços que ganhei foram daqueles que deixam os ombros úmidos. E assim se encerrou o nosso penúltimo encontro.

4º Encontro Reflexivo

Tema: *Construindo práticas desmedicalizantes*

⁴⁷ Para ouvir a música de Gonzaguinha, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=KO7v3rmzI5E>.

Por ser o último Encontro Reflexivo, para iniciar fizemos uma retrospectiva sobre tudo o que havíamos visto, ouvido, compartilhado e aprendido desde o primeiro encontro. Para isso, levei alguns momentos importantes em slides para que pudéssemos ir recordando juntas. Durante esse processo de lembrar e conversar sobre o que ficou e marcou de cada encontro, levei para projetar algumas imagens da obra de Rafael Assaf que esteve no MUNA – Museu Universitário de Arte⁴⁸, que é um órgão complementar do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.



⁴⁸ Para conhecer um pouco mais sobre o MUNA e seu acervo, acesse: <http://www.muna.ufu.br/>.

Depois de alguns minutos para que apreciassem, perguntei me referindo aos encontros: Como tudo isso que trocamos aqui te marca?

Profª Iva: Honestamente eu gostei demais poder falar de tudo, do trabalho, mas mais de mim. Aqui mesmo, agora, quando você mostrou essa imagem dessas tatuagens, me lembrei de coisas que me marcaram até na infância. Fui longe! Lembro que na minha infância eu não pude ter muitas bonecas, meus pais não tinham dinheiro e eu pegava bonecas que achava jogadas na rua, no lixo... Na maioria das vezes, estava sempre faltando um pedaço, e aí eu as arrumava com garrafa pet ou sei lá, qualquer coisa que coubesse onde estava faltando alguma coisa... E hoje, eu vejo que isso afeta meu trabalho! Por conta disso, eu tinha que ser muito criativa e às vezes brincar com coisas que ninguém achava que podia virar brinquedo. Daí, hoje eu consigo fazer isso com os meninos na sala de aula. Hoje eu consigo trazer sucata, essas coisas, e trabalhar com eles a criatividade. Qualquer coisa pode virar brinquedo!

Iva contou de sua vida e sua prática com os olhos marejados.

Profª Iva: Sem contar que eu também dei uma lembrada boa do meu tempo de escola. Eu gostava demais de estudar, na roça a diversão era com tudo, mas aí, na escola, as coisas eram diferentes. Mas, mesmo assim eu gostava! E achei interessante, Camila, que eu lembrei de coisas que não sabia que eu fazia. Tipo, aquele negócio da professora que me esculachava porque eu queria fazer as coisas com a cor que eu queria, essas coisa, sabe? Então, depois que te falei aquilo, aqui nos encontros, eu comecei a prestar atenção e percebi que eu fazia a mesma coisa com os meus meninos hoje, na sala de aula. E aí fiquei um pouco chocada. Mas, foi bom que vi e entendi sabe? Não repito mais.

Psicóloga: Sim! Muitas vezes repetimos mesmo aquilo que vivemos, aquilo que fizeram conosco. E às vezes nem percebemos, Iva. Fico feliz de ouvir que você tem levado muitas coisas desses encontros pra sala de aula. Alguém se identifica um pouco com o que a Iva nos traz?

Educadora Beatriz: Nossa, eu tenho levado coisa demais! Até pra fora da escola eu levo Arte agora! Comecei a prestar mais atenção ao meu jeito, meu olhar. Tudo. Até o jeito que eu falo agora é diferente. O jeito de falar, sabe? Fico sempre lembrando daqui.

Profª Isabela: Eu falei bem pouquinho, mas não acha que eu não estava aqui, não, viu? Eu estava bem presente. Acho que todo mundo vai agradecer que eu mudei também.

Profª Paula: Ela avisou que a Arte transforma né? Tinha razão! Tinha gente que eu precisava tirar de lá de casa e trazer pra cá, pra ver se muda também.

Paula disse isso em tom de brincadeira, todas entenderam e riram. Porém, a parte em que diz que eu tinha razão sobre o poder transformador da Arte foi levada a sério e muitas concordaram com movimentos afirmativos com a cabeça.

Psicóloga: Me lembrei de um trechinho do Mário Quintana! No nosso último encontro vocês falaram de tantas coisas importantes e ao mesmo tempo difíceis, e hoje eu escuto bastante sobre as marcas e mudanças... Não pude deixar de pensar nisso:

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas.
Mário Quintana*

Depois que li esse trecho, fiz uma pausa na fala. Deixei-as pensar um pouco e relembrares sozinhas também, um pouco do trajeto que fizeram. Cada uma teve o seu. Muitas choraram nesse momento. Acredito que por ser o último, algumas já chegaram lá muito sensíveis com todo o processo que iniciamos.

Educadora Beatriz: Vai ter mais ano que vem?

Profª Queila: É verdade, você podia continuar!

Psicóloga: Bom, inicialmente combinamos só os quatro encontros. Mas, podemos pensar nessa possibilidade, sim! E apenas para darmos continuidade: vamos pensar em práticas desmedicalizantes? Diante de toda essa realidade que conversamos o que pode ser

feito? Pensando no trabalho em equipe entre professores e psicólogo. Se estamos diante da medicalização e conversamos tanto sobre ela, e tantas questões ligadas ao relacionamento entre todos da instituição, o que fazer? Pensar em práticas desmedicalizantes! Alguém aqui curte Caetano Veloso? Trouxe um música dele que faz um questionamento interessante...

Ouvimos “Cajuína”, de Caetano Veloso. O questionamento ao qual eu me referia era “*existirmos, a que será que se destina?*”, inspirada também, por minha viagem a Salvador para participar do Fórum sobre Medicalização da Educação. Durante o evento, a canção esteve presente em diversos momentos.

Depois, instruí que elas se dividissem em dois grupos, e conversassem entre si sobre o que e quais seriam as práticas desmedicalizantes possíveis no contexto daquela instituição. Após alguns minutos de conversa entre elas, pedi que retornassem à roda.

Profª Iva: Nossa, estou arrepiando tudinho até agora! Acho que uma prática desmedicalizante que já podemos adotar aqui, é ter um contato mais próximo com as famílias. Porque isso ajuda muito, já ir conhecendo a rotina, a realidade das crianças. Trazer a família mais pra perto, ser parceiro mesmo. Que aí, se surgir alguma dificuldade com a criança pelo caminho, fica mais fácil de resolver assim. Porque isso de encaminhar e tudo mais, acho que mostra muito a falha na comunicação, nessa relação.

Profª Queila: Gosto disso Iva, concordo. Ah, e também fiquei arrepiada com a música viu? Aqui a gente falou que podemos ter mais Arte na escola também. Porque aí as crianças e a gente também, vai poder expressar mais e melhor tudo. O que sente, o que pensa. Sabe? Parece que extravasa! E, às vezes, a gente não sabe falar alguma coisa, a arte ajuda a falar. As crianças às vezes tão numa situação em que não sabem falar alguma coisa, a arte pode ajudar nisso também. E aí aquilo que antes não era falado, aquilo que era esquisito né, fora do padrão, a arte vem e é como se explicasse pra gente.

Profª Paula: Eu sou meio calada mesmo, vou falar só um pouco. [Quase todas as professoras riram e lançaram olhares de incentivo à colega]. Eu nunca vi ninguém fazer isso que você faz aqui na escola, Camila. Chegou querendo conversar com todo mundo, aberta pra tudo. Achei diferente, mas um diferente bom. Bom até demais pra parecer a escola! [Mais uma vez, muitas risadas]. Eu concordo com tudo que falaram, que podia continuar e que a escola podia ter Arte aqui dentro mais vezes. O máximo que a gente faz é levar os meninos no teatro e é bom, mas a gente também quer Arte pra nós! Porque fez diferença esse tempo aqui, foi só quatro, mas pra mim parece que valeu pelo ano inteirinho. Agora pensa se tem sempre! Nossa, nem sei o tanto que podia ajudar e mudar viu. Vai pensando em ficar por aqui, porque a gente não quer deixar você ir embora, né não, gente?

Profª Cleusa: Estamos até combinando como te prender aqui!

Nesse momento houve muitas risadas e falas de concordância com a fala de Cleusa.

Psicóloga: Ai, ai, vocês são demais meninas! E eu fico muito tocada, feliz mesmo, de ver que não só gostaram, mas que também mudaram. Acho tão legal quando existe espaço pra troca, como fizemos nesses encontros...

Fui interrompida por Iva neste ponto. E só então percebi que todas estavam diferentes de fato, desde o início deste encontro. Diferentes no sentido de parecerem ansiosas, como se quisessem sair dali. E então, achei estranho, estavam falando que haviam gostado e queriam mais. Mas, ao mesmo tempo, estavam distraídas, com cochichos e risos baixinhos. Muitas olhavam o celular de vez em quando, o que não aconteceu antes em nenhum encontro.

Profª Iva: Não! Espaço pra troca, pra escutar, pra falar, conversar tranquilo! Espaço pra falar o que pensa, né, pra rir! A gente deu muita risada aqui. Espaço pra aprender e ensinar, porque eu acho que todo mundo que tá aqui aprendeu e ensinou alguma coisa viu Camila! Acho que você deve ter aprendido com a gente e eu sei que aprendemos com você.

Achei bonito! Uai! A gente está aqui falando de prática desmedicalizante, isso aqui tudo que você fez pode ser uma, e uma das boas!

Psicóloga: Realmente, fizemos juntas um trabalho bonito, Iva. Construimos espaço pra tudo isso que você disse, que bonito...

Educadora Laísa: Vamos ver se vamos nos manter, hein, gente! Pelo amor de Deus não vamos voltar ao que era, hem!

Todas riram muito, concordando com Laísa.

Psicóloga: Como era Laísa?

Educadora Laísa: Esquisito, apagado! Parece que todo mundo tinha medo de todo mundo, não sei te explicar direito. Mas, parece que... Ah! Sabe o negócio dos barbantes da outra vez? Então, antes a gente tinha um zilhão de nós entre os fios. Uma loucura. Agora o caminho é mais fácil de caminhar. E assim, é mais fácil não porque os nós sumiram. Na verdade, os nós estão praticamente tudo lá, ainda. A diferença é que agora a gente sabe lidar com eles, a gente sabe achar novos caminhos e uns jeitos diferentes de fazer e de lidar com tudo e todos.

Profª Stéfane: Verdade! Eu senti até menos estresse na hora que dei de cara com um desses nós!

Profª Iva: Porque é isso, né? A gente acha que o psicólogo vai chegar aqui e salvar todo mundo de todos e de nós mesmos. Mas, nem é isso. Você não veio salvar ninguém, não veio ensinar o jeito certo, nada! Você veio pra abrir os olhos, pra falar que tem muitos jeitos de ver, né, de viver. E que tudo bem! Você veio pra isso eu acho, abrir os olhos. E aí, quando isso acontece, a gente consegue enxergar uns caminhos novos... Às vezes até mais bonitos!

Neste ponto, quando eu ia falar e tentar continuar essa troca, fui interrompida novamente. Dessa vez, ficaram de pé, todas.

Profª Iva: Bom Camila, a gente está aqui e não está aguentando mais. A gente sabe que é o último encontro, ninguém queria, né, mas é. E aí, a gente estava pensando e pensando e queria muito fazer alguma coisa pra encerrar. Mas, alguma coisa legal e uma forma de te agradecer por tudo isso. Porque você fez um trabalho bonito... Eu acho que falo por todas nós, quando eu falo que você foi a primeira pessoa que escutou a gente. A primeira que quis escutar e que fez isso de verdade, sabe? Você nos deu olho no olho e estendeu a mão. A gente sabe que dá trabalho, porque abrir um caminho assim, igual você fez, não é pra qualquer um não! E a gente olha pra você assim, tão novinha né, gente? Chegou aqui essa menina, magrelinha e que fala bonitinho. A gente ficou meio assim no começo, mas aí você abriu a boca, começou a falar e pronto. Ficou todo mundo querendo conversar com você. E assim, não demorar mais, porque se não eu choro. Vocês sabem que eu sou chorona e ainda mais aqui que eu sei que existe espaço até pro choro! Mas enfim...

Iva fez uma pausa, chorou. Outras se emocionaram, inclusive eu.

Profª Iva: Ai, ai! Enfim, Camila, a gente queria agradecer e a gente sabe que você adora um lanche!

Educadora Beatriz: Quem vê assim nem imagina o tanto que come!

Muitas risadas. Foi um Encontro leve e todas estavam demonstrando estar à vontade, despreocupadas.

Profª Iva: E ah! Chega, vamos lá pra você ver o que tem pra você. E ó, só eu falei isso aqui, mas a gente combinou. Então, é como se todo mundo tivesse falando o que falei ta? A gente vai levar tudo isso daqui com a gente, que nem aqueles quadros da tatuagem que você mostrou hoje pra gente. Está tudo tatuado em nós agora!

Psicóloga: Nossa eu fico sem palavras! Quando a gente começa um trabalho, a gente sempre tem muitos planos e expectativas, né? Nunca dá pra saber como vai ser. E estar aqui superou minhas expectativas. Tudo que ouvi e o quanto aprendi também! Eu não imaginava

que o caminho seria tão bonito assim e encerramos juntas, como começamos. Eu não sei nem o que dizer depois de ouvir tudo isso! Mas, acho que obrigada! Obrigada pela presença, pelos olhares, pela escuta. Obrigada por terem compartilhado tanto, sobre tantas coisas! Foi muito rico estar aqui. Obrigada!

Ganhei um abraço coletivo. Elas me levaram até o refeitório, onde havia muita comida! Pizzas, tortas, doces e refrigerantes. Isso porque, sempre tentei levar um cafezinho para os nossos encontros. Sempre, antes ou depois, tomávamos café com pão de queijo, às vezes biscoito ou bolacha. O que era possível que eu levasse. Às vezes não havia tempo para ficar lá após o encontro lanchando, então eu deixava tudo em uma mesa próximo à nossa roda e elas iam levantando para pegar e retornavam para a cadeira. Acredito que o lanche favoreceu bastante os encontros. E por fim, segue uma imagem de uma das mesas servidas nesta surpresa de encerramento.

Mesa da surpresa de encerramento preparada pelas participantes.

